

**AMANDA DUARTE BLANCO**

**O SEMANTICISMO PROTOTÍPICO DA PREPOSIÇÃO *DE***

**PORTO ALEGRE  
2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA, SEMÂNTICA E LÉXICO**

**O SEMANTICISMO PROTOTÍPICO DA PREPOSIÇÃO *DE***

**AMANDA DUARTE BLANCO**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA SABRINA PEREIRA DE ABREU**

**Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise  
Lingüística, apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre pelo  
Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.**

**PORTO ALEGRE  
2007**

À minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Doutora Sabrina Pereira de Abreu, pela competência, dedicação e paciência.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e ao Instituto de Letras. Aos professores do Mestrado e da Graduação, pelas excelentes aulas ministradas.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, sem a qual este trabalho não teria sido realizado.

Aos meus pais, Walmir e Verbena, e meu irmão, Pedro, pelo incentivo e carinho.

Ao meu marido, Rafael, pela compreensão por minhas ausências e pelo apoio constante.

À colega Noimann, pelo companheirismo e amizade.

Aos amigos da sala 110, em especial à Paola e à Joseane, pelas sugestões e conselhos mais do que bem-vindos.

Aos amigos do setor de Latim da UFRGS, em especial à professora Lúcia, pelos ensinamentos e pela ajuda nessa caminhada.

## RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar o semanticismo da preposição *de*, contribuindo para a sistematização e organização da informação etimológica em textos lexicográficos. Para tanto, primeiramente realizou-se um estudo de diferentes sincronias da preposição *de* por meio de consultas a verbetes dessa preposição em dicionários de latim, dicionários etimológicos e dicionários dos séculos XIX, XX e XXI. Tal estudo partiu da observação das acepções latinas de *de* que se mantiveram ou desapareceram no português através dessas sincronias, com o objetivo de se identificarem os traços semânticos etimológicos da preposição. A partir daí, passou-se à análise dos sentidos expressos pelas acepções sincrônicas do século XXI através da Teoria dos Protótipos de Kleiber, em sua versão Ampliada, contrastando-se as relações semânticas entre os sentidos atuais e aqueles que lhes deram origem. Com base nesses dados, apresentamos uma proposta de organização das informações etimológicas da preposição *de* para textos lexicográficos.

## RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo analizar el semanticismo de la preposición *de*, contribuyendo a la sistematización y organización de la información etimológica en textos lexicográficos. Para eso, primeramente se realizó un estudio de distintas sincronías de la preposición *de* por medio de consultas a los verbetes de tal preposición en diccionarios de latín, diccionarios etimológicos y diccionarios de los siglos XIX, XX y XXI. Dicho estudio partió de las acepciones latinas de *de* que se mantuvieran y desaparecieran en el portugués a través de esas sincronías, con la finalidad de se identificar los rasgos semánticos etimológicos de la preposición. Después, se pasó a la análise de los sentidos expresos por las acepciones sincrónicas del siglo XXI a partir de la Teoría de los Prototipos de Kleiber, versión Ampliada, enfatizando las relaciones semánticas entre los sentidos actuales y los sentidos que les originaran. Propusimos, por fin, una posible organización de las informaciones etimológicas de la preposición *de* para textos lexicográficos.

## SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE ESQUEMAS

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

INTRODUÇÃO.....	14
<b>1. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>19</b>
1.1 Os diferentes propósitos dos textos lexicográficos.....	19
1.2 A informação etimológica em textos lexicográficos.....	23
1.3 A metalexiconografia como ponte entre a lexicologia e a lexicografia.....	28
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>32</b>
2.1 Teoria Prototípica Padrão.....	32
2.2 Teoria Prototípica Ampliada.....	40
2.3 O semanticismo da preposição <i>de</i> na perspectiva da versão Ampliada.....	44
2.3.1 A importância do contexto no semanticismo da preposição.....	44
2.3.2 Um possível protótipo da preposição <i>de</i> .....	46
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>50</b>
3.1 Procedimentos de pesquisa.....	50
3.2 Seleção e recolha dos dados .....	52
3.3 Categorias teóricas adotadas na análise.....	55
<b>4. PERSPECTIVAS DIACRÔNICA E SINCRÔNICA DOS SENTIDOS DA PREPOSIÇÃO <i>DE</i>.....</b>	<b>60</b>
4.1 A preposição <i>de</i> : perspectiva diacrônica.....	60
4.1.1 A preposição <i>de</i> no latim clássico.....	61
4.1.1.1 O verbete <b>de</b> no dicionário Latim-Português.....	64
4.1.2 A preposição <i>de</i> no latim vulgar.....	69
4.1.2.1 O verbete <b>de</b> em dicionários etimológicos.....	72
4.1.3 A preposição <i>de</i> nos séculos XIX e XX.....	79

4.1.3.1 O verbete <b>de</b> em dicionários do século XIX.....	79
4.1.3.2 O verbete <b>de</b> em dicionários do século XX.....	91
4.2 A preposição <i>de</i> : perspectiva sincrônica.....	105
4.2.1 A preposição <i>de</i> em dicionários do século XXI.....	106
4.2.1.1 O verbete <b>de</b> no AC Lisboa.....	106
4.2.1.2 O verbete <b>de</b> no Aurélio.....	110
4.2.1.3 O verbete <b>de</b> no Houaiss.....	112
4.2.1.4 O verbete <b>de</b> no Borba.....	114
4.3 O semanticismo da preposição <i>de</i> : do latim clássico ao século XXI.....	120
<b>5. ANÁLISE DA DERIVAÇÃO SEMÂNTICA DE DE SOB A ÓTICA DA TEORIA DOS PROTÓTIPOS AMPLIADA.....</b>	<b>125</b>
5.1 Campo espacial.....	126
5.2 Campo temporal.....	127
5.3 Campo nocional .....	129
5.4 Proposta de sistematização e organização da informação etimológica de <i>de</i> para textos lexicográficos.....	138
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>150</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>156</b>
Anexo 1 - Verbetes <b>de</b> em Moraes (1813) .....	158
Anexo 2 - Verbetes <b>de</b> em Vieira (1873). .....	159
Anexo 3 - Verbetes <b>de</b> em Aulete (1911) .....	176
Anexo 4 - Verbetes <b>de</b> em Freire (1939/1944). .....	178
Anexo 5 - Verbetes <b>de</b> em Morais (1987) .....	180
Anexo 6 - Verbetes <b>de</b> Ac. Lisboa (2001).....	182
Anexo 7 - Verbetes <b>de</b> no Aurélio (2001).....	185
Anexo 8 - Verbetes <b>de</b> no Houaiss (2001). .....	188
Anexo 9 - Verbetes <b>de</b> no Borba (2002). .....	190



## LISTA DE ESQUEMAS

<b>Esquema 1</b> - A dimensão vertical proposta por Berlin (1978). Adaptado de: Kleiber (1995, p.77).....	36
<b>Esquema 2</b> - A dimensão vertical na Teoria dos Protótipos Padrão.....	36

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Representação do sentido prototípico etimológico da preposição <i>de</i> ....	56
<b>Figura 2</b> - Representação do sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MODO e MEIO.....	57
<b>Figura 3</b> - Representação do sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM.....	58
<b>Figura 4</b> - Distribuição entre <i>ex, de, ab</i> , segundo Pottier, (1978, p.133).....	63
<b>Figura 5</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘a partir de, origem’, relacionada às circunstâncias espaciais. ....	126
<b>Figura 6</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘localização’, relacionada às circunstâncias espaciais.....	127
<b>Figura 7</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘naturalidade’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	127
<b>Figura 8</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘desde’, relacionada às circunstâncias temporais. ....	128
<b>Figura 9</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘duração’, relacionada às circunstâncias temporais. ....	129
<b>Figura 10</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘limite no tempo’, relacionada às circunstâncias temporais.....	129
<b>Figura 11</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘a partir de (origem), proveniência’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	130
<b>Figura 12</b> - Representação do protótipo da noção de ‘partitivo’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	130
<b>Figura 13</b> - Representação do protótipo da noção de ‘superioridade, primazia’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	131
<b>Figura 14</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘causa’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	132
<b>Figura 15</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘finalidade’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	132
<b>Figura 16</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘conseqüência’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	132
<b>Figura 17</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘meio’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	133
<b>Figura 18</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘instrumento’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	134
<b>Figura 19</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘matéria’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	134
<b>Figura 20</b> - Representação do protótipo das acepções de ‘conteúdo’ e ‘composição’, relacionadas às circunstâncias nocionais.....	134
<b>Figura 21</b> - Representação do protótipo da acepção de ‘modo’, relacionada às circunstâncias nocionais.....	135
<b>Figura 22</b> - Representação do protótipo das acepções de ‘tenção’, ‘vocaçao e	

profissão'.....	135
<b>Figura 23</b> - Representação do protótipo das acepções de 'posse', 'autoria', 'parentesco', 'qualidade, natureza, caráter' e 'daquilo que é parte', relacionadas às circunstâncias nocionais.....	136
<b>Figura 24</b> - Representação do protótipo das acepções de 'medida', 'duração', 'data', 'idade', 'perspectiva', 'forma', 'peso' e 'valor', relacionadas às circunstâncias nocionais.....	136
<b>Figura 25</b> - Representação do protótipo da acepção de 'assunto e objeto', relacionada às circunstâncias nocionais.....	137
<b>Figura 26</b> - Representação do protótipo etimológico da preposição <i>de</i> .....	144

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Síntese da Teoria dos Protótipos Padrão.....	38
<b>Quadro 2</b> - Exemplificação da noção de semelhança de família, segundo Hilferty (1993, p. 35).....	42
<b>Quadro 3</b> - Dicionários consultados para a análise diacrônica.....	52
<b>Quadro 4</b> - Dicionários consultados para a análise sincrônica.....	54
<b>Quadro 5</b> - Preposições que se constroem com o ablativo.....	62
<b>Quadro 6</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> no latim clássico.....	66
<b>Quadro 7</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> no latim clássico.....	67
<b>Quadro 8</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> no latim clássico.....	67
<b>Quadro 9</b> - Síntese das acepções de FERREIRA.....	68
<b>Quadro 10</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em BUENO.....	73
<b>Quadro 11</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em BUENO.....	74
<b>Quadro 12</b> - Acepções referentes aos sentidos latinos da preposição <i>de</i> .....	77
<b>Quadro 13</b> - Síntese das acepções de FERREIRA e de informações de dicionários etimológicos.....	78
<b>Quadro 14</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em MORAES (1813).....	80
<b>Quadro 15</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> em MORAES (1813).....	80
<b>Quadro 16</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em MORAES (1813).....	80
<b>Quadro 17</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em MORAES (1813) - Acréscimos.....	81
<b>Quadro 18</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em VIEIRA.....	82
<b>Quadro 19</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em VIEIRA - Acréscimos.....	83
<b>Quadro 20</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> em VIEIRA.....	83
<b>Quadro 21</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> em VIEIRA- Acréscimos.....	84
<b>Quadro 22</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em VIEIRA.....	85
<b>Quadro 23</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em VIEIRA – Sintaxe...	87
<b>Quadro 24</b> - Acepções referentes aos sentidos da preposição <i>de</i> no século XIX..	88
<b>Quadro 25</b> - Síntese das acepções da preposição <i>de</i> dicionários do século XIX....	90
<b>Quadro 26</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em AULETE.....	91
<b>Quadro 27</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> em AULETE.....	92
<b>Quadro 28</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em AULETE.....	92
<b>Quadro 29</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em FREIRE.....	94
<b>Quadro 30</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> em FREIRE.....	94
<b>Quadro 31</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em FREIRE.....	95
<b>Quadro 32</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em FIGUEIREDO.....	97
<b>Quadro 33</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em FIGUEIREDO.....	97
<b>Quadro 34</b> -Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em MELHORAMENTOS	98
<b>Quadro 35</b> -Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> em MELHORAMENTOS	98
<b>Quadro 36</b> -Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em MELHORAMENTOS	99

<b>Quadro 37</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em MORAIS (1987).....	100
<b>Quadro 38</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> em MORAIS (1987).....	100
<b>Quadro 39</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em MORAIS (1987).....	101
<b>Quadro 40</b> - Acepções referentes aos sentidos da preposição <i>de</i> no século XX aplicados às circunstâncias espaciais.....	102
<b>Quadro 41</b> - Acepções referentes aos sentidos da preposição <i>de</i> no século XX aplicados às circunstâncias temporais.....	102
<b>Quadro 42</b> - Acepções referentes aos sentidos da preposição <i>de</i> no século XIX aplicados às circunstâncias nocionais.....	103
<b>Quadro 43</b> - Síntese das acepções da preposição <i>de</i> de dicionários do século XX	104
<b>Quadro 44</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> em AC. LISBOA.....	107
<b>Quadro 45</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> em AC. LISBOA.....	107
<b>Quadro 46</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> em AC. LISBOA.....	108
<b>Quadro 47</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> no AURÉLIO.....	110
<b>Quadro 48</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> no AURÉLIO.....	110
<b>Quadro 49</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> no AURÉLIO.....	111
<b>Quadro 50</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> no HOUAISS.....	112
<b>Quadro 51</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> no HOUAISS.....	112
<b>Quadro 52</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> no HOUAISS.....	113
<b>Quadro 53</b> - Circunstâncias espaciais da preposição <i>de</i> no BORBA.....	114
<b>Quadro 54</b> - Circunstâncias temporais da preposição <i>de</i> no BORBA.....	114
<b>Quadro 55</b> - Circunstâncias nocionais da preposição <i>de</i> no BORBA.....	115
<b>Quadro 56</b> - Acepções referentes aos sentidos da preposição <i>de</i> no século XXI aplicados às circunstâncias espaciais.....	116
<b>Quadro 57</b> - Acepções referentes aos sentidos da preposição <i>de</i> no século XXI aplicados às circunstâncias temporais.....	116
<b>Quadro 58</b> - Acepções referentes aos sentidos da preposição <i>de</i> no século XXI aplicados às circunstâncias nocionais.....	117
<b>Quadro 59</b> -Síntese das acepções da preposição <i>de</i> de dicionários do século XXI	119
<b>Quadro 60</b> - As acepções de <i>de</i> relacionadas às circunstâncias espaciais nas sincronias estudadas.....	120
<b>Quadro 61</b> - As acepções de <i>de</i> relacionadas às circunstâncias temporais nas sincronias estudadas.....	121
<b>Quadro 62</b> - As acepções de <i>de</i> relacionadas às circunstâncias nocionais nas sincronias estudadas.....	122
<b>Quadro 63</b> - Acepções sincrônicas que serão analisadas pela Teoria dos Protótipos Ampliada.....	124
<b>Quadro 64</b> - Síntese das acepções sincrônicas em ordem alfabética relacionadas às circunstâncias espaciais e seu protótipo.....	145
<b>Quadro 65</b> - Síntese das acepções sincrônicas em ordem alfabética relacionadas às circunstâncias temporais e seu protótipo.....	145
<b>Quadro 66</b> - Síntese das acepções sincrônicas em ordem alfabética relacionadas às circunstâncias nocionais e seu protótipo.....	146

## INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva analisar o semanticismo da preposição *de*, com vistas a contribuir com a organização das acepções no verbete dessa palavra gramatical em textos lexicográficos, isto é, tanto em dicionários de cunho etimológico quanto em dicionários monolíngües que contenham a informação etimológica em sua microestrutura.

A escolha pela análise do semanticismo de *de* deveu-se ao fato de que essa preposição é uma das mais polissêmicas da língua portuguesa, e, portanto, de difícil descrição semântica. No latim clássico, já era uma preposição de muitos sentidos, mas, com o desaparecimento dos casos e com o maior emprego das preposições no latim vulgar para suprir esse desaparecimento casual, ela acabou por apresentar uma multiplicidade de sentidos. Assim, para que possamos contribuir com a organização das acepções de *de*, precisamos realizar a análise dos sentidos que essa preposição pode veicular. Essa análise estará baseada em uma teoria lexicológica que possibilita o tratamento da semântica da preposição *de*, a Teoria dos Protótipos de Kleiber em versão Ampliada.

Estamos entendendo, então, que a análise semântica da preposição permitirá que possamos contribuir com a organização da informação etimológica dessa palavra gramatical em textos lexicográficos, pois a teoria eleita possibilita a descrição do semanticismo prototípico da preposição. Esta dissertação, então, insere-se no âmbito dos estudos metalexicográficos, pois objetiva propor, a partir de uma teoria lingüística, uma reflexão sobre a forma de apresentar informações etimológicas no verbete da preposição *de*.

Dessa maneira, acreditamos que os textos lexicográficos possam se valer dos estudos lexicológicos. Em geral, a prática lexicográfica, no que concerne a informação etimológica, não se tem apoiado em descrições lingüísticas.

O dicionário de cunho etimológico Houaiss, por exemplo, em sua *Apresentação*, explicita os pressupostos adotados para a estruturação dos verbetes, como podemos observar abaixo.

- a) as definições estão ancoradas em estudos etimológicos;
  - b) as grandes famílias lexicais são estabelecidas a partir da análise dos elementos mórficos de uma língua; e
  - c) o máximo esforço para a datação das unidades léxicas a definir.
- (HOUAISS, Apresentação)

Como se vê, essa obra dicionarística procura fazer “Lexicografia”, ancorando as definições em estudos etimológicos. Essa forma de fazer “Lexicografia”

“[...] possibilitou que, pela primeira vez na língua, se pudesse tentar organizar a estrutura de cada verbete [...] a partir da sua acepção mais antiga, procurando, então, sugerir ou esclarecer que tipo de derivação semântica ocorrera a partir desta, para que se tivesse verificado o surgimento do segundo e demais sentidos da palavra”. (HOUAISS, Apresentação)

Porém, o dicionarista não apresenta a teoria lingüística que “ancorou” a descrição da “derivação semântica” dos verbetes. Assim, uma explicitação do suporte teórico de natureza semântica se faz fundamental porque, segundo a proposta do dicionarista, “foi preocupação deste dicionário definir efetivamente os conceitos das palavras analisadas” (HOUAISS, Apresentação, 2001).

Partindo do pressuposto defendido pelo dicionário, de que a partir de um significado inicial houve derivações semânticas que podem ser compreendidas pela competência lingüística do falante no momento em que esse processo é “sugerido” na definição do verbete, também adotaremos o conceito de que a etimologia está a serviço da construção do verbete. A partir do sentido base, o etimológico, o falante pode, através do processo de derivação semântica, compreender as diferentes acepções do item lexical.

Para que efetivamente possamos contribuir para a sistematização do verbete *de*, como já dissemos, adotaremos uma teoria linguística, de cunho cognitivista, que possibilita a descrição desses processos de derivação semântica: a Teoria dos Protótipos de Kleiber (1995), em sua versão Ampliada. Tal teoria defende que os diferentes sentidos de uma palavra não apresentam, necessariamente, traços semânticos comuns entre si, ou seja, não há necessidade de que haja um só protótipo (caso abstrato centralizador dos traços mais facilmente reconhecíveis para os falantes) para uma categoria. Tal teoria defende que pode haver, portanto, mais de um protótipo para uma palavra, se ela for polissêmica.

Dessa maneira, pretendemos colaborar com a sistematização da informação etimológica da preposição *de* para dicionários que se proponham a inventariar esse tipo de informação, pois acreditamos ser possível, amparados na Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada, propormos um ordenamento nas informações etimológicas, no qual, a partir da etimologia da palavra, os sentidos sejam explicitados pelas relações de derivação semântica entre si. Esses sentidos não precisam manter, necessariamente, traços comuns com o sentido primeiro de *de*, porém a disposição das acepções no verbete deve apontar as relações semânticas entre os sentidos, permitindo que o falante compreenda os processos metafóricos sofridos por tal preposição.

Tendo em vista que o sentido etimológico de *de* é de origem latina, é necessário que primeiramente pesquisemos seus sentidos no latim clássico e no latim vulgar. Além disso, para que se compreendam, sob uma perspectiva diacrônica, as nuances de sentido que *de* veicula em dicionários do século XXI, é preciso analisar os verbetes de *de* ao longo do tempo; assim, nesta dissertação, vamos observar o verbete dessa preposição em dicionários dos séculos XIX, XX e XXI. Nesse movimento, que pressupõe o somatório de várias sincronias, pretendemos remontar ao sentido primeiro de *de* e analisar quais sentidos expressos pelas acepções dos verbetes de *de* foram mantidos, ressignificados ou desapareceram.

Desse modo, serão analisados os resultados encontrados nas descrições dessas diversas sincronias para podermos estabelecer as diferentes acepções dessa preposição ao longo do tempo, ou seja, o semanticismo que emana de sua diacronia. Acreditamos que essas opções justificam-se no fato de que um dicionário que assume a etimologia



como condicionante para a derivação semântica deve: a) assumir um referencial teórico para descrever as propriedades semânticas; b) apresentar as condições ótimas da informação etimológica; c) apresentar as condições ótimas da concepção sincrônica; e d) ordenar as informações sincrônicas a partir das informações etimológicas.

Os dados que serão analisados nesta pesquisa consistem em verbetes de dicionários de Latim – Português, dicionários etimológicos e de Português dos séculos XIX, XX e XXI, além de informações de filólogos e lingüistas. Os dicionários nos quais consultaremos as definições do verbe *de* serão: *Dicionário Latim – Português* de Ferreira, (1998); *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Nascentes, (1955); *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*, de Bueno, (1963); *Dicionário Etimológico da Língua*, de Machado, (1977); *Diccionario da Língua Portuguesa Recopilado*, de Moraes Silva, 1813; *Grande Diccionario Portuguez, Thesouro da Língua Portuguesa*, de Vieira, (1873); *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Aulete, (1911); *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, (1939/1944); *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Figueiredo, (1949); *Nôvo Dicionário Brasileiro*, da Melhoramentos, (1969); *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, de Morais Silva, (1987); *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, (2001); *O Novo Dicionário Aurélio*, de Holanda (2001); *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão rede), de Houaiss (2001) e o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Borba, (2002).

A hipótese que norteará a presente pesquisa é a seguinte: a preposição *de* possui um sentido prototípico de **MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM** oriundo do latim, porém, dado o sentido polissêmico dessa preposição nos dias de hoje, esse sentido prototípico não será representativo de todos os sentidos que a preposição *de* pode veicular. Para verificar a plausibilidade dessa hipótese, analisaremos os sentidos de *de* que se mantiveram desde o latim clássico e aqueles que foram acrescentados à semântica da preposição, representados nos verbetes de *de* de dicionários dos séculos XIX, XX e XXI. Para os casos em que o protótipo de movimento não estiver evidenciado, proporemos um possível protótipo para representá-lo. Para levar a cabo essa análise, essa dissertação está organizada em cinco capítulos que descrevemos a seguir.

No capítulo 1, apresentaremos o problema da pesquisa, com ênfase nas características básicas de textos lexicográficos de cunho etimológico. No capítulo 2, trataremos do referencial teórico adotado no presente trabalho, para, já no capítulo 3, descrevermos os procedimentos metodológicos da pesquisa. No capítulo 4, referente às perspectivas diacrônica e sincrônica dos sentidos da preposição *de*, apresentaremos a função da preposição *de* no latim clássico e latim vulgar, além de apontar as acepções de *de* indicadas nos dicionários analisados. A partir daí, estipularemos, para cada período examinado, quais acepções desapareceram ou surgiram. Por fim, no capítulo 4, analisaremos o semanticismo prototípico da preposição, sob a ótica da Teoria dos Protótipos Ampliada, baseados nas acepções indicadas nos verbetes dos dicionários representativos do século XXI. Ao analisarmos a prototipia da preposição *de*, pretendemos contrastar os sentidos sincrônicos com os sentidos observados na análise diacrônica, além de sugerir o processo de derivação semântica ocorrido na preposição.

## **1. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA**

O objetivo desta dissertação é contribuir com a organização do verbete dicionarístico da palavra gramatical *de*, especialmente para o campo em que se registra a informação etimológica. Para tanto, a fim de lançarmos um alicerce para as reflexões que serão apresentadas ao longo deste trabalho, é necessário revisitarmos noções basilares do fazer lexicográfico, além de realçar a importância dos estudos metalexigráficos para a produção lexicográfica. Logo, na seção 1.1, discorreremos acerca dos principais tipos de dicionários para, em seguida, na seção 1.2., determo-nos mais especificamente nos aspectos referentes aos dicionários etimológicos. A partir daí, analisamos, na seção 1.3, a lexicografia e a lexicologia como disciplinas co-dependentes nos estudos lingüísticos e acentuamos a importância das pesquisas metalexigráficas para a produção de dicionários.

### **1.1 OS DIFERENTES PROPÓSITOS DOS TEXTOS LEXICOGRÁFICOS**

O dicionário de uma dada língua tem uma grande importância social, além, é claro, de sua relevância lingüística. Segundo Polguère (2003), lingüisticamente, o dicionário pode ser definido como o repertório do léxico atestado de uma língua que oferece uma descrição<sup>1</sup> de cada entrada lexical de acordo com um padrão relativamente rigoroso, sendo, dessa forma, o depositário do acervo lexical de uma cultura. Porém, esse padrão relativamente rígido de descrição de cada entrada lexical varia de dicionário para dicionário.

Para Polguère (2003), existem basicamente dois grandes tipos de dicionários: o primeiro é o dicionário para o grande público, que é, antes de tudo, “um produto

---

<sup>1</sup> A partir de um modelo ideal - culto e escrito – ou de usos dialetais, usos populares e gíriáticos, segundo Polguère (2003).

destinado à venda”<sup>2</sup> (p.195), eles são muito variados, de acordo com o público e a utilização visada; já o segundo tipo de dicionário é aquele dicionário chamado de teórico, concebido como utensílio de pesquisa lingüística, desenvolvido para o estudo do léxico das línguas, podendo, eventualmente, servir de “modelo experimental para melhorar a qualidade (completude, coerência...) dos dicionários de grande público”<sup>3</sup> (p. 195). Segundo o autor, a redação desses dois tipos de dicionários exige um considerável trabalho de análise, tratamento e armazenamento das entradas lexicais.

Segundo a natureza das entradas lexicais e a orientação metodológica adotada, os dicionários também podem ser diacrônicos e sincrônicos. Os dicionários diacrônicos se ocupam do desenvolvimento de léxico de determinada língua no passar do tempo, podendo ser históricos (ao estudar as diferentes fases evolutivas referentes tanto aos significantes quanto aos significados, além do uso das palavras) ou etimológicos (ao especificar a forma originária de cada uma das entradas lexicais, além de suas modificações fonéticas e semânticas ao longo do tempo)<sup>4</sup>, segundo Biderman (1984). Os dicionários sincrônicos, por sua vez, analisam o léxico do uso de uma determinada língua correspondente a um período de tempo concreto de seu desenvolvimento – ordinariamente o momento atual. Barbisan (1980, p. 41) afirma que

[...] o dicionário é sincrônico ou descritivo se suas informações são só funcionais: pronúncia, funcionamento das unidades. Se elas são mistas: funcionais e não funcionais, entendendo-se como não funcionais a etimologia e as datações, o dicionário é diacrônico. O tipo misto parece ser o mais freqüente entre os dicionários de língua. BARBISAN (1980, p. 41)

Como veremos no capítulo referente à metodologia da presente pesquisa, a grande maioria dos verbetes dos dicionários analisados é do tipo misto, indicando informações funcionais, como o funcionamento das unidades, e não funcionais, como a etimologia, no verbe.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa.

<sup>3</sup> Tradução nossa.

<sup>4</sup> Welker (2004, p.52 e ss.) aponta a falta de uniformidade nos estudos sobre lexicografia relativa à diferenciação de dicionários históricos e diacrônicos.

Retornando à classificação de dicionários estipulada por Polguère (2003), pode-se afirmar que os dicionários destinados ao grande público são monolíngües<sup>5</sup>, bilíngües<sup>6</sup> (ou plurilíngües) e pedagógicos<sup>7</sup>.

Como nosso trabalho se baseia, principalmente, nas informações semânticas fornecidas nos verbetes da preposição *de* de dicionários monolíngües para uso do grande público, nós, doravante, nos concentraremos apenas nesse tipo de dicionário.

Os dicionários de grande público possuem uma organização interna particular, que se dá a partir da macroestrutura e da microestrutura. A macroestrutura de um dicionário, como afirma Polguère (2003), é sua ossatura geral. Ela se organiza em torno de uma sucessão de descrições de itens lexicais, distribuídos alfabeticamente. Martínez de Sousa (1995), citado por Pérez (s/d), define que a macroestrutura é o “conjunto de entradas selecionadas para formar um dicionário”<sup>8</sup> (p.5). Porém, Pérez (s/d) amplia esse conceito para a noção de “estrutura externa” do próprio dicionário, abarcando, portanto, outras partes que complementam o corpo da obra lexicográfica, como os prólogos, os prefácios, as introduções fonéticas e gramaticais, os guias de instruções para os usuários, lista de abreviaturas, apêndices, etc.

Pérez (s/d) afirma que, tradicionalmente, chamamos de artigo do dicionário o bloco de texto que descreve determinado item lexical, a entrada do verbete, que se diferencia tipograficamente do restante de cada artigo. Ele pode se dividir em subartigos, sendo que cada um descreve uma acepção particular do item lexical em

---

<sup>5</sup> Segundo Polguère (2003, p. 198), os dicionários monolíngües geralmente apresentam as definições dos itens lexicais de dada língua sem recorrer a informações extralingüísticas, diferentemente dos dicionários enciclopédicos, que são obras intermediárias entre o dicionário lingüístico e a enciclopédia. Certos dicionários monolíngües podem focalizar um aspecto particular da descrição lexical: por exemplo, dicionários de sinônimos e antônimos, de rimas, de colocação, etimológicos, além dos dicionários especializados, dedicados à definição dos termos de uma dada língua de especialidade.

<sup>6</sup> Ainda de acordo com Polguère (2003, p.198 e ss.), os dicionários bilíngües (ou plurilíngües) descrevem os itens lexicais de uma língua fonte traduzindo-os para a língua alvo. Caso o item lexical não possua um correspondente direto – um equivalente lexical - na língua alvo, há uma tentativa de descrição semântica da palavra por meio de paráfrases, processo semelhante àquele utilizado nos dicionários monolíngües. Os aspectos particulares de descrição referentes aos dicionários monolíngües também se aplicam aos dicionários plurilíngües: eles podem ser dicionários de sinônimos, de rima. Os dicionários especializados também podem ser bilíngües, ao indicar a tradução de determinado termo na língua de especialidade correspondente da língua alvo.

<sup>7</sup> De acordo com Polguère (2003, p. 199), os dicionários pedagógicos, também chamados dicionários de aprendizagem, são preparados para aquelas pessoas que efetivamente estão aprendendo a língua, sendo mais ou menos completos de acordo com o nível de aprendizagem a que se destinam.

<sup>8</sup> Tradução nossa.

questão. A lista de todas as entradas de um dicionário é chamada de nomenclatura. Já o padrão de organização interna dos artigos do item lexical é chamado de microestrutura do dicionário.

Na microestrutura, portanto, se dá a organização das informações referentes ao ordenamento das informações léxicas: etimologia, marca de uso, definições, exemplos, pronúncia, empregos possíveis dos itens lexicais. Segundo Pérez (s/d), a microestrutura de um verbete apresenta dois níveis fundamentais: a entrada léxica, que inclui o encabeçamento do item lexical a ser definido, bem como informação acerca de sua morfologia, pronúncia, etimologia e categoria gramatical; e a definição, que é constituída por uma ou várias acepções de determinado item lexical, e pode apresentar exemplos de uso, etiquetas acerca de informações enciclopédicas, como sua localização geográfica, registro de fala, notas de uso, além de modismos e frases feitas e indicações de sinônimos e antônimos da palavra em questão. Biderman (1984) afirma que “a entrada tem como seu eixo básico a definição da palavra em epígrafe. Essa definição nada mais é do que uma perífrase metalingüística da palavra posta como entrada”<sup>9</sup> (p. 28).

Como relação à disposição das informações etimológicas em um dicionário de grande público, nota-se que os dicionários diferem no modo de apresentá-las. Alguns dicionários, como o *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (2002), não apresentam informações referentes à etimologia do verbete. Porém, a grande maioria dos dicionários monolíngües pesquisados, tais como o *Novo Dicionário Aurélio* (2001), o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa* (2001) e o *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* (1987) informam apenas que a preposição *de* portuguesa é oriunda da preposição *de* latina. Esses dicionários não fazem nenhuma menção aos sentidos que a preposição *de* tinha no latim.

Nesta seção apresentamos, em linhas gerais, os principais tipos de dicionários e algumas informações referentes à sua organização. Na próxima seção, discorreremos acerca da disposição da informação etimológica em textos lexicográficos.

---

<sup>9</sup> Rey-Debove (1984, p. 54), por sua vez, afirma que para toda palavra se pode fazer corresponder uma perífrase, mas nem a todo sintagma perífrase há uma palavra. Ele corresponderia a uma etapa “pré-classificatória” do mundo.

## 1.2 A INFORMAÇÃO ETIMOLÓGICA EM TEXTOS LEXICOGRÁFICOS

De acordo com Marques (2001), a gênese dos estudos etimológicos ocorreu na Grécia antiga, na busca pelo sentido primeiro, ou verdadeiro, da palavra, e usava a fonética como método para tal pesquisa<sup>10</sup>. O primeiro grande exemplo, na comunidade ocidental, segundo Miranda (2004), de dicionário monolíngüe de cunho etimológico e de orientação semasiológica<sup>11</sup> é de Covarrubias (1611). Depois dele, os franceses passaram a incorporar essa informação na microestrutura do verbete. Segundo o estudioso, houve um deslocamento fundamental de uma concepção de etimologia-origem a uma etimologia-história da palavra. No princípio, o dicionário apresentava uma lista e suas correspondentes formas de origem. Na nova concepção de etimologia, segundo Miranda (2004), importa o signo na sua totalidade, o étimo, o significado do étimo, a datação das primeiras documentações das possíveis significações novas, a datação das primeiras documentações dos possíveis derivados, a discussão da proposta etimológica, ou seja, importa a história do significante e do significado. Esse pensamento acabou alterando tanto a macroestrutura quanto a microestrutura dos dicionários.

Logo, a mera indicação da origem do significante (como observado nos dicionários citados na seção anterior) deve ser completada com outras informações importantes a respeito da história da palavra. Miranda (2004) afirma que informações como a datação e os processos de derivação semântica são dados fundamentais para que a etimologia não seja vista como informação marginal ou periférica na constituição do verbete. Apesar dessa nova perspectiva acerca da informação etimológica, raros são os dicionários que efetivamente põem em prática esse ponto de vista.

Segundo Dubois *et alii* (2001), o estudo etimológico se preocupa com as relações que uma palavra mantém com outra unidade mais antiga, da qual se origina. No estudo da derivação, segundo Dubois,

---

<sup>10</sup> Casares (1992, p. 30) afirma que são muito antigas as primeiras tentativas dos homens em busca de uma relação natural e conhecível entre o símbolo verbal e a coisa significada, citando Cratylo de Platão, obra na qual se disserta sobre a possibilidade de chegar à essência do objeto através do vocábulo que o designa.

<sup>11</sup> De acordo com Dubois *et alii* (2001), semasiologia “é o estudo que parte do signo em busca da determinação do conceito” (p. 534), por oposição à onomasiologia, que “é o estudo semântico das denominações; ela parte do conceito e busca os signos lingüísticos que lhes correspondem” (p. 441).

[...] a etimologia é a disciplina que se ocupa da formação das palavras e pela qual se reduzem as unidades mais recentes a termos já conhecidos. Tem por função explicar a evolução das palavras remontando o mais longe possível no passado [...] de onde se faz derivar a forma moderna. (DUBOIS *et alii*, 2001, p.252)

No caso do português, os itens lexicais podem remontar ao latim, germânico, tupi, árabe, etc., sob formas atestadas ou hipotéticas, sendo que essas últimas são formuladas com a colocação de um asterisco à esquerda da palavra.

Raros são os dicionários monolíngües que focalizam este aspecto particular da descrição lexical: o etimológico, como afirmou Miranda (2004). O Dicionário Houaiss é um desses. Esse fazer dicionarístico

[...] possibilitou que, pela primeira vez na língua, se pudesse tentar organizar a estrutura de cada verbete, não aleatoriamente, mas a partir da sua acepção mais antiga, procurando, então, sugerir ou esclarecer que tipo de derivação semântica ocorrera a partir desta, para que se tivesse verificado o surgimento do segundo e demais sentidos da palavra. (HOUAISS, Apresentação, 2001).

Esse método do fazer dicionarístico adotado pelo Dicionário Houaiss (2001) ordena geralmente as acepções de acordo com sua definição mais antiga e, através dela, pretende demonstrar, via organização hierárquica das acepções do verbete em questão, a história da derivação semântica da palavra. Casares (1992), também mencionado por Welker (2004), aponta que há duas formas de ordenar as acepções e distingue, principalmente, dois métodos de estruturação de verbetes, o histórico e o empírico<sup>12</sup>. Casares (1992, p.70) afirma que

[...] el empírico, se limita a informar, a contestar lo que se le pregunta: su ideal es anticiparse, adivinar lo que probablemente buscara el lector y servírselo en primer termino sin rodeos, sin fatiga y sin pérdida de tempo. El otro, el histórico, supone en el lector una curiosidad intelectual que, convenientemente satisfecha, acrecentará su cultura, despertará su interés por las vicisitudes de la lengua que habla y le procurara un conocimiento de ella más entrañable y satisfactorio. CASARES (1992, p.70).

---

<sup>12</sup> No método empírico de ordenação do verbete, segundo Casares (1992, p.30 e ss.), parte-se do sentido mais atual, do mais conhecido dentro da língua, para terminar com as falas particulares e com os significados específicos. Quem aplica este método importa-se com a grande maioria de leitores a quem pouco importa a origem e a evolução semântica da palavra. Porém, como faltam estatísticas de uso que nos permitam, frente vários significados atuais de determinada palavra, definir qual é o verdadeiramente mais usual, a ordenação das acepções pelo método empírico será arbitrária na maioria das vezes.



Casares (1992) enfatiza que o método histórico também não é uma panacéia, pois muitas vezes há um desacordo flagrante entre a suposta ordem genética das acepções no verbete e as informações cronológicas comprovadas, e para isso, segundo o autor, “no ha encontrado todavía solucion satisfactoria” (p.88). O autor cita (1992) um trecho do prólogo do dicionário de *Oxford English Dictionnary* que, sob seu ponto de vista, apresenta uma solução justa para tal situação: “Hay que tratar cada palabra de manera que parezca más adecuada para presentar los hechos de su historia y de su uso” (p.77).

A título de exemplo, podemos citar o HOUAISS. Esse dicionário pode ser considerado misto, pois trata as palavras que efetivamente são usadas no momento atual da língua portuguesa, mas adota uma metodologia de análise histórica. Esse dicionário, portanto, dedica às informações etimológicas mais atenção. Em relação à etimologia de *de*, o dicionário apresenta as seguintes informações:

**Etimologia:** prep. lat. *de* 'procedente de, a partir de, depois de, à custa de, feito de, por causa de, acerca de etc.', valores contextuais da prep. que, como el. estruturador, precede um determinante (voc., snt., oração) e o relaciona a um determinado (voc., snt., oração), para definir, no espaço ou no tempo, o ponto de partida ou de origem da relação; fora do espaço ou do tempo, define entre os el. inter-relacionados noções de fonte, posse, dependência, causa; no lat. a prep. de rege abl.; com o desaparecimento das desin. de caso, passa a indicar relações de posse, antes expressas pelo gen.; f.hist. 850-866 de, sXIII *de*, sXIII *di*” (HOUAISS)

Como se observa, HOUAISS, ao apresentar as informações relativas à etimologia da preposição *de*, afirma que a preposição é um elemento relacional que define, no tempo e no espaço, o ponto de partida ou origem da relação e também enfatiza que ‘fora do tempo ou do espaço’ define entre os elementos relacionados noções de ‘fonte’, ‘posse’, ‘dependência’ e ‘causa’. Ele também apresenta a informação de que a preposição regia o ablativo latino, e que com o desaparecimento do genitivo, ‘passa a indicar relações de posse’.

O dicionário, no entanto, não esclarece que o sentido primeiro de *de* é de MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO, para depois citar a fusão de sentidos de *de*, *ab* e *ex* e definir, de forma clara, o sentido geral resultante desta síntese. Ou seja, o dicionarista não indica que a preposição passou por um processo de metaforização, iniciado no próprio latim clássico, que teve como consequência o posterior

desaparecimento das preposições *ab* e *ex*, como veremos no capítulo 4, mais especificamente na seção 4.1, que analisa o semanticismo da preposição *de* no latim clássico e no latim vulgar.

Logo, o dicionário poderia apresentar a informação de que o sentido primeiro da preposição expressava a idéia de MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO e tal sentido foi se generalizando na medida em que *de* passou a assumir as funções de afastamento, correspondente a *ab*, e de movimento de dentro para fora, correspondente a *ex*.

Afinal, como o sentido primeiro da preposição *de* é, de acordo com estudiosos como Said Ali (1921), de MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO em um eixo vertical, parece-nos interessante fornecer tal informação ao consulente. No próprio latim clássico já ocorrera, como poderemos observar na análise relativa ao latim clássico, baseada no dicionário de FERREIRA, um processo de metaforização desse sentido específico de MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO para a noção mais geral de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, ainda coexistindo as preposições *ab* e *ex* com a preposição *de*. Porém, com a revolução do latim vulgar, essas últimas preposições desapareceram, pois não havia necessidade de preposições que expressassem o mesmo sentido de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

A partir daí, ao mencionar os sentidos da preposição *de* relativos à substituição do genitivo latino, no verbete poderia ser indicado que esse genitivo latino desempenhava funções de genitivo subjetivo, objetivo, possessivo, especificativo, de qualidade, partitivo e de quantidade, peso, medida, grandeza, idade, etc., de acordo com Said Ali (1921, p. 194), ressaltando, dessa maneira, que esses sentidos passaram a ser indicados pelo uso da preposição *de*.

Assim, ficaria otimamente especificada a origem dos diferentes sentidos da preposição *de*, pois forneceríamos ao consulente o sentido primeiro da preposição e de forma breve, o processo histórico que permitiu a ampliação dos sentidos da mesma.

Porém, por mais que haja algumas imprecisões acerca da etimologia de *de*, deve-se enaltecer o esforço de promover um dicionário moderno de língua portuguesa que permita acesso à etimologia da palavra. Esse tipo de dicionário é uma obra importante

dentro da cultura de uma sociedade, pois possibilita o acesso do público à etimologia erudita, baseada nos conhecimentos das formas antigas e das leis que presidiram sua evolução, para evitar que o falante, baseado em certas semelhanças formais, relacione consciente ou inconscientemente determinada forma à outra com a qual a palavra não tinha parentesco algum.

Para ilustrar a problemática da informação etimológica em dicionários etimológicos, apresentamos abaixo o verbete da preposição *de* do Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Nascentes (1955).

DE – do lat. *de*; esp., fr. *de*, it. *di*. Assumiu no latim tardio e no românico força genitiva (M. Lübke, Gram. II, 44).

Observamos que, no verbete da preposição *de* de Nascentes (1955), não foram apresentadas informações acerca da semântica de tal preposição. Vimos que os requisitos acerca da informação etimológica apontados por Miranda (2004) não foram observados, tais como a necessidade de apresentar informações como a datação e os processos de derivação semântica.

Então, defendemos, baseados em Miranda (2004), que um dicionário etimológico deve indicar a origem do significante, a datação e os processos de derivação semântica que deram origem aos sentidos atuais de determinado vocábulo.

Os exemplos dos dicionários mencionados ilustram que existe uma falta de coerência no que diz respeito às informações etimológicas nos verbetes. A maioria dos dicionários monolíngües estudados apenas apresentam a origem da forma gráfica das palavras, como acontece nos dicionários de Moraes Silva (1813), de Vieira, (1873), de Aulete, (1911), de Laudelino Freire (1939/1944), de Figueiredo, (1949), da Melhoramentos (1969), de Moraes Silva, (1987), da Academia das Ciências de Lisboa (2001) e o dicionário de Holanda (2001). O dicionário Houaiss apresenta informações mais detalhadas sobre a história da preposição, pois se propõe a ser um dicionário de cunho etimológico. No entanto, dicionários especificamente etimológicos, muitas vezes, apresentam poucas informações acerca do verbete que se propõem a compilar, como vimos no verbete do dicionário etimológico de Nascentes, apresentado anteriormente.

Não se pode apresentar a etimologia de uma palavra de forma adequada se não estivermos embasados em uma teoria lexical, pois, para que o étimo e sua evolução sejam estudados, é necessário que se investigue, de forma científica e objetiva, as modificações que a palavra sofreu ao longo do tempo. Na próxima seção, ressaltaremos a importância da lexicologia no fazer lexicográfico.

### **1.3 A METALEXICOGRAFIA COMO PONTE ENTRE A LEXICOLOGIA E A LEXICOGRAFIA**

Nesta seção, dissertaremos acerca da importância dos estudos metalexigráficos para a prática lexicográfica, ou seja, sobre a necessidade de que o fazer lexicográfico esteja baseado em descrições científicas consistentes e reconhecidas.

Segundo Lara (2004), as produções de dicionários começaram antes que a lingüística se estabelecesse enquanto ciência. Sua metodologia foi construída na relação entre o dicionarista e seu público, e Lara até mesmo afirma que se poderia sustentar “que a própria idéia de língua, que depois daria origem à lingüística, se criou com a ajuda dessa lexicografia” (p. 142).

Nessa perspectiva, Polguère (2003) afirma que a lexicografia, a atividade ou o domínio de estudo que visa à construção de dicionários, é anterior ao estudo sistemático, coerente e coeso do léxico, ciência relativamente nova, denominada lexicologia, sobre a qual trataremos com mais detalhes em breve<sup>13</sup>.

De acordo com Niklas-Salminen (1997, p.94), a lexicografia

[...] peut se définir à la fois comme le domaine qui a pour but de mettre en oeuvre les techniques pour confectionner des dictionnaires et comme la discipline qui propose une réflexion sur les méthodes qu'exige la confection des dictionnaires. On peut donc dire que la lexicographie est à la fois une pratique et une science. (NIKLAS-SALMINEN, 1997, p.94)

Dessa maneira, o autor considera o termo lexicografia de uma forma ampla, pois, além de objetivar colocar em prática as técnicas para confeccionar os dicionários,

---

<sup>13</sup> Boulanger (2001, p. 12) afirma que, segundo o Dictionnaire Historique de la Langue Française, o termo lexicografia apareceu em francês em 1757, quando citado no artigo “Gramática” da Enciclopédia de Diderot. Seu sentido remetia à ciência da grafia das palavras. Somente em 1824 o termo toma a coloração semântica moderna de arte e de técnica de elaboração de dicionários.

propõe uma reflexão sobre os métodos exigidos na confecção dos mesmos. Portanto, a lexicografia é considerada, segundo o autor, ao mesmo tempo como uma prática e uma ciência.

Haensch (1997, p. 30), citado por PÉREZ (s/d), também defende que há uma distinção clara entre a chamada lexicografia prática, que seria o próprio fazer lexicográfico ou a produção dos dicionários, e a lexicografia teórica, por ele também chamada de metalexicografia, que tem por objetivo estudar a história dos dicionários, sua tipologia, finalidades, relações com outras disciplinas. A metalexicografia é, portanto, um segundo nível de abstração em relação aos métodos adotados na lexicografia, é uma linguagem constitutiva da linguagem lexicográfica.

Para Miranda (2004), a metalexicografia objetiva a geração de construtos para a constituição dos artigos léxicos e o arranjo de certos princípios basilares para o estabelecimento de uma estrutura “arquetípica” do verbete num dicionário monolíngüe.

A lexicografia está passando por grandes transformações, não só pelos grandes avanços científicos advindos do desenvolvimento de tecnologias de pesquisa e tratamento informatizado do léxico – que produzem, segundo Verlag (1994), inúmeros apoios à escolarização, ao estudo da sua história, aos levantamentos dos sistemas paradigmáticos, aos levantamentos estatísticos do vocabulário mais frequente de uso comum, e ainda a um renovado acesso ao patrimônio escrito e notadamente ao literário – como também advindas dos avanços nas pesquisas relacionados à ciência do léxico.

A prática lexicográfica dos tempos atuais deve ser pautada tanto pelos avanços da informática quanto pelos avanços da lingüística, segundo Verlag (1994). Já podemos considerá-la como a disciplina que estuda a elaboração de dicionários, a partir de pressupostos teóricos que derivam das teorias referentes ao léxico.

Porém, como estudar de forma completa um objeto tão pouco uno e homogêneo como o léxico? Segundo Niklas-Salminen (1997), através da observação dos resultados das pesquisas realizadas pela lexicologia em todos os seus aspectos, isto é, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Dessa forma, a lexicologia é o domínio que mais cientificamente tem se aplicado ao estudo do léxico, enquanto que a

lexicografia se aplica mais efetivamente à sua descrição. Existe, portanto, a necessidade de estabelecermos um saudável diálogo entre os dois domínios, evoluindo tanto na teoria quanto na prática. Afinal, segundo Krieger (1983, p. 64), a lexicografia não se limita a organizar formalmente o léxico de uma língua, pois dá a significação dos itens lexicais. A autora afirma que, do ponto de vista filosófico, definir significa delimitar; porém como delimitar os sentidos de uma palavra sem critérios lingüísticos para tal?<sup>14</sup> (p. 68).

Eis a importância da teoria lingüística para a prática lexicográfica: é a partir de seus pressupostos que o trabalho lexicográfico adquire maior cientificidade, coerência e uniformidade, o que se refletirá na confecção da macro e da microestrutura do dicionário. Nessa perspectiva, Dubois (2001) defende que muitas das falhas que podem ser observadas no fazer lexicográfico, referentes ao caráter arbitrário da definição de muitos dos verbetes, “podem ser sanadas pelos estudos da lexicologia.” Logo, ressaltamos a importância da lingüística para o tratamento do verbe de forma “mais ascética e neutra possível” como diz Casares (1992), também citado por Salgado (2004, p.1).

Neste capítulo, realçamos a importância dos estudos metalexográficos, baseados em teorias lexicais, para a produção lexicográfica. Na seção 1.1, apresentamos algumas características dos principais tipos de dicionários para que, na seção subsequente, 1.2, fosse possível determo-nos especificamente nos aspectos referentes aos dicionários etimológicos. A lexicografia, a lexicologia e a metalexigrafia foram mais detalhadamente apresentadas na seção 1.3, na qual ressaltamos a importância da metalexigrafia para a produção de dicionários.

No próximo capítulo, apresentaremos a teoria lexicológica que embasará a análise do semanticismo da preposição *de*. Essa teoria, como veremos no desenvolver deste trabalho, constituirá a base de nossas análises, pois, a partir da noção de protótipo, que os diversos sentidos de *de* podem veicular, procuraremos evidenciar o processo de derivação semântica sofrido pela preposição, a fim de contribuir com a sistematização e

---

<sup>14</sup> Krieger (1983, p.65) afirma que definir semanticamente, em termos de dicionários, equivale a estipular o conjunto de acepções que compõem o verbe de.

a estruturação de textos lexicográficos que se proponham a trabalhar com a informação etimológica.

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

Como vimos no capítulo anterior, a organização da informação lexicográfica pode ser ancorada em teorias lexicológicas. Este capítulo objetiva apresentar a Teoria dos Protótipos, nas versões Padrão e Ampliada, para fundamentar a análise semântica da preposição *de*. Desta maneira, apresentamos, na seção 2.1, uma introdução acerca da manifestação de sentidos através da prototipia, mostrando as linhas gerais da Teoria dos Protótipos em sua versão Padrão, bem como alguns problemas de sua utilização para o objeto desse estudo: a semântica da preposição *de*. Assim, na seção 2.2, finalmente apresentamos a Teoria dos Protótipos Ampliada, versão adotada no presente trabalho para a análise semântica da preposição *de*. Por fim, na seção 2.3, apresentamos a relação da Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada com o estudo do semanticismo das preposições, mais especificamente, da preposição *de*.

### **2.1 TEORIA PROTOTÍPICA PADRÃO**

Considerando que esta dissertação adotará como referencial analítico para o semanticismo da preposição *de* a Teoria dos Protótipos Ampliada, iniciaremos este capítulo apresentando a Teoria dos Protótipos versão Padrão, por ser ela, segundo Kleiber (1995, p. 46), a mais conhecida e difundida e por ser a primeira a apresentar claramente a noção de protótipo. Após, apresentaremos as rupturas teóricas que acabaram originando a Teoria dos Protótipos Ampliada, que será apresentada na seção 2.3.

A Teoria Prototípica de Kleiber na versão Padrão analisa as dimensões horizontal - relativa à estruturação interna das categorias e sentido das palavras - e vertical - relativa à estruturação intercategoriais.

Em relação à dimensão horizontal, na qual o objeto de nosso estudo se insere, a teoria em sua versão Padrão concebe a categoria como possuidora de uma estrutura



interna prototípica, na qual seus membros não são considerados como exemplares equivalentes<sup>15</sup>. O protótipo, na versão padrão, é a entidade típica - ou caso abstrato central - que condensa os traços<sup>16</sup> de determinada categoria e é em comparação a essa entidade central que os outros exemplares são hierarquizados<sup>17</sup>. Note-se que “entidade típica” e “caso abstrato central” são diferentes definições para o termo “protótipo”.

De acordo com Kleiber (1995, p. 52) a definição de protótipo como “entidade típica” da categoria pode ser exemplificada da seguinte maneira: caso estejamos analisando a inclusão do elemento “pingüim” (Y) na categoria *PÁSSARO*<sup>18</sup>, pela Teoria dos Protótipos Padrão, iremos compará-lo a um exemplar considerado típico da categoria, como “águia”, ou “andorinha” (X). Esses exemplares são considerados prototípicos pelo fato de condensarem traços característicos da categoria, como o fato de possuírem bico, penas, patas e voarem. O pingüim apresenta grande parte dessas características, porém não todas, pois não voa. Assim, em comparação ao exemplar prototípico, poderíamos afirmar que pingüim é um pássaro, mas não um pássaro típico, e sim um caso marginal da categoria. Logo, pode-se afirmar que uma “andorinha é mais *PÁSSARO* que um pingüim” (p. 52). De acordo com Kleiber (1995, p. 52), ao compararmos uma entidade X que é mais próxima ao exemplar prototípico da categoria com outra, denominada Y, menos semelhante ao protótipo, poderíamos afirmar que “X é mais (nome da categoria) que Y”. Observa-se, então, que Kleiber estabelece graus de pertença à categoria. Neste sentido, os elementos que apresentam menos semelhança com o protótipo são considerados marginais ou periféricos, configurando, assim, os limites ou conceitos categoriais imprecisos.

---

<sup>15</sup> Segundo Kleiber (1995, p. 36), no momento em que admitimos que determinados traços semânticos são obrigatoriamente encontrados em todas as entidades pertencentes a uma mesma categoria, devemos prever que os membros de determinada categoria apresentam uma forte homogeneidade. Para tal, deveremos ignorar propriedades que poderiam ser constituintes da definição semântica da palavra - mas que não podem sê-lo, porque nem todos os membros de uma categoria as verificam - como o atributo de voar para a categoria pássaro. Afinal, o pingüim é categorizado como pássaro, mas não voa; o traço [+ voar] teria que deixar de ser incluído nos traços semânticos obrigatórios da categoria pássaro, caso contrário, excluiríamos o pingüim desta categoria.

<sup>16</sup> Poderíamos nos perguntar se os traços típicos de determinada categoria agrupariam informações que poderiam ser consideradas como enciclopédicas. Porém, esse debate é antigo e há uma grande dificuldade em delimitar o que é enciclopédico do que é efetivamente lingüístico. Tal discussão não é o objeto de nosso trabalho, e nela não nos deteremos muito. Vamos considerar, como Kleiber (1995, p. 69), que os traços típicos de determinada categoria fazem parte do patrimônio da generalidade dos indivíduos.

<sup>17</sup> A estruturação categorial a partir do emparelhamento de determinados elementos com o protótipo é um dos princípios básicos da Teoria dos Protótipos Padrão.

<sup>18</sup> Quando estivermos nos referindo à idéia de categoria, iremos escrevê-la em itálico utilizando-nos de letras maiúsculas.

De protótipo concebido como elemento mais típico, Kleiber nos conduz a uma concepção abstrata do protótipo como combinação de atributos ou propriedades típicas. A aplicação da definição de protótipo como caso abstrato central que agrupa os traços considerados mais típicos de determinada categoria pelos falantes pode ser exemplificado da seguinte forma: quando falamos na categoria *PÁSSARO*, poderíamos pensar no elemento típico águia ou andorinha. Porém, se pensarmos na categoria *FRUTA*<sup>19</sup>, quais seriam os elementos prototípicos? Nesse caso, enfrentamos a situação de nos depararmos com vários casos (maçã, banana, laranja, limão, manga, etc.) de um protótipo mais abstrato e não há como definir qual desses elementos seria o mais representativo de *FRUTA*, ao contrário do que foi constatado no exemplo relativo à categoria *PÁSSARO*, apresentado por Kleiber e referido anteriormente.

Assim, a suposição de Kleiber de que o protótipo se realiza a partir de uma junção de traços típicos abstratos de uma categoria justifica essa nova definição: a noção de protótipo passa a abarcar traços abstratos que podem se manifestar em um ou vários elementos, e esses traços, e não o elemento concreto em si, passa a ser o ponto pelo qual se dá a hierarquização dos elementos dentro de certa categoria.

Esse processo de abstratização do conceito de protótipo, constatado por Kleiber (1995), foi fundamental para a aplicação da noção de semelhança de família, que, levada às últimas conseqüências, foi a responsável pela ruptura entre a Teoria Padrão e a Teoria Prototípica Ampliada. Isso porque a semelhança de família<sup>20</sup> é o princípio pelo qual se dá o agrupamento categorial a partir da ótica de que os diversos membros de uma categoria podem ter elementos em comum, mas “poucos elementos, ou nenhum, são comuns a todos os itens” (Kleiber, 1995, p. 54). Ou seja, não é obrigatório que a categoria seja estruturada a partir de casos mais centrais e mais periféricos, como veremos mais detidamente na seção 2.2.

O ponto principal da passagem de uma teoria para outra centra-se na percepção do protótipo como objeto, como considerado na Teoria Padrão, ou na percepção do

---

<sup>19</sup> Hilferty (1993, p. 33) apresenta exemplo semelhante utilizando-se da categoria *PLANTA*.

<sup>20</sup> Segundo Kleiber (1995, p. 54), a semelhança de família foi primeiramente analisada por Wittgenstein em 1953, ao analisar a semântica da palavra “jogo”. Para o filósofo, a relação entre os exemplares da categoria “jogo” apresenta uma relação do tipo AB, BC, CD, DE e assim por diante. Ou seja, os elementos que compõem a categoria da palavra “jogo” não precisam ter, necessariamente, traços semânticos em comum.

protótipo como caso abstrato, como postulado pela Teoria Ampliada. Nessa nova percepção de prototipia, como estipulamos quais são os traços prototípicos de uma categoria? De acordo com Kleiber, é a partir da frequência dos traços, ou seja, pelo grau de predizibilidade de uma propriedade em uma categoria. Isto é, quanto mais predizível for determinado traço em uma categoria, maiores serão as chances de que os elementos dessa categoria o contenham. Por exemplo, um dos traços semânticos predizíveis em *FRUTAS* é ‘comestível’, e esse traço tende a aparecer entre os elementos centrais desta categoria.

Em relação à dimensão vertical, ou o estudo da organização intercategoriaal hierárquica, Kleiber (1995, p.77) ensina-nos que, na década de 70, um grupo de pesquisadores liderados por Berlin (1978), baseado nas classificações populares de plantas e animais feitas pelos integrantes da comunidade indígena Tzeltal, no México, formulou uma organização hierárquica intercategoriaal universal, em cinco níveis de categorias, que vão desde as mais genéricas às mais específicas, quais sejam: reino, forma de vida, gêneros, espécie e variedade<sup>21</sup>. Segundo os estudiosos, existe um nível prioritário ou básico que constitui o ponto de referência cognitivo da comunidade. Esse nível prioritário é chamado de ‘gêneros populares’<sup>22</sup> pelos pesquisadores.

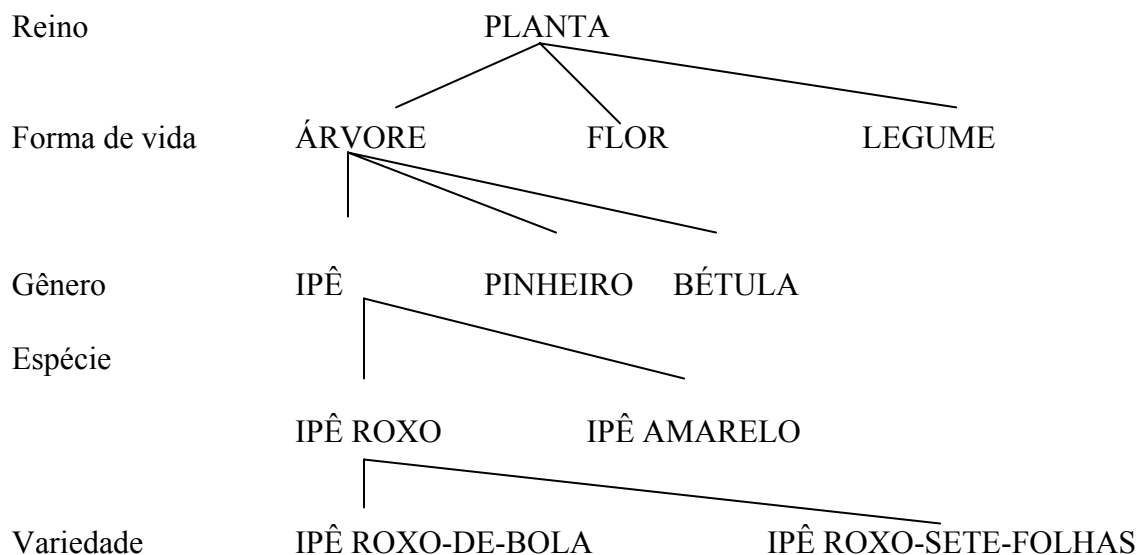
Para ilustrar esses níveis de categorias estruturados por esses estudiosos da década de 70, vejamos o esquema abaixo<sup>23</sup> baseado na proposta de Kleiber (1995, p. 77):

---

<sup>21</sup> Tradução nossa de, respectivamente, *unique beginner* ou *kingdom*, *life form*, *genera*, *specific* e *varietal*.

<sup>22</sup> Tradução nossa de *folk genera*.

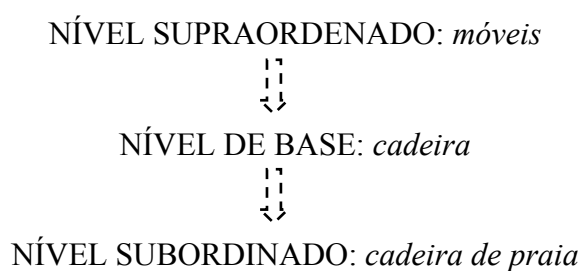
<sup>23</sup> O esquema foi montado a partir de informações apresentadas no site [www.ibot.sp.gov.br/legislacao/resolucao21.htm](http://www.ibot.sp.gov.br/legislacao/resolucao21.htm)



Esquema 1: A dimensão vertical proposta por Berlin (1978). Adaptado de: Kleiber (1995, p.77).

Como já mencionamos, para os estudiosos liderados por Berlin, os “gêneros populares” constituem o ponto de referência cognitivo da comunidade. Porém, podemos observar, no exemplo apresentado no esquema 1, que o nível básico é “árvore”, e não “ipê”. Portanto, no exemplo analisado, não é o gênero que constitui o nível basilar da dimensão vertical, mas a forma de vida.

A partir dessa incoerência verificada nos estudos categoriais propostos por Berlin na década de 70, Rosch<sup>24</sup>, mantendo a idéia de organização externa das categorias mediante uma hierarquia inclusiva e considerando a existência de um nível de categorias privilegiadas situado no meio da hierarquia (o nível de base), desenvolve um modelo de classificação de três níveis: o nível supraordenado, o nível de base e o subordinado. Exemplificamos tal categorização pelo esquema abaixo, adaptado de Kleiber (1995, p.81):



Esquema 2: A dimensão vertical na Teoria dos Protótipos Padrão.

<sup>24</sup> Estudiosa da área de psicologia cognitiva, Rosch é um dos principais nomes dentro da teoria da categorização prototípica.

De acordo com Kleiber (1995, p. 81-82), os níveis de base e os níveis subordinados possuem um número significativo de atributos em comum, formas similares, além de poderem ser identificados a partir das formas comuns dos membros da classe. Tanto o nível de base quanto o subordinado se opõem ao nível supraordenado, pois os membros de suas categorias são percebidos como possuidores de uma *gestalt*<sup>25</sup> semelhante. Isso explica o fato de podermos dar lugar a uma imagem abstrata ou concreta nesses níveis. Por exemplo, o nível de base representado por *cadeira* e o nível subordinado, *cadeira de praia*, determinam, segundo Kleiber (1995, p. 81), um tipo de interação motora similar, e eles apresentam, desta maneira, a mesma *gestalt*. Porém, isso não acontece com o nível supraordenado, como *móveis*, em relação ao qual não podemos inferir características referentes à categoria.

Nessa perspectiva, o nível de base, exemplificado por *cadeira*, é o mais informativo, enquanto que o nível supraordenado, exemplificado por *móveis*, evidencia poucas propriedades. Kleiber (1995, p.80 e ss.) explicita que os níveis de base maximizam a informação; não são nem os mais abstratos nem os mais específicos; são os primeiros a serem aprendidos; são os objetos naturalmente nomeados; são consistentes entre as culturas e são os níveis nos quais as entidades compartilham as mesmas partes, forma geral e movimentos motores associados.

A categoria subordinada, por sua vez, exemplificada por *cadeira de praia*, mostra incrementos de traços pouco consideráveis com relação aos traços da categoria básica, no exemplo em análise *cadeira*, além de informação suplementar onerosa do ponto de vista do processamento cognitivo. Já o nível básico maximiza a semelhança percebida entre seus membros, ao representar elementos como *cadeira de praia* e *cadeira de balanço*.

A seguir, apresentamos um quadro que sintetiza os principais pontos da Teoria Prototípica Padrão.

---

<sup>25</sup> De acordo com Lakoff e Johnson (2004, p. 111), na *gestalt*, ‘el complejo de propiedades que se dan conjuntamente es más básico para nuestra experiencia que la aparición de las mismas por separado.’.

**Quadro 1: Síntese da Teoria dos Protótipos Padrão.**

<b>TEORIA PADRÃO</b>	
DIMENSÕES	
HORIZONTAL	VERTICAL
<b>ENTIDADE TÍPICA</b> - o protótipo é um elemento concreto que apresenta os traços mais representativos da categoria.	<b>NÍVEL SUPRAORDENADO</b> – mais genérico, mais abstrato, menos informativo.
<b>CASO ABSTRATO CENTRAL</b> - o protótipo abarca os traços abstratos mais freqüentes que podem se manifestar em um ou vários elementos.	<b>NÍVEL BÁSICO</b> – mais informativo, maximiza informações entre seus membros, primeiro a ser aprendido.
	<b>NÍVEL SUBORDINADO</b> – mais concreto, mais específico, informação onerosa do ponto de vista do processamento cognitivo.

Como se observa no esquema acima, a Teoria dos Protótipos em sua versão Padrão está alicerçada em dois eixos (horizontal e vertical) que foram propostos para dar conta da organização conceitual de uma categoria. No entanto, de acordo com Kleiber (1995, p. 114), a Teoria dos Protótipos Padrão apresenta seus limites de aplicação, porque a noção de protótipo é em si mesmo prototípica, ou seja, não pode ser utilizada da mesma forma em todos os setores do conhecimento. Assim, essa teoria é mais adequada para os efeitos prototípicos mais evidentes, nos quais é possível fazer generalizações a partir de algum elemento – ou traço – considerado mais relevante na categoria. Isto é, categorias advindas da percepção das cores, ou análise intercategorial de elementos naturais, são representantes mais idôneos para a aplicação da semântica dos protótipos em sua versão Padrão do que categorias de campos periféricos, que Kleiber considera como não prototípicos, para os quais a teoria não é tão eficaz, como veremos a seguir.

De acordo com Kleiber (1995, p. 121 e ss.), por exemplo, a aplicação da teoria Padrão para a análise de verbos não é uma tarefa simples. Isso porque se aceita com mais facilidade a afirmação de que uma ‘águia’ é um exemplar idôneo de *PÁSSARO*, do que dizer que ‘assassinar’ é um exemplar mais idôneo de *MATAR* do que ‘executar’ (exemplo citado também por Niklas-Salminen, 1997, p. 149). Parece, segundo Kleiber, que os conceitos de ‘matar’ não fazem parte das categorias que possuem, *a priori*, subtipos. Para que a Teoria dos Protótipos em sua versão Padrão atue otimamente, cada categoria precisa ter um exemplar idôneo e exemplares menos típicos.

Kleiber (1995, p.121 e ss.) lembra ainda que os verbos, na medida em que predicam, requerem um suporte referencial. Dessa maneira, nos deparamos com um outro problema na noção de prototipia: devemos incluir em nossas análises também o suporte referencial dos verbos para estabelecermos seu protótipo? Outra questão que se impõe é: até que ponto estaremos considerando a noção de categoria nesse modelo Padrão? Por exemplo, em adjetivos como “grande”, não há sentido prototípico se não se determina a categoria dos referentes a que o adjetivo se aplica. Nesse sentido, haverá um protótipo diferente para cada tipo de referente diferente. Como se vê, o tratamento dos verbos e adjetivos no modelo Padrão desvia o enfoque prototípico e, para esses casos, teríamos de abandonar a versão Padrão prototípica em favor de uma versão Ampliada, polissêmica, diferente em seu funcionamento e em seus critérios de categorização.

A situação descrita acima acarreta a dificuldade de analisarmos unidades superiores às palavras. Kleiber (1995, p. 124) apresenta essa dificuldade utilizando-se do exemplo do sintagma ‘cachorro amarelo’. Nesse caso, emparelhar o protótipo de ‘cachorro’ e o protótipo de ‘amarelo’ não é eficiente para que consigamos estabelecer o protótipo de ‘cachorro amarelo’, porque senão nos depararíamos com a inusitada situação de um protótipo do tipo ‘cachorro cor de amarelo canário’. Tal entidade, no entanto, é certamente uma entidade marginal. Kleiber, porém, afirma que, para esses casos, a prototipicidade de espécies naturais está em relação direta com a familiaridade da entidade na experiência de uma comunidade.

Nessa nova perspectiva, Kleiber diferencia a noção de protótipo de acordo com o nível ao qual está sendo aplicada; ou seja, o protótipo tem uma definição diferente segundo o nível das categorias. Assim, a noção de protótipo aplicada à análise de sintagmas será diferente daquela aplicada à análise de termos subordinados.

Com relação aos termos supraordenados, Kleiber defende que a noção de protótipo da versão Padrão também não se aplica adequadamente. Nesse nível, os protótipos já não podem ser considerados como exemplares que apresentam propriedades idôneas ou típicas de determinada categoria, pois as estruturas supraordenadas reúnem características básicas que são atributos genéricos, diferentemente dos termos básicos. Assim, é necessário revermos uma das noções básicas da teoria padrão: a da estruturação categorial a partir do emparelhamento com o protótipo.

Além da noção de protótipo aplicar-se distintamente em relação ao nível de análise, Kleiber (1995) aponta também para a ambigüidade da definição de protótipo na versão Padrão da teoria: o protótipo, afinal, seria um elemento típico ou uma combinação abstrata de propriedades típicas?

Como vimos, há uma quantidade de fenômenos que não podem ser explicados pela Teoria Prototípica Padrão. Porém, segundo Kleiber (1995, p.111), por mais que a definição de protótipos apresente problemas, não podemos negar que ela constitui um avanço na semântica lexical, porque destaca a estruturação intercategoriaal organizada em torno de casos prototípicos e defende que o nível de base constitui o lugar de denominação padrão dos objetos.

Kleiber (1995) defende que, mesmo diante das evidências de que a noção de protótipo<sup>26</sup> não é aplicável a todas as categorias do conhecimento humano, ela não pode ser ignorada, sob risco de invalidação de toda a Teoria dos Protótipos. Na verdade, seria necessário, segundo o autor, reinterpretar os resultados das experiências feitas até então. Afinal, para determinadas categorias, a noção de protótipo como exemplar central e condensador dos traços ainda subsiste, mas ele não tem origem única e não possui o estatuto de entidade fundadora da estrutura categorial. A situação dos protótipos toma diferentes formas, segundo o modelo de categoria ao qual é aplicado.

Logo, depois de apontada a importância da Teoria Prototípica Padrão e apresentados alguns problemas de aplicação da mesma, passamos à Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada, e, após, à sua aplicação para o estudo do semanticismo da preposição *de*.

## **2.2 TEORIA DOS PROTÓTIPOS AMPLIADA**

É necessário retomarmos a noção, apresentada na seção anterior, de que a versão Ampliada da Teoria dos Protótipos é uma ruptura com a versão Padrão, dadas as diferenças de axiomas das duas teorias. Na versão Ampliada, a definição de protótipo é

---

<sup>26</sup> Da forma como é concebida na versão Padrão da teoria.



totalmente diferente de seu sentido original, e, precisamente por isso, nessa nova versão da teoria, as categorias perdem seu principal traço definitório conceptual.

Como vimos na seção anterior, um protótipo não é aplicado, de forma igualmente eficaz, em todos os tipos de categorias. Assim, campos não prototípicos, ou periféricos, como os verbos ou adjetivos, não são ideais para a aplicação desta teoria em sua versão padrão. A versão Ampliada da teoria é, ao contrário, aplicável tanto para nomes, quanto para verbos, conjunções e preposições, segundo Kleiber (1995). Justamente por ter uma concepção diferenciada de protótipo e de estruturação de categoria, a versão Ampliada parece ser aplicável a todos os tipos de categorias.

Na Teoria dos Protótipos Ampliada, ao invés de lidarmos com a noção de protótipos como entidade estruturadora de categorias, lidamos com a noção de graus de prototipicidade, ou efeitos prototípicos. A relação que une os diferentes membros de uma mesma categoria é a da semelhança de família, e não a da equiparação com o membro prototípico ou com os traços típicos de uma categoria.

A noção de semelhança de família possibilita que somente se preveja, mas não se determine que todos os componentes de uma mesma categoria possuam traços comuns entre si. Kleiber (1995) exemplifica a idéia de noção de ‘semelhança de família’ através da famosa análise da categoria JOGO, apresentada por Wittgenstein. Segundo Kleiber (1995), o filósofo em nenhum momento afirma que existe, entre todos os tipos de jogos, alguns jogos que são mais jogos do que outros, ou seja, ele não defende a existência de um exemplar idôneo para a categoria JOGO. Logo, a organização da estrutura interna categorial passa a ser extremamente diferente daquela estrutura que se baseia em um único elemento central como estruturador da categoria. Na versão Ampliada, portanto, não há mais a necessidade de se apresentar pelo menos um traço semelhante ao protótipo para fazer parte da categoria.

Segundo Kleiber (1995), no modelo Ampliado, os efeitos prototípicos são explicados através das estruturas das categorias, e não através de comparação com algum elemento representante da categoria. Eles são simplesmente uma possível consequência da estruturação de uma categoria a partir do modelo de semelhança de família.

Hilferty (1993, p. 35) ilustra a noção de semelhança de família com o exemplo dos traços entre cinco irmãos que, para fins didáticos, será reproduzido abaixo.

**Quadro 2: Exemplificação da noção de semelhança de família, segundo Hilferty (1993, p.35)**

<b>Nome do irmão</b>	<b>Características</b>
Ambrósio	cara alargada, olhos azuis, nariz grande e boca pequena
Eustáquio	cara redonda, olhos azuis, nariz pequeno e boca grande
Honorato	cara alargada, olhos verdes, nariz pequeno e boca grande
Pancrácio	cara redonda, olhos azuis, nariz grande e boca pequena
Primitivo	cara alargada, olhos verdes, nariz pequeno e boca pequena

Através desse quadro, podemos observar que, para Hilferty (1993), todos os indivíduos listados apresentam uma semelhança de família, ou seja, são parecidos entre si. Porém, não há um traço específico que seja comum a todos os irmãos, mas não por isso deixam de ser irmãos. Na versão Ampliada da teoria, essa noção de semelhança de família passa a ser aplicada à noção de categorização, pois no momento em que defendemos que os elementos de uma determinada categoria não precisam apresentar, necessariamente, traços comuns entre si, também defendemos que não há a obrigatoriedade de que haja um único protótipo que represente os diferentes elementos de uma mesma categoria.

Dessa maneira, na medida em que aceitamos que o protótipo não é mais o elemento estruturador de uma categoria, alteramos a forma de se conceber o sentido dos itens lexicais, pois o protótipo não é mais considerado como o representante direto dos conceitos. Kleiber (1995) explica que essa inversão do sentido explicativo protótipo-categoria não exige que o modelo de semelhança de família seja baseado na noção de protótipo: o protótipo é visto como efeito, e não como representação mental de categorias. Dessa forma, pelo fato de ser concebido como um produto de estruturas categoriais profundas, há uma diversificação dos tipos de protótipos, que podem ser considerados nas análises.

Nessa perspectiva, a Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada propõe a noção de que cada palavra pode remeter a diferentes tipos de referentes ou a diferentes

categorias, ou seja, uma palavra pode agrupar vários sentidos diferentes. Afinal, no momento em que se afirma que todos os elementos de determinada categoria apresentam ao menos um traço em comum, isso unifica e, de certa forma, homogeneiza a categoria, impedindo que ela se fragmente em subcategorias. Essa nova perspectiva heterogênea de categorização corrobora uma concepção de referências fragmentadas de determinada categoria, multiplicando as análises polissêmicas dos itens lexicais.

A versão Ampliada, então, permite que se possa trabalhar com noções polissêmicas ou multicategoriais relativas às palavras, e não se detém especificamente em justificar as condições para que possamos estabelecer a pertença de determinada entidade a uma categoria. Portanto, de uma concepção monossêmica, passou-se a uma concepção polissêmica e multirreferencial da noção de protótipo. Para ilustrar o funcionamento dessa nova versão da teoria, Kleiber (1995) apresenta o caso de ‘*TERNEIRA*’ para demonstrar que a teoria, em sua versão Ampliada, trata dos fenômenos de categorização de forma polissêmica. Segundo Kleiber, a categoria *TERNEIRA* permite agrupar as subcategorias ‘animal’, ‘carne’ e ‘pele’. Dessa maneira, não somos obrigados a encontrar uma categoria mais ampla comum que reúna essas diferentes categorias. Desse ponto de vista, a versão Ampliada já não é mais um modelo baseado na categorização, mas, constitui-se em uma teoria da semântica lexical.

Podemos observar, a partir do exemplo de *TERNEIRA*, apresentado por Kleiber, que, diferentemente da versão Padrão, o interesse da versão Ampliada não é a explicação da pertença de determinada entidade a uma categoria, mas, sim, das diferentes categorias que estão vinculadas ao mesmo termo; dessa forma, a questão das fronteiras ou dos limites das categorias torna-se acessória. A versão Ampliada explica porque determinada categoria ou sentido faz parte de uma categoria, enquanto que outras não entram, e tenta resolver esta questão utilizando o modelo de semelhanças de família, que possui pouco poder explicativo – mas bom potencial descritivo para a representação do sentido lexical. A única exigência da versão Ampliada é a de que os sentidos de um item lexical não sejam agrupados no mesmo conjunto de forma aleatória: os diversos sentidos de uma palavra polissêmica não apresentam, necessariamente, traços comuns entre si, porém cada sentido apresenta ao menos um traço em comum com o sentido do qual se originou.

A partir do que apresentamos nesta seção, é possível inferir que a versão Ampliada pode dar conta de um movimento polissêmico intenso dos itens lexicais. O objetivo do presente trabalho é justamente esse, o de propor uma sistematização das muitas acepções da preposição *de*, partindo da premissa de que o sentido etimológico é o seu sentido primeiro, do qual se originam suas derivações semânticas sincrônicas. Na próxima seção, veremos de que forma a Teoria dos Protótipos Ampliada pode ser aplicada ao estudo do semanticismo da preposição *de*.

## **2.3 O SEMANTICISMO DA PREPOSIÇÃO *DE* NA PERSPECTIVA DA VERSÃO AMPLIADA**

Primeiramente, é importante assumir que, no momento em que nos propomos a estudar o semanticismo de *de*, partimos do fato de que estamos tratando de um item relacional<sup>27</sup>, o qual, em determinados contextos sintáticos, apresenta uma semântica própria, ou seja, a preposição não é vazia de significado, antes disso, abarca, dependendo do contexto em que ocorre, uma multiplicidade de sentidos. Dessa maneira, apresentaremos um breve estudo acerca da importância do contexto de ocorrência da preposição, para que, depois, possamos aplicar efetivamente os pressupostos da Teoria dos Protótipos Ampliada à análise do semanticismo de *de*.

### **2.3.1 A importância do contexto no semanticismo da preposição**

Como já afirmamos, partimos do princípio de que, em determinadas situações, a preposição *de* é plenamente significativa. Existe, não obstante, um esmaecimento da semântica dessa preposição em determinados entornos sintáticos. Acerca desse esmaecimento, Cunha e Cintra (1985, p. 542 e ss.) nos ensinam que as preposições, em geral, apresentam, de acordo com as palavras que relacionam, um esmaecimento maior ou menor do seu conteúdo significativo de associação, ou seja, a intensidade significativa de uma preposição depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida. De acordo com os autores, essa relação pode ser fixa, necessária ou livre. O exemplo apresentado por Cunha e Cintra (1985, p.545) é muito ilustrativo: (1) *viajei com Pedro* e (2) *concordo com você*. Nesse exemplo, podemos observar que a preposição *com*, no primeiro caso, é um adjunto de companhia, e no outro é uma

---

<sup>27</sup> As preposições são consideradas operadores que realizam uma ligação assimétrica entre um objeto A (figura) e um objeto B (fundo), de acordo com Castilho (2003).

preposição regida pelo verbo; ou seja, em (1) é caso acessório, e em (2) é um termo integrante. Nesse último caso, *com* teve um esmaecimento de conteúdo significativo de associação<sup>28</sup>, isto é, a intensidade significativa da preposição depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida.

Para Cunha e Cintra (1985), a relação fixa é estabelecida pelo uso das preposições combinado a determinadas palavras, formando uma verdadeira “palavra composta” (p. 547). Os autores exemplificam a relação fixa por meio de frases do tipo *Necessariamente não de vencer eles* (C. Castelo Branco). Nesse caso, os autores afirmam que o sentido da preposição *de* se esvazia, e passa a prevalecer a significação do “conjunto léxico resultante da fixação da relação sintática preposicional” (p. 547).

Já a relação necessária, de acordo com os autores, caracteriza-se por relacionar ao termo principal um conseqüente sintaticamente necessário, como o uso da preposição em participio e agente da passiva, ou em um substantivo seguido de seu complemento nominal. Cunha e Cintra (1985, p. 548) exemplificam a relação necessária por meio de frases do tipo: *Eu já nem me lembro de nada* (M. Torga). Nesses casos há também um prejuízo de seu conteúdo significativo, reduzido aos traços mínimos básicos.

Por fim, na relação livre, as preposições assumem na construção sintática a plenitude de seu poder significativo, nas quais a sua presença é possível, mas não necessária sintaticamente. Cunha e Cintra (1985) exemplificam tal uso por meio de frases do tipo *Encontrei com um amigo* e *Encontrei um amigo* (p.548). Para os autores, a presença da preposição acrescenta, nesses casos, a idéia de ‘associação’.

Em relação ao fenômeno do esmaecimento significativo do uso das preposições, Poggio (2002 p. 104), citando Borba (1971), afirma que, quando a preposição é empregada com menor freqüência, ela conserva sua função básica, tornando-se mais independente e tendendo a concentrar-se em um só sentido, como acontece, por exemplo, com *ante*, *após*, *desde*, *sem*, etc. E o contrário também é verdadeiro, à medida

---

<sup>28</sup> Porém, devemos salientar, apoiando-nos em Cunha e Cintra (1985), que as relações sintáticas que se fazem por intermédio da preposição obrigatória selecionam preposições justamente por causa do seu significado básico. Assim, o verbo “concordar” seleciona a preposição *com* por causa das semelhanças que existem entre o sentido do verbo e a idéia de associação inerente a *com*.

que determinada preposição é mais usada, mais abstrata ela tende a tornar-se, sendo maior o seu valor gramatical, como ocorre com as preposições *a, de, em, por, com*, etc.

Dado esse processo de abstração que emana da semântica das preposições, autores, como Tèsnier (1976, p. 80), defendem que as preposições podem ser consideradas como palavras vazias. Porém, de acordo com Poggio (2002, p. 100), essa noção não é válida, pois a própria existência do signo garante a existência de um significado, ou seja, não haveria necessidade de usarmos preposições em português caso elas não fossem dotadas de sentido.

Nesse sentido, estamos de acordo com Poggio (2002) e neste trabalho a preposição *de* será analisada a partir do uso considerado plenamente significativo. Analisaremos, especificamente, as acepções da preposição que apresentam, na sua exemplificação, a preposição *de* estabelecendo relações semânticas em adjuntos, tanto adverbiais como adnominais, em função predicativa e em locuções prepositivas indicativas de circunstâncias.

### 2.3.2 Um possível protótipo da preposição *de*

Baseados na noção de que a preposição *de*, nos contextos sintáticos apresentados anteriormente, é plenamente significativa, pretendemos analisar, sob a Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada, o seu semanticismo. Para tal, é necessário considerarmos que as preposições são itens relacionais, isto é, nos termos de Castilhos (2003), são

“[...] operadores que realizam uma ligação assimétrica entre um objeto A, doravante FIGURA, e um objeto B, doravante FUNDO, com relação ao qual pretendemos localizar A”. CASTILHOS (2003, p.10).

Para o autor, arranjos espaciais também são criados quando um verbo se associa à preposição para relacionar a FIGURA e FUNDO, tratados então como /+origem/, /+meta/, etc, como, respectivamente, a *mulher veio de casa* e a *mulher foi para a casa*, mas isso não impede que as preposições possuam uma semântica própria. Essa semântica própria da preposição, de acordo com Castilho (2003), está relacionada com

“[...] a localização de objetos e sua inserção no ESPAÇO é um dos mecanismos básicos da construção de sentidos, que opera também com

outras categorias cognitivas tais como VISÃO, MOVIMENTO, OBJETO etc.” CASTILHO (2003, p.10).

Tal asserção indica a importância da categoria cognitiva de ESPAÇO para o estudo da semântica dessa classe gramatical, e é corroborada por diferentes estudiosos da semântica das preposições, tais como Câmara Júnior (1975), Said Ali (1964), Poggio (2002) e Castilho (2003). Esse último autor, por exemplo, defende que as preposições dispõem de um sentido prototípico, reconhecível a partir das categorias cognitivas de POSIÇÃO NO ESPAÇO, DESLOCAMENTO NO ESPAÇO E DISTÂNCIA NO ESPAÇO; já Câmara Jr. (1975) afirma que as preposições possuem uma base de aplicação locativa, e que a partir dela “cada partícula desenvolve um conjunto de noções abstratas, complexo e sutil” (p.179). As noções temporais e nocionais das preposições são consideradas, portanto, derivações do seu sentido básico locativo<sup>29</sup>. Nesta dissertação, aceitando os argumentos desses autores, consideraremos que o sentido prototípico etimológico da preposição é relacionado ao espaço e que, por um processo de abstratização, passou a ser empregado em circunstâncias temporais e nocionais.

Cumpra ainda mencionar a posição de Pottier (1968). Esse autor defende que a preposição é usada tanto no plano dimensional, quanto no nocional. Assim, cada preposição deve ser estudada nestes três aspectos: espaço e tempo – referentes ao plano dimensional - e noção – referente ao plano nocional. Diferentemente dos estudos tradicionais sobre o tema, que defendem que a noção espacial seria a básica, da qual se originariam os outros valores, Pottier (1968) concebe que a preposição possui uma base representacional que se aplica analogamente aos campos nocional, temporal e espacial. Portanto, de acordo com Cunha e Cintra (1985, p. 550), os quais tomaram como base os estudos de Pottier (1968), a base representacional de *de* seria aplicada, analogamente, a circunstâncias de espaço, como *Vinha de longe a garota*; de tempo, *Roma fala do passado ao presente*, e de noção, *As meninas recomeçaram o barulho do trabalho*.

Essa base representacional da preposição *de* proposta por Pottier (1968), também mencionada por Cunha e Cintra (1985) e Borges (2005), é de movimento, origem;

---

<sup>29</sup> Lakoff e Johnson (2004, p. 177) defendem que “[...]el tiempo se conceptualiza metafóricamente en terminos de espacio”.

movimento de afastamento de um limite, com insistência sobre a origem do movimento, predominando a idéia de contato inicial.

Dessa maneira, partimos do pressuposto de que a preposição *de* apresenta um sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, depreendido pelo contraste da base representativa proposta por Pottier (1968) e enriquecido com os sentidos prototípicos da preposição propostos por Castilho (2003). O protótipo, tal como defende Castilhos (2003), teve origem em sua aplicação ao campo espacial e, por uma série de abstratizações, passou a ser ressignificado, o que explica o grande número de sentidos que a preposição *de* apresenta hoje no português.

Como veremos no capítulo 4, na seção 4.1, esse protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM é oriundo do latim, resultante de um processo de generalização da preposição *de* latina e do desaparecimento das preposições *ab* e *ex* a partir do latim vulgar.

Acreditamos que esse sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM é ressignificado de acordo com as palavras que se relacionam com a preposição. Haveria um sentido mais concreto e prototípico em contraste com os sentidos obtidos composicionalmente, que propiciou, de acordo com Castilho (2003), uma grande multiplicação de categorias semânticas, “caso em que os sentidos provavelmente rarefeitos das preposições se combinariam com aquelas das palavras à sua volta” (p.6).

De acordo com Kleiber (1995), como mencionamos na seção anterior, a Teoria Prototípica Ampliada permite que analisemos a semântica de itens polissêmicos pelo fato de que não há a necessidade de se postular um único protótipo como estruturador da semântica de determinada palavra; justamente pelo fato de que a palavra é polissêmica, podemos estipular vários protótipos, que abarcariam os diversos sentidos do item lexical em análise nos diferentes entornos sintáticos.

Dessa maneira, amparados em tudo o que vimos até aqui, nesta dissertação estaremos defendendo que a preposição *de* tem um significado etimológico locativo prototípico, nos termos da Teoria Ampliada. Considerando o que Said Ali (1964),



Câmara Júnior (1975), Pottier (1968), Poggio (2002) e Castilho (2003) disseram em seus trabalhos, assumimos que o sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM é um possível protótipo de *de*, e não, necessariamente, o único. Nossa tarefa será, portanto, analisar em que medida os diferentes sentidos sincrônicos de *de* podem estar relacionados ao protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

Neste capítulo apresentamos as linhas gerais da Teoria dos Protótipos em sua versão Padrão, e, baseados nos estudos de Kleiber (1995), constatamos que a versão Padrão dessa teoria não é adequada ao tratamento da preposição *de*, por não ser aplicável a análises de itens polissêmicos. Na seção 2.2, apresentamos a Teoria dos Protótipos Ampliada, versão que permite a análise de itens polissêmicos, pois não estabelece a necessidade de se postular um único protótipo como estruturador da categoria, o que não homogeneiza os diferentes sentidos que a preposição apresenta. Por fim, na seção 2.3, apresentamos a relação da Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada com o estudo do semanticismo da preposição *de*, e afirmamos que, quando a preposição está em contextos considerados plenamente significativos, como em adjunção nominal ou verbal, a preposição pode apresentar o protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, mas não necessariamente esse protótipo será o representativo da semântica de *de*: essa preposição, por ser uma palavra gramatical polissêmica, pode apresentar outros protótipos, representativos dos diversos sentidos que ela pode expressar.

Passemos ao próximo capítulo, no qual apresentamos a metodologia adotada para a análise do semanticismo de *de* a partir da Teoria dos Protótipos de Kleiber (1995).

### 3. METODOLOGIA

Como já anunciado, esta dissertação tem como objetivo analisar o semanticismo da preposição *de* a partir da Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada, com vistas a colaborar com a informação etimológica veiculada em textos lexicográficos. Assim, neste capítulo, apresentamos a metodologia que será adotada na presente dissertação. Na seção 3.1, explicitamos os procedimentos adotados nesta pesquisa; na seção 3.2, descrevemos os critérios utilizados para a recolha do *corpus*; e na seção 3.3, indicamos as categorias analíticas da pesquisa.

#### 3.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A análise do semanticismo da preposição *de* justifica-se no fato de que a descrição semântica de uma palavra gramatical, como vimos na introdução deste trabalho, é uma tarefa complexa, especialmente a descrição de uma palavra tão polissêmica como a preposição *de*. Isso é comprovado no momento em que analisamos a estruturação dos verbetes dessa preposição em diferentes dicionários de língua portuguesa, tais como, *Diccionario da Lingua Portugueza Recopilado*, de Moraes Silva, 1813; *Grande Diccionario Portuguez, Thesouro da Lingua Portugueza*, de Vieira, (1873); *Dicionário Contemporâneo da Língua Portugueza*, de Aulete, (1911); *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, (1939/1944); *Dicionário da língua portuguesa de Figueiredo*, (1949); *Nôvo Dicionário Brasileiro*, da Melhoramentos, (1969); *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, de Moraes Silva, (1987); *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, (2001); *O Novo Dicionário Aurélio*, de Holanda (2001); *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão rede), de Houaiss (2001) e o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Borba, (2002).

Nesses dicionários, pode-se observar que a organização das diferentes acepções de *de* dá-se, muitas vezes, de forma aleatória, sem embasamento explícito em nenhuma

teoria lingüística. Como defendemos no Capítulo 1, a prática lexicográfica deve procurar basear-se em uma teoria lingüística para que a informação lexical possa ser organizada de forma coerente e objetiva; de tal sorte que reflita as diferentes possibilidades de uso da palavra que está sendo lexicografada.

No capítulo 2, vimos que a preposição, quando está em contextos considerados plenamente significativos - estabelecendo relações semânticas em adjunto, tanto adverbial como adnominal, em função predicativa e em locuções prepositivas indicativas de circunstâncias -, apresenta o fenômeno da prototipia, não sendo vazia de significado.

A Teoria dos Protótipos Ampliada de Kleiber permite-nos analisar a preposição *de* a partir de seu significado básico no latim, isto é, de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, considerado neste trabalho o protótipo etimológico da preposição. Tal teoria possibilita também defendermos que esse protótipo é atualizado de diferentes maneiras no momento em que a preposição relaciona itens lexicais, gerando uma série de prototipias. Assumimos, baseados nos estudos de Said Ali (1964), Pottier (1968), Câmara Júnior (1975), Poggio (2002), Castilho (2003) e Borges (2005), que a preposição apresenta um sentido prototípico primeiro de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, porém, de acordo com as palavras que relaciona, pode apresentar muitos sentidos, e, logo, outros protótipos além do etimológico.

Dessa forma, seguindo os pressupostos da Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada, também pretendemos sugerir possíveis protótipos para aqueles sentidos que não pareçam estar relacionados ao protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. Considerando que estamos trabalhando com a hipótese de que é possível explicar a vasta gama de sentidos que a preposição *de* comporta em nossos dias a partir da observação dos diferentes estágios pelos quais a preposição *de* passou, isto é, da observação dos desdobramentos de seu protótipo etimológico ao longo do tempo, nesta dissertação, faremos dois tipos de análise: a) diacrônica, e b) sincrônica.

A análise diacrônica será realizada a partir da observação dos sentidos veiculados pela preposição *de* ao longo do tempo, em especial, observaremos os sentidos dessa preposição em textos lexicográficos de três períodos: do latim, do século XIX e do século XX. O somatório dos resultados encontrados nessas sincronias

resultará em uma análise semântica diacrônica dos diferentes protótipos da preposição *de*.

A análise sincrônica, por sua vez, terá como foco de observação textos lexicográficos publicados a partir de 2001. A partir dessa análise, pretendemos evidenciar quais sentidos são hoje reconhecidos pelos falantes do português.

Por fim, a partir da comparação dos dados obtidos através da análise diacrônica e da análise sincrônica, esperamos ser possível indicar os traços semânticos que desapareceram, permaneceram ou foram ressignificados ao longo das sincronias examinadas.

### 3.2 SELEÇÃO E RECOLHA DOS DADOS

Os dados analisados nesta pesquisa, como já anunciamos na seção anterior, são oriundos de dois tipos de fontes lexicográficas: a) dicionários exemplares do latim clássico, do século XIX, XX e dicionários etimológicos; e b) dicionários exemplares do século XXI.

A seguir, apresentamos o quadro que sintetiza os dicionários consultados para a análise diacrônica:

**Quadro 3: Dicionários consultados para a análise diacrônica**

<b>Análise Diacrônica</b>	<b>Latim clássico</b>	Dicionário de Latim Português, de Ferreira (1998)
	<b>Latim vulgar</b> <sup>30</sup>	Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de Nascentes (1955)
		Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa, de Bueno (1963)
		Dicionário Etimológico da Língua, de Machado (1977)
	<b>Século XIX</b>	Diccionario da Língua Portuguesa Recopilado, de Moraes Silva (1813)
		Grande Diccionario Portuguez, Thesouro da Língua Portuguesa, de Vieira (1873)
	<b>Século XX</b>	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Aulete, (1911)
		Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire, (1939/1944)

<b>(continuação)</b>  <b>Análise</b>  <b>Diacrônica</b>	<b>Século XX</b>	Dicionário da Língua Portuguesa, de Figueiredo (1949)
		Nôvo Dicionário Brasileiro, da Melhoramentos (1969)
		Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de Moraes Silva, (1987)

Nesse momento, é importante justificar a razão pela qual esses dicionários foram selecionados para a análise. O dicionário de Ferreira foi selecionado por ser um dos mais completos no que diz respeito à descrição semântica dos itens lexicais, o que explica ser um dos dicionários de latim mais procurados pelos consulentes. O verbete da preposição *de* desse dicionário abarca acepções apresentadas nos verbetes de distintos dicionários de latim-português, como os seguintes: *Dicionário Escolar Latino – Português* (1962) de Faria; *Pequeno Dicionário Escolar Latino-Português* (1955), do Pe. Koehler e o *Novíssimo Dicionário Latino-Português* (1993), de Saraiva.<sup>31</sup>

Como podemos observar no quadro anterior, para a análise do latim vulgar não nos valem de um dicionário específico desse dialeto do latim clássico, mas sim analisamos os verbetes de *de* de dicionários etimológicos, como o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Nascentes (1955), o *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*, de Bueno (1963) e o *Dicionário Etimológico da Língua*, de Machado (1977). Isso se deve ao fato de que o latim vulgar foi um dialeto que não teve registro escrito, e, justamente por isso, recorreremos às informações fornecidas em dicionários etimológicos, acrescidas de informações de gramáticas latinas e de textos de cunho filológico para tentar reunir a maior quantidade de informações acerca da preposição *de* no latim vulgar. Esse período é de grande importância para a presente pesquisa, pois a partir desse dialeto do latim muitas transformações ocorreram na língua, e a semântica da preposição *de* passou por um grande incremento de sentidos.

Os dicionários selecionados para consulta do verbete da preposição *de* no século XIX foram, como podemos observar no quadro 3, o *Diccionario da Lingua Portuguesa Recopilado*, de Moraes Silva (1813) e o *Grande Diccionario Portuguez, Thesouro da*

<sup>30</sup> As informações relativas ao latim vulgar, como veremos a seguir, foram também retiradas de gramáticas latinas e de textos de cunho filológico.

<sup>31</sup> A bibliografia completa dos dicionários é a seguinte: FÁRIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed. Rio de Janeiro : Min. da Educação e Cultura, 1962; KOEHLER, H.. *Pequeno dicionário escolar latino-português*. 12. ed. Porto Alegre : Globo, 1955 e, SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

*Lingua Portuguesa*, de Vieira (1873). Esses dicionários foram considerados os mais representativos do período, por serem mencionados em grande parte dos estudos acerca da lexicografia desse século. O fato de somente terem sido selecionados dois dicionários desse período, ou mesmo o fato de não ter sido analisada nenhuma sincronia anterior ao século XIX, deve-se à dificuldade de acesso a dicionários dessas épocas.

Já os dicionários selecionados para a análise da semântica da preposição no século XX, quais sejam, o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Aulete, (1911); o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, (1939/1944); o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Figueiredo (1949); o *Nôvo Dicionário Brasileiro*, da Melhoramentos (1969) e o *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, de Moraes Silva, (1987), são os dicionários mais representativos desse século. Isso é corroborado pelo fato de que, muitas vezes, a análise de suas macroestruturas e microestruturas consta nos estudos sobre o fazer lexicográfico referente a esse período.

Como nosso objeto é o semanticismo da preposição *de* também no português contemporâneo, nossa contribuição deverá ser pautada pelos sentidos reconhecíveis pelos falantes do século XXI, então analisaremos verbetes de dicionários dessa sincronia.

A seguir, apresentamos o quadro que sintetiza as obras consultadas para a análise sincrônica:

**Quadro 4: Dicionários consultados para a análise sincrônica**

<b>Análise Sincrônica</b>	<b>Século XXI</b>	Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, (2001)
		O Novo Dicionário Aurélio, de Holanda (2001)
		Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (versão rede), de Houaiss (2001)
		Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Borba, (2002)

A escolha desses dicionários deveu-se ao fato de que eles são considerados referência neste século, devido ao seu largo uso pela comunidade - justificativa análoga àquela da seleção dos dicionários da análise diacrônica.

Tendo apresentado e justificado a escolha das fontes documentais que serão analisadas nesta dissertação, é importante, agora, explicar como será realizada a recolha dos dados em todas as sincronias examinadas: serão recolhidas apenas as acepções em que a preposição é considerada como plenamente significativa, ou seja, quando sua transparência semântica é considerada baixa. Isso acontece, como vimos no capítulo 2, nas situações em que a preposição funciona fora do sistema de transitividade. Iremos nos limitar à análise do sentido da preposição em casos de adjunção verbal e nominal, além de sua atuação em função predicativa e em locuções prepositivas indicativas de circunstâncias.

Esses dados serão analisados a partir de uma comparação dos sentidos expressos nas acepções do verbete dos dicionários consultados com o sentido prototípico MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, o sentido primeiro da preposição.

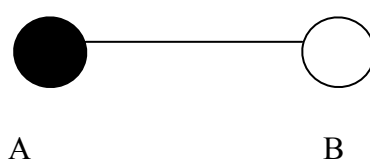
O critério que adotaremos para a organização dos dados é o de separar as acepções selecionadas em três grupos: a) acepções que indicam uso espacial da preposição; b) acepções que indicam uso temporal; e c) acepções que indicam uso nocional da preposição. Isso permitirá que verifiquemos quais sentidos de *de* desapareceram, permaneceram, surgiram ou foram ressignificados, em um grau crescente de abstração do uso da preposição; afinal, como dissemos no capítulo 2, partimos do princípio de que a preposição tinha por função primeira a localização espacial e, por um processo de abstratização, passou a ser empregada nos campos temporal e nocional.

### **3.3 CATEGORIAS TEÓRICAS ADOTADAS NA ANÁLISE**

Como temos demonstrado ao longo deste trabalho, concorrem para a análise dos dados todo o arcabouço teórico da versão Ampliada da Teoria dos Protótipos. Em especial, estamos considerando que um protótipo é um caso abstrato central, que agrupa os traços considerados mais típicos, estabelecidos a partir da frequência dos traços, ou seja, pelo grau de predizibilidade de uma propriedade em uma categoria. Nesse sentido, estamos assumindo que há um protótipo etimológico para a preposição *de* que é de

MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, baseados nos estudos de Said Ali (1964), Câmara Júnior (1975), Pottier (1968), Poggio (2002) e Castilho (2003).

Assim, tomando-se como base Castilhos (2003), partimos do pressuposto de que as “preposições dispõem de um sentido prototípico, reconhecível a partir de categorias cognitivas [...] e que, abstratizando-o, pode-se chegar aos seus usos derivados” (p. 7). Representaremos, no presente trabalho, esse sentido etimológico prototípico da preposição *de* pela seguinte figura, baseados na imagem representativa da preposição *de* proposta por Pottier (1968):



**Figura 1: Representação do sentido prototípico etimológico da preposição *de*.**

Essa figura expressa a base representacional de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM e, nesta dissertação, ela indica o sentido prototípico etimológico da preposição. Como afirmado, partimos do pressuposto que o sentido prototípico etimológico da preposição *de* é de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM no campo espacial. O movimento é expresso pela reta, que se origina do círculo A e termina no círculo B, que é o ponto final do movimento. Representamos o círculo A em negro para indicar a ênfase dada ao ponto de origem desse movimento.

Porém, como já afirmamos, esse protótipo etimológico não é representativo de todos os sentidos da preposição *de*, porque, de acordo com o tipo de palavra que a preposição relaciona, alguns sentidos considerados como prototípicos (como a ênfase na origem de determinado movimento) podem ser apagados, e outros sentidos podem ser atualizados, gerando, dessa maneira, um novo protótipo. Nesses casos, isto é, quando o protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM não for representativo, procuraremos apontar o protótipo responsável pelo sentido expresso pela preposição. Para tanto, vamos nos apoiar novamente nos ensinamentos de Pottier (1968).

Pottier (1978, p. 132-133) nos ensina que a preposição *de*, em latim clássico introduzia o ablativo. Esse caso, de acordo com o estudioso, indicava a idéia de ‘causa’,



‘origem’ e ‘base’, exemplificado por *vento crescente* (levantando-se o vento) e *melle dulcior* (mais doce que o mel, sendo o mel a base de referência). Porém, como veremos no próximo capítulo, na seção referente ao latim vulgar, a preposição *de* passou a exprimir os sentidos expressos pelo genitivo, que desapareceu a partir do latim vulgar. O caso genitivo exprimia a dependência de uma base, exemplificada por *multum aquae* (uma grande quantidade de água) e *cupidus gloriae* (desejoso da glória). Assim, podemos depreender que, ao desempenhar a função do antigo genitivo, a preposição *de* passou a desempenhar também a função de indicar a dependência entre dois elementos. Logo, teríamos, até o momento, duas aplicações da preposição: aquela que indica MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM e aquela que indica RELAÇÃO ENTRE DOIS ELEMENTOS.

Cunha e Cintra (1985, p. 543 e ss.), baseados em Pottier (1968), afirmam que a relação que se estabelece entre as palavras ligadas pela preposição pode ser de movimento ou não movimento, sendo que essa expressão de não movimento é indicada pelo termo ‘situação’. Por exemplo, de acordo com Cunha e Cintra, na frase *todos saíram de casa*, a relação estabelecida por *de* é de movimento, enquanto que na frase *chorava de dor*, a preposição indica situação, pela falta do traço de movimento. Tanto o traço de movimento quanto o de situação podem ser considerados em referência ao espaço (*todos saíram de casa*), tempo (*trabalha de oito as oito todos os dias*) e noção (*chorava de dor*).

A preposição *de*, portanto, tem aplicações, além de espaciais, temporais e nocionais, nas quais houve um processo crescente de abstratização da aplicação espacial da preposição, considerada básica, como vimos.

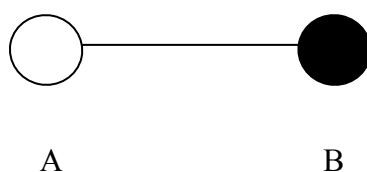
Considerando, então, que o protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM não pode representar os sentidos da preposição nos quais são enfatizados o modo ou o meio pelo o qual se dá determinado movimento, estipulamos a seguinte figura representar o protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MEIO ou MODO:



**Figura 2: Representação do sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MODO e MEIO.**

A figura acima expressa o protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MEIO ou MODO, no qual a ênfase é dada ao modo ou meio característico de determinado movimento, representado pela reta que liga os pontos A e B.

Caso a ênfase seja dada ao fim de determinado movimento, passamos a trabalhar com outro protótipo: o de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM, representado pela figura abaixo:



**Figura 3: Representação do sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM.**

A figura acima expressa o protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM, no qual a ênfase é dada à finalidade de determinado movimento, expressa pelo preenchimento do ponto B.

Esses protótipos de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MEIO ou MODO e MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM têm atualizado o traço de movimento, e o que os diferencia é a atualização ou o apagamento dos traços ‘origem’, ‘meio ou modo’ e ‘fim’. Por exemplo, a partir do protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, houve um processo de apagamento da ênfase dada à origem e um processo de atualização do traço finalidade, resultando no novo protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM.

Da mesma maneira que o traço ‘ênfase na origem’ é passível de ser apagado em determinados contextos, o traço de ‘movimento’ também o é. De acordo com Pottier (1968), a ausência do traço de movimento é representada pelo termo ‘situação’. Adotaremos no presente trabalho a denominação de RELAÇÃO ENTRE DOIS ELEMENTOS ao protótipo da preposição *de* no qual o traço de movimento está apagado.

Portanto, analogamente ao observado no protótipo de MOVIMENTO, no qual podem ser atualizados os traços de ‘origem’, ‘modo ou meio’ e ‘fim’, o protótipo de

RELAÇÃO ENTRE DOIS ELEMENTOS pode atualizar os traços de ‘origem’, ‘modo ou meio’ e ‘fim’, e tais protótipos serão representados pelas mesmas figuras representativas do protótipo de MOVIMENTO, porém, para indicar a ausência desse traço, incluiremos nas figuras o seguinte símbolo: <sup>-M</sup>. Adotaremos as mesmas figuras para os protótipos de MOVIMENTO e RELAÇÃO porque entendemos que a reta que liga os pontos A e B pode tanto expressar o percurso de determinado movimento, quanto representar simplesmente a relação entre dois objetos, eventos ou situações.

Logo, a partir da análise de diferentes acepções apresentadas nos dicionários, reconhecíveis para falantes do século XXI, consideraremos que o protótipo MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM pode ser observado nos diferentes sentidos de *de*, e, caso contrário, qual seria um possível protótipo para os sentidos que a preposição vincula nos dias de hoje. Assim, pretendemos, ao analisar a semântica prototípica da preposição, indicar que protótipos mantiveram-se desde o latim clássico, quais foram acrescentados no latim vulgar e apontar a possível derivação semântica entre os diferentes sentidos expressos pelas diferentes acepções que *de* pode hoje comportar.

Feitas essas considerações a respeito da metodologia de pesquisa adotada neste trabalho, no próximo capítulo, apresentaremos o capítulo referente às perspectivas diacrônica e sincrônica dos sentidos da preposição *de*.

#### **4. PERSPECTIVAS DIACRÔNICA E SINCRÔNICA DOS SENTIDOS DA PREPOSIÇÃO *DE***

Como temos acentuado nos capítulos anteriores, o objetivo da presente dissertação é analisar o semanticismo prototípico da preposição *de*, com a finalidade de aprimorar o tipo de informação fornecida no campo destinado à etimologia em textos lexicográficos. Dessa maneira, é fundamental que explicitemos os traços prototípicos diacrônicos de *de*, o que é feito na seção 4.1. Para tal, expomos os traços prototípicos de *de* no latim clássico, na seção 4.1.1, e no latim vulgar, na seção 4.1.2, para que possamos analisar quais acepções se mantiveram - ou se perderam - no português dos séculos XIX e XX, conforme apresentado na seção 4.1.3. Na seção 4.2, realizamos a análise sincrônica da preposição: na seção 4.2.1, indicamos o semanticismo de *de* apresentado por dicionários do século XXI. Na seção 4.3, indicamos, a partir das diferentes sincronias analisadas, quais foram os sentidos que desapareceram ou foram incorporados ao semanticismo da preposição. A partir, pois, das acepções consideradas sincrônicas da preposição, pretendemos, no próximo capítulo, analisar, baseados na Teoria dos Protótipos Ampliada de Kleiber, o semanticismo da preposição *de*.

##### **4.1 A PREPOSIÇÃO *DE*: PERSPECTIVA DIACRÔNICA**

Como o nosso objetivo é descrever o semanticismo sincrônico de *de* baseados em textos lexicográficos, na expectativa de que o protótipo etimológico MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM possa ter atravessado os tempos e ainda hoje seja basilar nas diferentes acepções que *de* pode assumir, é necessário descrever os sentidos diacrônicos da preposição, para indicar quais sentidos da preposição foram mantidos, quais desapareceram e quais foram ressignificados. Passemos, pois, à descrição de *de* no latim clássico, no latim vulgar, e no português dos séculos XIX e XX.

#### 4.1.1 A preposição *de* no latim clássico

O latim clássico é uma língua que apresenta cinco declinações, reconhecidas pelas terminações do genitivo singular das palavras. Cada uma dessas declinações possui seis casos, que determinam as distintas relações sintáticas das palavras entre si. Como sabemos, tais relações sintáticas são expressas nas línguas românicas por meio de artigos, preposições e colocação fixa dos nomes.

Esses casos definidores da função sintática da palavra numa oração são resumidamente apresentados a seguir: o caso nominativo, referente à função sintática do sujeito e do predicativo do sujeito; o caso genitivo, que expressa o adjunto adnominal restritivo; o acusativo, cuja função sintática é basicamente de objeto direto, e, se preposicionado, indica função adverbial; o caso dativo, indicativo da função de objeto indireto ou de complemento nominal; o vocativo, que é o caso do chamamento e o ablativo, caso dos adjuntos adverbiais.

Porém, esses seis casos não são suficientes para refletir todas as nuances de sentidos possíveis na língua latina clássica<sup>32</sup>. Nessa língua, pode-se perceber o uso de preposições e advérbios servindo como auxiliares para melhor expressar as relações sintático-semânticas entre as palavras<sup>33</sup>.

De acordo com estudiosos da língua latina (como Napoleão Mendes de Almeida, 2004, p.143), as preposições, em latim clássico, respondem a quatro advérbios: *ubi*, que significa ‘onde’ (quase sempre expresso pelo ablativo, com as preposições *in* e *sub*, sem a idéia de movimento, em oposição ao acusativo); *unde*, ‘de onde’ (expresso pelo

<sup>32</sup> Segundo Said Ali (1964, p.203), quanto mais ricas e estruturadas as marcações casuais de uma língua, em princípio menor é a necessidade do uso de preposições, verbos auxiliares e advérbios para suprir as deficiências sintático-semânticas que possam vir a apresentar. Destacamos que mesmo em latim clássico havia uma tendência à redução do número de flexões, desde o início de sua tradição literária. De acordo com Martins (1996, p.84), o instrumental e o locativo, casos do indo-europeu, foram aglutinados pelo ablativo latino. O número de formas casuais é muito reduzido em relação ao indo-europeu e, conseqüentemente, maior a necessidade do uso de preposições na língua latina.

<sup>33</sup> Não obstante a grande quantidade de advérbios que passaram a ser preposições em latim (as preposições *ad*, *ante*, *contra*, *infra*, *juxta*, por exemplo, eram também empregadas em latim clássico como advérbios), essas partículas possuíam um papel secundário na língua, pois os casos, na maioria das vezes, supriam as relações sintático-semânticas necessárias à comunicação. O português, e as demais línguas latinas, frente ao desaparecimento dos casos, utilizam-se das preposições para estabelecer essas relações entre as palavras. As preposições, portanto, vão ocupando um lugar de destaque na estrutura sintática das línguas.

ablativo, tendo por função básica indicar o ponto de partida, além de extensão e separação); *quo*, ‘para onde’, (construído com o acusativo de movimento com *ad*, indicando movimento até um lugar ou *in*, indicando entrada em um lugar) e *qua*, ‘por onde’ (construído com acusativo, é geralmente acompanhado pela preposição *per*). Para o presente estudo da preposição *de*, nos deteremos nas respostas ao advérbio *unde*.

As preposições, em latim clássico, geralmente, podiam reger somente um caso: logo a função sintática era antecipada pela preposição e acabou, com o decorrer do tempo, por tornar-se redundante a estrutura preposição seguida de caso.

As preposições que regiam o caso ablativo em língua latina são as seguintes, de acordo com Ernesto Faria (1958, p. 256 a 263):

**Quadro 5: Preposições que se constroem com o ablativo.**

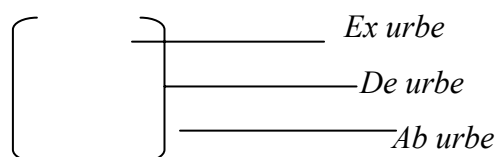
Preposição latina	Preposição portuguesa originada
<i>ab, a, abs</i>	de, desde
<i>ex, e</i>	de, para fora de
<i>prae</i>	diante de
<i>sine</i>	sem
<i>cum</i>	com
<i>de</i>	de, do alto de
<i>pro</i>	diante de, defronte de
<i>tenuis</i>	até

Ligam-se ao ablativo as preposições *ab*, *de*, *ex*, como podemos observar no quadro anterior. De acordo com Câmara Júnior (1975, p. 178), também citado por Ilari (1990, p. 136), a preposição *de*, em latim clássico, expressa movimento de cima para baixo, sendo que a idéia de proveniência / afastamento de um lugar cabe a *ab* (e suas variantes); e *ex* (e suas variantes) expressa um movimento de dentro para fora, partindo de um lugar determinado ou do próprio objeto. A preposição *de* passou, no latim vulgar, como veremos na próxima seção, a aglutinar todas essas três funções, além da idéia de posse, pois ao substituir o caso genitivo (que expressava a adjunção adnominal restritiva), a preposição *de* passa a ter emprego na relação de subordinação substantiva. Entre as construções do ablativo preposicionado a mais resistente foi com *de*,

possivelmente por sua inicial consonântica, como afirma Machado (1977), também citado por Poggio (2002, p. 184).

Ernesto Faria (1958, p.256-263) também afirma que o sentido inicial da preposição *de*, em latim clássico, era o de expressar movimento de cima para baixo ('do alto de'). A preposição *de*, como *ex* e *ab*, expressava afastamento, mas *ex* e *ab* acrescentavam um traço particular a essa noção de movimento. Machado (1977), também citado por Poggio (2002, p.182), afirma que *ex* denota afastamento a partir do interior (gerando o sentido de procedência, de origem espacial), e *ab* denota movimento a partir do exterior do objeto (no sentido horizontal, gera a noção de afastamento).

Pottier (1978, p. 133) ilustra a antiga distinção dessas preposições da seguinte maneira, reproduzida aqui para fins de clareza.



**Figura 4: Distribuição entre *ex*, *de*, *ab*, segundo Pottier (1978, p.133).**

Através da figura acima, pode-se observar que a distinção entre as três preposições reside no ponto de início do movimento. Porém, de acordo com os autores estudados, a distinção reside também nos eixos – vertical ou horizontal – do movimento expresso pelas preposições. A preposição *de*, inicialmente, era utilizada para indicar o movimento no eixo vertical.

Porém, de acordo com Said Ali (1921),

[...]executando-se [...] na prática os movimentos segundo linhas mais ou menos inclinadas, desfazia-se o sentimento rigoroso das noções “vertical” e “horizontal” e *de* se confundia com *ab*. Sacrificada foi afinal esta última. Não estava fadada a perpetuar-se a distinção que se fazia, por meio de preposições, entre o afastamento precedido de dentro para fora e a separação partida de um ponto da superfície. *De* torna-se equivalente a *ex*, e esta outra preposição desaparece por supérflua<sup>34</sup>.(SAID ALI, 1921, p. 193).

<sup>34</sup> O desaparecimento das preposições *ab* e *ex* somente aconteceu no latim vulgar, como veremos na próxima seção.

Como se vê, a distinção baseada no eixo - horizontal ou vertical - do movimento deixou de ser significativa, o que fez com que *de*, preposição que indicava movimento vertical, se confundisse com *ab*, preposição que indicava movimento horizontal. Além disso, a distinção que se fazia entre movimento a partir do interior (expresso por *ab*) e o movimento a partir de um ponto da superfície (expresso por *ab*), tampouco estava “fadada a perpetuar-se”.

Nesse sentido, de acordo com Poggio (2002, p. 184), *de* seria o termo mais genérico e *ab* e *ex* seriam termos mais precisos em oposição ao impreciso *de*. Assim, a partir de processos metafóricos, o MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO, sentido primeiro da preposição *de*, passou a ser substituído por um sentido mais genérico, qual seja, de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM do mesmo<sup>35</sup>. Esse sentido mais genérico espacial passou por uma série de abstratizações e, mesmo no latim clássico, teve aplicações nos campos temporal e nocional.

Nesta seção, vimos que o sentido primeiro da preposição *de*, em latim clássico, era de MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO, porém, por um processo de generalização, passou a indicar MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. Esse sentido será considerado, como já dissemos, o sentido prototípico da preposição *de*. Na próxima seção, analisaremos o verbete dessa preposição em um dicionário de Latim-Português, para verificarmos as aplicações desse protótipo no latim.

#### 4.1.1.1. O verbete de *de* no dicionário de Latim-Português

Partindo da noção de que *de* possui um sentido prototípico MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, é importante observarmos suas diversas aplicações no próprio latim clássico. Para tal, analisaremos o verbete apresentado no Dicionário de Latim – Português, (1998), doravante FERREIRA. Vejamos o verbete *de* conforme proposto por FERREIRA (1998), que segue.

*De, prep.* De *abl.* E *pref.* **A.** Como preposição, designa *separação, afastamento, origem.* **I.** *Circunstância de lugar:* de, de cima de, a partir de, de (origem) // *decedere de*, afastar-se de, *exire de*, sair de // *deicere se de muro*, saltar dum muro // *de sella exsilire*, descer da sela // *effugere de manibus*,

<sup>35</sup> Como já mencionado no capítulo 2, Pottier (1968) assume como base representativa da preposição *de* esse sentido.



escapar das mãos // *homo de plebe*, homem originário da plebe, homem plebeu // *neque me argolica de gente negabo*, v., e não negarei ser grego de nascença // *de publico*, Cic., a expensas do estado. **II.** *Circunstância de tempo*: depois, durante, logo, depois de // *diem de die*, liv., um dia após outro // *de tertia vigilia* c., durante a terceira vigília, // *de media nocte*, c., em plena noite // *de mense decembri*, Cic., no decorrer do mês de dezembro. **III.** *Sentidos diversos*: **1.** De, entre (sentido partitivo) // *aliquis de nostris hominibus*, Cic., alguém de entre os nossos compatriotas // *multi de victoribus*, Liv., muitos dos vencedores. **2.** Segundo, conformemente a, por // *de mea voluntate*, Cic., de acordo com a minha vontade // *de via lassus*, Cic., cansado da viagem (por causa da viagem) // *ea de causa*, c., por este motivo. **3.** A respeito de, acerca de, quanto a (*sent. Muito frequente*) // *de contemnenda gloria libellos scribere*, Cic., escrever uns opúsculos sobre o desprezo da glória // *de benevolentia*, acerca da benevolência // *accipere* ou *audire, dicere, judicare de aliqua re*, ouvir dizer, falar, julgar acerca de alguma coisa // *pugnare, dimicare de aliqua re*, combater por alguma coisa // *fama de adventu*, a notícia da chegada. **4.** Contra // *victoria de romanis*, vitória alcançada contra os romanos. **5.** De (matéria, instrumento) // *templum de marmore*, ov., um templo de mármore // *de tuis lacrimis umida sarta*, Ov., grinaldas molhadas de tuas lágrimas. **IV.** Expressões adverbiais: *de cetero*, quanto ao resto; *de integro*, de novo; *de improviso*, de improviso. **B:** como prefixo, designa: **1.** Movimento de separação, afastamento, movimento de cima para baixo: *deduco, demoveo, dejicio*. **2.** Privação ou cessação: *demens, despero*. **3.** Acabamento, intensidade: *depugno, deamo*. **Obs.1.** Coloca-se muitas vezes entre o *subst.* e o *adj.* E depois do relativo: *gravi de causa* // *illud quo de agitur*. **2.** Reforça certas partículas, advérbios e preposições: *deinde, desuper, dehinc*.

O verbete da preposição *de* é estruturado da seguinte forma: a primeira informação apresentada pelo dicionário é de que a preposição *de* rege ablativo latino, e também pode ser um prefixo<sup>36</sup>. As diferentes acepções da preposição estão dispostas no verbete do dicionário de acordo com seu uso em ‘circunstâncias de lugar’, de ‘tempo’ e ‘sentidos diversos’. Essa divisão apresenta semelhança com a divisão adotada no presente trabalho, baseada em Pottier (1968), de classificação das acepções de acordo com sua aplicabilidade aos campos espaciais, temporais e nocionais, sendo que o campo nocional de Pottier (1968) relaciona-se aos sentidos diversos de FERREIRA, por serem ambos representativos das aplicações mais abstratas da preposição.

A primeira acepção apresentada é a de que a preposição *de* designa ‘separação, afastamento, origem’. O protótipo MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM é apresentado pelo dicionário de forma implícita, e pode depreender-se da primeira acepção: ‘separação, afastamento, origem’.

Como dissemos no capítulo referente à metodologia, as acepções do verbete serão apresentadas de acordo com seu emprego em circunstâncias espaciais, circunstâncias temporais e circunstâncias nocionais. Retomando, por circunstâncias espaciais e temporais entendemos o emprego da preposição nos planos dimensionais, respectivamente, sua aplicação ao espaço e ao tempo. Já, fora dos planos dimensionais,

<sup>36</sup> No final do verbete, é indicado que como prefixo *de-* designa “movimento de separação, afastamento, movimento de cima para baixo”, além de “privação ou cessação” e “acabamento, intensidade”.

a preposição pode ser aplicada ao campo nocional, que é o campo de maior abstração do uso da preposição. Com relação à circunstância espacial, FERREIRA apresenta uma única acepção, conforme se vê abaixo.

**Quadro 6: Circunstâncias espaciais da preposição *de* no latim clássico.**

Acepção	Exemplo
de, de cima de, a partir de, de (origem)	<i>de sella exsilire</i> (descer da sela) <i>homo de plebe</i> (homem originário da plebe, homem plebeu)

Como se vê, o protótipo clássico de MOVIMENTO NO EIXO VERTICAL NO SENTIDO DE CIMA PARA BAIXO, anterior à fusão com os sentidos de *ab* e *ex*, está indicado no verbete e representado pelos seguintes exemplos relativos às circunstâncias de lugar: *dejicere se de muro* (saltar dum muro), *de sella exsilire* (descer da sela).

Porém, no mesmo verbete também consta o protótipo mais geral de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, exemplificado por *effugere de manibus* (escapar das mãos). Observa-se que, neste exemplo, não há a obrigatoriedade da existência de um eixo vertical para o movimento expresso pela preposição, ao contrário dos exemplos relativos ao salto do muro e à descida da sela.

Observamos que os exemplos *de sella exsilire* (descer da sela) e *homo de plebe* (homem originário da plebe) referentes, segundo o dicionário, às circunstâncias locais de aplicação desta preposição não podem ser considerados como exemplos análogos da aplicação da preposição *de* ao campo espacial. Afinal, em *de sella exsilire* a aplicação espacial de *de* é evidente, pois a sela é uma localização espacial concreta do ponto inicial do movimento. Porém, em *homo de plebe*, a plebe não é uma localização espacial, e sim uma classe popular que, entre os romanos, era o oposto do patriciado; é uma divisão da sociedade romana, portanto, uma abstração. O exemplo *homo de plebe* (homem originário da plebe) apresenta um protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, mas não é representativo da aplicação da preposição ao campo espacial, mas sim ao campo nocional, devido a seu alto grau de abstração.

No que diz respeito às acepções apresentadas por FERREIRA referentes às circunstâncias de tempo, temos:

**Quadro 7: Circunstâncias temporais da preposição *de* no Latim clássico.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
depois, logo, depois de durante	<i>diem de die</i> , Liv. (um dia após outro) <i>de tertia vigilia</i> C. (durante a terceira vigília)

Como se observa, o dicionarista indica, em uma mesma acepção, os sentidos de ‘depois, logo, depois de’. Porém, esses sentidos poderiam ser divididos em duas acepções mais gerais: a primeira acepção representando o sentido de ‘depois’, exemplificado por *diem de die* (um dia após outro), e a segunda acepção representando o sentido de ‘durante’, exemplificado *de tertia vigilia* C. (durante a terceira vigília).

Como veremos na seção 4.3, a acepção ‘depois, logo, depois de’ não é uma acepção válida na sincronia do século XXI, e a acepção ‘durante’, como será observado no capítulo referente à análise dos dados, não se relaciona ao protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, pois em ‘durante’ a ênfase não é dada ao ponto de origem de terminado evento no tempo; antes, passou a ser a própria duração deste evento no tempo.

Por fim, vejamos, a seguir, as acepções arroladas pelo dicionário FERREIRA como relacionadas às circunstâncias nocionais, bem como uma exemplificação para cada acepção.

**Quadro 8: Circunstâncias nocionais da preposição *de* no latim clássico.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
de, entre (sentido partitivo)	<i>aliquis de nostris hominibus</i> , Cic. (alguém de entre os nossos compatriotas)
segundo, conformemente a, por	<i>de mea voluntate</i> , Cic. (de acordo com a minha vontade); <i>de via lassus</i> , Cic. (cansado por causa da viagem)
a respeito de, acerca de, quanto a	<i>de benevolentia</i> (acerca da benevolência)

<b>Acepção (continuação)</b>	<b>Exemplo (continuação)</b>
contra	<i>victoria de Romanis</i> (vitória alcançada contra os Romanos)
matéria, instrumento	<i>templum de marmore</i> , Ov. (templo de mármore)
origem	<i>homo de plebe</i> (homem originário da plebe, homem plebeu)

Primeiramente, observamos que a acepção de ‘origem’ não foi indicada pelo dicionarista nos ‘sentidos gerais’ do verbete, porém foi incluída por nós no quadro referente às circunstâncias nocionais. A justificativa de tal inclusão foi realizada na análise dos exemplos relativos às circunstâncias de lugar indicadas por FERREIRA. Retomando, em *homo de plebe* (homem originário da plebe, homem plebeu), a plebe não é uma localização espacial, e sim uma classe popular da sociedade romana; é uma abstração da noção de espaço, e, portanto, faz parte da aplicação nocional da preposição *de*.

O protótipo MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM da preposição *de* passou por uma série de metaforizações no latim clássico, e estendeu sua aplicação ao campo nocional. As acepções de ‘matéria’, ‘causa’, ‘conforme’ e ‘partitivo’, como veremos no próximo capítulo referente à análise dos dados, relacionam-se a esse protótipo etimológico da preposição. Já as acepções ‘assunto’ e ‘instrumento’ relacionam-se a outros protótipos, que serão sugeridos na análise dos dados; por fim a acepção ‘contra’ representa um sentido que não é válido para a sincronia do século XXI, como constataremos na seção 4.3.

Podemos observar a vasta polissemia da preposição *de* já no próprio latim clássico, como indica o esquema que sintetiza as acepções da preposição *de* descritas em FERREIRA.

**Quadro 9: Síntese das acepções de FERREIRA.**

<b>Campo espacial</b>	1.a partir de 2. de cima de 3. origem
<b>Campo temporal</b>	1.depois, logo 2. durante
<b>Campo nocional</b>	1. assunto 2. causa 3. conforme 4. contra 5. instrumento 6. matéria 7. origem 8. partitivo

O esquema acima resume as acepções arroladas no verbete da preposição *de* em FERREIRA referentes aos campos espacial, temporal e nocional. Ao término da análise dos verbetes representativos de cada sincronia estudada (latim vulgar e português dos séculos XIX, XX e XXI), um novo esquema sintetizará as acepções indicadas nos verbetes dos dicionários analisados. Dessa maneira, na seção 4.3, faremos a análise diacrônica, baseados nas alterações semânticas de *de* depreendidas dos verbetes examinados.

Veremos, a seguir, por que essa polissemia tornou-se ainda mais vasta no latim vulgar, enfatizando, portanto, os acréscimos referentes à semântica da preposição ocorridos neste período.

#### 4.1.2 A preposição *de* no latim vulgar

Na seção anterior, foram explicitados os traços semânticos, através das acepções constantes em FERREIRA, relativos à preposição *de* no latim clássico. Porém, essas informações não são suficientes para descrevermos a semântica etimológica de *de*, pois a preposição latina sofreu importantes transformações no latim vulgar. Desse modo, primeiramente apresentaremos as diferenças entre o latim vulgar<sup>37</sup> e o latim clássico, depois indicaremos as alterações semânticas sofridas pela preposição *de*, baseados em gramáticos e filólogos. Por fim, analisaremos o verbete da preposição em três dicionários etimológicos: o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1955), de Nascentes, doravante NASCENTES; o Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa (1963), de Bueno, doravante BUENO; e o Dicionário Etimológico da Língua (1977), de Machado, doravante MACHADO, com o objetivo de analisar as alterações ocorridas na semântica da preposição.

Como aponta o estudioso Maurer Junior (1962), ao contrário do latim clássico, que possui registro escrito, o latim vulgar era uma língua somente falada e seu estudo se dá a partir de métodos comparativos.

---

<sup>37</sup> O latim vulgar fixou suas principais características a partir do fim da época republicana (ou início do império), em aproximadamente I a.C., até o fim do Império Romano.

Generalizando, percebe-se, no latim vulgar, um processo de obscurecimento dos sons finais das palavras (não só a apócope do *-m*, como também a perda da distinção de quantidade silábica) que foi responsável pela perda de certas terminações das palavras. Isso acarretou, com o passar do tempo, mudanças na estrutura casual da língua, como a perda de alguns casos e a fusão de outros. A sintaxe foi, aos poucos, tornando-se mais rígida, e o uso das preposições cada vez mais necessário para marcar as relações sintático-semânticas entre os elementos.

Segundo Maurer Junior (1962), Coutinho (1970), Fonseca (1944), Câmara Júnior (1975) e Ilari (1990), entre outros, o latim vulgar passou por um processo de simplificação, pois, devido às mudanças fonéticas, ocorreu a perda da 4ª declinação (que era confundida com a 2ª); a 5ª declinação mesclou-se à 3ª ou à 1ª declinação; o gênero neutro, pela sua confusão com o masculino no singular e o feminino no plural, deixou de existir; houve uma simplificação dos pronomes. O comparativo e o superlativo, que podiam ser construídos tanto sintética como analiticamente, passaram a, em latim vulgar, ser empregados em construções analíticas. Em relação aos verbos, os depoentes (verbos de forma passiva e significação ativa) desapareceram; houve uma generalização da perífrase “de” para a expressão de voz passiva, e atribuiu-se a *amatus sum* o valor de presente (antes com valor de pretérito). Em relação ao léxico, observa-se gosto acentuado pelas formas expressivas e concretas, revelando o seu caráter popular, e havia menor resistência a estrangeirismos.

Na sintaxe, também percebemos essa simplificação: as funções e relações entre os termos passaram a ser expressas de forma analítica, e pode-se observar maior emprego de verbos auxiliares, pronomes, preposições e advérbios nas expressões das relações entre os termos.

Resumidamente, esse latim do povo sempre foi mais simplificado do que o latim clássico. Ao invés de cinco declinações, três. Ao invés de três gêneros, dois. Ao invés de seis casos, três (nominativo, acusativo e um caso misto, o dativo-ablativo, pois o genitivo foi substituído pela perífrase, enquanto o vocativo confundiu-se com o nominativo, dadas as semelhanças de suas formas<sup>38</sup>). A redução do número de casos

---

<sup>38</sup> Segundo Coutinho (1970, p. 226 e 227), a redução dos casos deu-se de forma gradual. Depois da redução de seis casos a três, houve o desaparecimento do caso “dativo-ablativo” e finalmente, passou-se a

teve conseqüências drásticas no sistema preposicional da língua latina vulgar, afinal, as preposições que desempenhavam um papel secundário passaram a ser protagonistas da organização sintático-semântica dessa língua. Maurer Junior (1962) explicita que

[...] de partículas acessórias, na codificação dos adjuntos adverbiais, sendo empregadas para a marcação do caso ablativo ou acusativo, no latim, as preposições passaram a ser usadas para introduzir sintagmas nominais que marcam outras funções sintáticas (complementos verbais, nominais, outros adjuntos adverbiais e adjuntos adnominais), tornando-se, pois, elementos básicos na estrutura sintática da sentença do português e das outras línguas românicas.” MAURER JUNIOR (1962, p. 101)

Segundo Maurer Junior (1962), Coutinho (1970), Fonseca (1944), Câmara Júnior (1975) e Ilari (1990), com a redução do número de casos, o indicativo da função sintática de determinada palavra dentro de uma oração deixou de ser a terminação da mesma para passar a ser seu posicionamento. A sintaxe passou a ter uma estrutura mais rígida. E o emprego das preposições ampliou-se, passando a ser cada vez mais importante na constituição da língua.

Segundo os autores, em latim clássico, as preposições regiam basicamente dois casos, o ablativo e o acusativo, como indicamos na seção anterior (pouquíssimas regiam o genitivo). Já em latim vulgar o uso das preposições, como dissemos, ampliou-se e podemos observar que elas passaram a reger as funções sintáticas antes marcadas pelos seguintes casos: ablativo, genitivo, acusativo e dativo.

O latim vulgar reduziu o número concreto de preposições, ampliando-lhes seu sentido original, via metaforização. Logo, preposições que inicialmente marcavam circunstâncias concretas de lugar e tempo passaram a exprimir idéias mais abstratas, como companhia, modo e causa.

---

um único caso, o acusativo, que é o caso lexicogênico do português e do espanhol. A primeira, a segunda e a terceira declinações, no começo da fase românica, eram constituídas de nominativo singular e plural e acusativo singular e plural, com as seguintes terminações, respectivamente: *luna, lune, luna, lunas; annus, anni, annu-o, annos; canes, canes, cane, canes.*

Segundo Maurer Junior (1962), as mais importantes preposições que perduraram do latim clássico e estenderam seu campo semântico, via metaforização, no latim vulgar, foram basicamente as preposições *ad* e *de*<sup>39</sup>.

Nesta seção objetivamos apontar as principais diferenças entre o latim clássico e o latim vulgar, enfatizando a crescente importância das preposições no latim vulgar, devido à redução do número de casos latinos. Na próxima seção, analisaremos os verbetes de *de* em três dicionários etimológicos, com o objetivo de apontar as alterações semânticas sofridas por essa preposição neste período.

#### 4.1.2.1 O verbe de *de* em dicionários etimológicos

Nesta seção, analisaremos os verbetes da preposição *de* selecionados de três dicionários etimológicos, quais sejam, o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1955), de Nascentes (doravante NASCENTES); o Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa (1963), de Bueno (doravante BUENO) e o Dicionário Etimológico da Língua (1977), de Machado (doravante MACHADO), como indicado anteriormente. Pretendemos, com a análise desses verbetes, verificar as alterações sofridas pela preposição *de* do latim clássico para o latim vulgar.

Primeiramente, vamos observar o verbe de NASCENTES.

*De* – do lat. *De*; esp., fr. *de*, it. *di*. Assumiu no latim tardio e no românico força genitiva (M. Lübke, Gram. II, 44).

Como se vê, em NASCENTES, não há indicação, explícita ou implícita, do sentido prototípico MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM latino. Além disso, não há nenhuma menção à possibilidade de derivação do sentido prototípico locativo às aplicações temporais e nocionais. O dicionarista aponta simplesmente a possibilidade do uso genitivo, adquirida, segundo o dicionário, no latim tardio e no românico. Assim, inferimos que, basicamente, os sentidos da preposição mantêm-se os mesmos do latim clássico ao latim vulgar, acrescidos dos usos referentes à substituição do genitivo. O

<sup>39</sup> Além dessas, outras preposições tiveram um papel relevante no desenvolvimento das línguas românicas: *cum*, *in*, *sine*, *pro*, *per*, *super*, *sub*, *inter*, *trans*, *intra*, *secundum*, *ante*. As preposições *ob*, *propter*, *praeter*, *ex*, *ab* etc. se perderam no latim clássico e tiveram seus sentidos absorvidos pelas preposições que se mantiveram no latim vulgar.



acréscimo da possibilidade do uso do genitivo deveu-se, como já vimos, ao desaparecimento do sistema casual do latim clássico. NASCENTES não fornece exemplos referentes às informações apresentadas, o que impossibilita que façamos os quadros relativos ao uso da preposição nos campos espaciais, temporais e nocionais.

Vejamos, agora, o verbete *de* em BUENO (1963).

*De* - preposição; indica origem, proveniência, matéria, posse, conteúdo. Exs.: livro do Brasil; livro de ouro; livro de João; copo d'água; garrafa de vinho (conteúdo). Lat. *De*: regia o ablat. e substituiu o genitivo. Funciona como prefixo e entra na composição de advérbios: *de + ante* = deante; *de + post* = depois.

Como podemos observar, BUENO não indica que o sentido prototípico etimológico de tal preposição é de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM do mesmo, mas poderíamos tentar depreendê-lo pela forma pela qual foram arroladas as acepções do verbete. As noções de 'origem' e 'proveniência' podem nos fazer inferir a base de movimento com ênfase na origem. Porém, como se pode ver, tal informação não é explicitada no verbete. O quadro que segue é relativo às acepções apresentadas em BUENO relacionadas às circunstâncias espaciais do uso da preposição.

**Quadro 10: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em BUENO.**

Acepção	Exemplo
origem, proveniência	livro <b>do</b> Brasil

No que se refere à acepção de 'origem, proveniência', o exemplo apresentado por BUENO, *livro do Brasil*, é representativo da aplicação espacial dessa acepção, pois, diferentemente do observado na análise referente ao exemplo *homo de plebe* de FERREIRA (que consta no dicionário latino como exemplo da acepção 'origem' aplicada às circunstâncias de lugar e compreendido por nós como acepção relacionada às circunstâncias nocionais), *Brasil* é um ponto espacial concreto. Portanto, no exemplo apresentado em BUENO, o processo de abstratização ocorrido em *homo de plebe* não ocorre.

Em relação às circunstâncias temporais, o verbete não apresenta nenhuma acepção ou exemplificação que possa ser relacionada com esse campo.

Por fim, as circunstâncias nocionais de aplicação da preposição *de* estão representadas no quadro que segue.

**Quadro 11: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em BUENO.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
conteúdo	garrafa <b>de</b> vinho
matéria	livro <b>de</b> ouro
posse	livro <b>de</b> João

Como vimos, as circunstâncias de espaço e noção foram pouco contempladas em BUENO, enquanto que as circunstâncias de tempo nem sequer foram mencionadas na definição do verbete.

Um adendo deve ser feito em relação às aceções apresentadas por BUENO: o sentido de ‘conteúdo’, que não constava no verbete do dicionário latino clássico, é indicado no verbete da preposição *de* desse dicionário. Até agora, portanto, já registramos dois sentidos de *de* que não foram indicados no dicionário relativo ao latim clássico, quais sejam, de ‘conteúdo’ e de ‘posse’, e que, por hipótese, podem ter sido agregados à preposição no latim vulgar.

O dicionário apresenta ainda a informação relativa ao funcionamento do prefixo *de-* como elemento de composição de antigos advérbios, sem apresentar a definição de tal prefixo. Além disso, esse dicionário acrescenta informação, de carácter etimológico, sobre a origem latina de tal preposição, seu uso no ablativo e seu emprego em substituição ao genitivo.

Por fim, vejamos o verbete *de* proposto por MACHADO (1977).

**De**, *prep.* do lat. *de*, *prep.* que regia ablativo; indicava separação, afastamento do objecto com que houvera contacto, união associação. Era esta a *prep.* lat. de mais vitalidade, “tanto na sua significação originária como nas metafóricas; ainda na época latina serve para unir dois substantivos, uso que correspondia antes ao genitivo. *De* invadiu consideravelmente o domínio de *ex* e *ab*, e quase acabou por expulsar essas duas concorrentes, conforme revelam as confusões entre as três, que aparecem no latim tardio. Por outro lado, os escritores de Itália e França mantêm de tal modo *a(b)* que não é concebível que faltasse na língua vulgar; como a forma *a(v)e*, *da(v)e* permaneceu em sardo; noutras partes, ao perder-se a diferença entre *ā* e *ã*, as preposições *ā* e *ãd* caminharam juntas, e só em certos usos de fr.à, it. *ad*, se reconhece *a* melhor que *ad*, como procede e. Richter”, Meyer-Lubke, trad. da versão esp. De *introducción a la lingüística románica* de Américo Castro § 217, pp.319-320. Cf.: Grandgent, *Introducción al latín vulgar*, versão esp. de F. Moll, §77, p. 76; § 88, p. 81; § 92, p. 84; § 95, p. 86. Em 850-866: “...testamus atque concedimus uobis in suburbio de conimbrie uilla que dicunt algazara...”, dial., doc. N.º 2, p.2.

Como se pode observar, a primeira acepção da definição do verbete contém a idéia de ‘separação, afastamento do objeto com que houvera contato, união, associação’. O dicionarista afirma que *de* tem grande vitalidade “tanto na sua significação originária como nas metafóricas”, deixando em aberto quais as significações metafóricas de *de* e, em consequência, as diferentes acepções de tal preposição dependendo do campo (espacial, temporal e nocional) com o qual está relacionada. MACHADO menciona a função de união entre dois substantivos ainda na época latina, em substituição ao genitivo. Além disso, o dicionarista não fornece exemplos referentes às informações apresentadas, o que impossibilita que façamos uma síntese do uso da preposição nos campos espaciais, temporais e nocionais.

Dessa maneira, em MACHADO, novamente nos deparamos com a informação de que *de* passou a exercer a função do antigo genitivo do latim vulgar. O dicionarista aponta também a substituição do *ab* e *ex* pela preposição *de* no latim tardio, porém observa que na Itália e na França parece subsistir *ab*. Porém, em relação ao português tal preposição desapareceu, e, portanto, não nos deteremos nesse fato, pois pretendemos descrever o semanticismo da preposição em português.

O que é importante neste trabalho é o fato de que os três dicionaristas estão de acordo com o fato de que a preposição *de*, no latim vulgar, passou a substituir o genitivo, adquirindo o sentido de posse.

Retomamos a idéia apresentada na seção anterior de que o processo de metaforização da preposição *de* ocorreu também no latim clássico. Inicialmente, de acordo com Câmara Júnior (1975), *de* expressava a idéia de movimento de cima para baixo e, por um processo de metaforização, passou a expressar a idéia de proveniência e afastamento de um lugar relativo a *ab* (e suas variantes); além de indicar movimento de dentro para fora, partindo de um lugar determinado ou do próprio objeto, idéia relativa a *ex* (e suas variantes).

O grande incremento de sentido efetivamente observado na passagem do latim clássico para o latim vulgar é a idéia de ‘restrição’, pois o *de* substituiu o caso genitivo, que expressava a adjunção adnominal restritiva. De acordo com Poggio (2002, p.88),

desde o latim arcaico coexistiam construções de genitivo partitivo, como *unus multorum* e ablativo com *de* de sentido partitivo, como *unus de multis*. Esse fenômeno da coexistência de construções genitivas e ablativas também se dá, de acordo com Poggio (2002), com “um genitivo de qualidade [...] e um ablativo de qualidade” (p. 81), baseada em Faria (1958p. 345,359), como pode ser observado em *Ceruum vasti corporis* (Fedro, 1.5.5), *Agesilaus et statura fuit humili et corpore exiguo* (C. Nep., 17, 8, 1), o que propiciou também a fusão dessas duas funções.

Foram essas semelhanças, justamente, que possibilitaram a aglutinação do uso genitivo ao uso de *de* no latim vulgar<sup>40</sup>. Said Ali (1921, p. 194), também citado por Poggio (2002, p. 185), lista o acréscimo das novas acepções de *de* que foram advindas de seu uso em substituição ao genitivo:

- a) subjetivo: amor **de** mãe (*amor matris*)
- b) objetivo: amor **da** pátria (*amor patriae*)
- c) possessivo: casa **do** rei (*domus regis*)
- d) especificativo: virtude **da** abstinência (*virtus abstinentiae*)
- e) de qualidade: homem **de** grande talento (*homo magni ingenii*)
- f) partitivo: muitas **das** casas (*multae domorum*)
- g) de quantidade, de peso, de medida, de grandeza, de idade, etc. vala **de** quinze pés (*fossa quindecim pedum*), menino **de** dez anos (*puer decem annorum*).

Como os dicionários etimológicos consultados não apresentaram explicitamente nas acepções dos verbetes esses novos sentidos advindos da substituição do genitivo pela preposição, é possível pensar, como já afirmado, que todas as acepções da preposição indicadas no verbete do dicionário latino clássico se mantiveram, e foram acrescidas dos sentidos do genitivo. Porém, os únicos sentidos efetivamente representados pelas acepções dos verbetes relativos ao genitivo foram de ‘posse’ e ‘conteúdo’. Indicaremos, no quadro que segue, as acepções referentes ao semanticismo latino da preposição *de* constantes nos dicionários analisados, quais sejam, NASCENTES, BUENO E MACHADO.

---

<sup>40</sup>Podemos perceber também que o genitivo tinha função de adjunto, tal qual o ablativo, caso que era regido pela preposição *de*. Não é de se ignorar que esses casos de função sintática de adjunto tenham se fundido em um só no latim vulgar.

**Quadro 12: Acepções referentes aos sentidos latinos da preposição *de*.**

<b>Acepções</b>	<b>Exemplos</b>	
<b>Circunstâncias Espaciais</b>	FERREIRA	BUENO
de, de cima de, a partir de, de (origem)	<i>de sella exsilire</i>	livro <b>do</b> Brasil
<b>Circunstâncias Temporais</b>	<b>Exemplos</b>	
	FERREIRA	BUENO
depois, logo, depois de	<i>diem de die</i>	
durante	<i>de tertia vigilia</i>	
<b>Circunstâncias Nocionais</b>	<b>Exemplos</b>	
	FERREIRA	BUENO
a respeito de, acerca de, quanto a conteúdo	<i>de benevolentia</i>	
contra	<i>victoria de Romanis</i>	garrafa <b>de</b> vinho
de, entre (sentido partitivo)	<i>aliquis de nostris hominibus</i>	
de (matéria, instrumento)	<i>templum de marmore</i>	livro <b>de</b> ouro
origem	<i>homo de plebe</i>	
posse		livro <b>de</b> João
segundo, conformemente a, por	<i>de mea voluntate, de via lassus.</i>	

Primeiramente, é importante esclarecer que, a partir de agora, as tabelas apresentarão algumas células marcadas, indicando que determinada acepção não foi apresentada no verbete do dicionário analisado. Quando o verbete apresentar a acepção, mas não a exemplificar, indicaremos a ausência do exemplo pelo símbolo Ø.

O quadro anterior contrasta as acepções apresentadas pelo dicionário latino referentes à preposição *de* e as acepções indicadas pelos dicionários etimológicos consultados. Como o dicionário NASCENTES não descreve o semanticismo de *de* no verbete, e indica somente a força genitiva incorporada pela preposição no latim tardio, esse dicionário não consta no quadro anterior por não apresentar as acepções de *de*. Já o dicionário MACHADO apresenta somente as acepções ‘separação, afastamento do objeto com que houvera contato, união, associação’, sem apresentar exemplos para as acepções, e, por isso, também não consta no quadro anterior.

BUENO, o único dicionário etimológico que apresenta acepções exemplificadas no verbete, não indica acepções da preposição *de* relacionadas às circunstâncias temporais

e indica poucos exemplos, diante da polissemia da preposição atestada pelo dicionário de latim clássico consultado, de acepções que representam sentidos aplicados ao campo nocional. Podemos observar no quadro anterior que as acepções, apresentadas em BUENO, de ‘conteúdo’ e ‘posse’ não constam no verbete de *de* de FERREIRA, dicionário representativo do latim clássico.

Por hipótese, assumiremos que os sentidos da preposição no latim clássico se mantiveram no latim vulgar, e foram acrescidos dos sentidos expressos pelo uso do antigo genitivo. Como mencionado anteriormente, Said Ali (1921) defende que a preposição *de* passou a desempenhar as funções do genitivo subjetivo, genitivo objetivo, genitivo possessivo, genitivo especificativo, genitivo de qualidade, genitivo partitivo e genitivo de quantidade, de peso, de medida, de grandeza, de idade; porém, como as únicas acepções novas efetivamente apresentadas por BUENO foram de ‘conteúdo’ e ‘posse’, serão somente estas que estarão representadas no próximo quadro, que sintetiza os sentidos da preposição *de* expressos pelas acepções dos verbetes consultados.

**Quadro 13: Síntese das acepções de FERREIRA e de informações de dicionários etimológicos.**

<b>Campo espacial</b>	1.a partir de 2. de cima de 3. origem
<b>Campo temporal</b>	1.depois, logo 2. durante
<b>Campo nocional</b>	1. assunto 2. causa 3. conforme 4. conteúdo 5. contra 6. instrumento 7. matéria 8. origem 9. partitivo 10. posse

O quadro 13 resume as acepções arroladas no verbete da preposição *de* nos dicionários etimológicos consultados, referentes aos campos espacial, temporal e nocional. Como já foi dito, percebe-se a inclusão das acepções de ‘posse’ e ‘conteúdo’ no latim vulgar, motivado pelo desaparecimento do genitivo. Veremos, no próximo capítulo, como tais acepções são representadas pelo sentido prototípico etimológico de *de*, qual seja, de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, e caso não sejam representadas pelo protótipo etimológico, iremos propor um possível protótipo.

Vimos, nesta seção, que os dicionários etimológicos não fornecem muitas informações acerca da semântica da preposição, porém as informações que fornecem acrescentam novos sentidos para a mesma. Portanto, assumimos que a semântica da preposição representada pelas acepções de FERREIRA mantém-se basicamente a mesma, acrescida das alterações indicadas pelos dicionários etimológicos. Na próxima seção, analisaremos os verbetes de dicionários dos séculos XIX e XX, com o objetivo de verificar quais sentidos latinos deixaram de ser representados nos verbetes, e quais novos sentidos passaram a ser representados.

### 4.1.3 A preposição *de* em dicionários dos séculos XIX e XX

Após termos apontado os possíveis sentidos que a preposição *de* pode ter abarcado no latim clássico e no latim vulgar, analisaremos, brevemente, as acepções apresentadas em dois dicionários do século XIX<sup>41</sup>, o *Diccionario da Lingua Portugueza Recopilado* (1813), de Moraes (doravante MORAES (1813)), e o *Grande Diccionario Portuguez - Thesouro da Lingua Portugueza* (1873), de Vieira (doravante VIEIRA). Logo depois, para finalizarmos a análise relativa ao semanticismo diacrônico de *de*, também analisaremos os sentidos apontados nas acepções dos verbetes de dicionários do século XX para observar se houve alguma alteração dos sentidos da preposição *de* indicados pelos dicionários analisados.

#### 4.1.3.1 O verbete *de* em dicionários do século XIX

Como mencionado na seção anterior, dois são os dicionários examinados nesta seção: MORAES (1813) e VIEIRA. Diferentemente da seção anterior, os verbetes aqui analisados não constarão do corpo da seção, em função de suas extensões serem demasiadamente grandes. Assim, as particularidades de tais verbetes serão apenas mencionadas e destacadas em quadro, quando for o caso. Para a verificação dos verbetes na íntegra, conduzimos o leitor para os anexos 1 e 2, referentes ao verbete da preposição *de* em, respectivamente, MORAES (1813) e VIEIRA.

---

<sup>41</sup> Para a análise das acepções dos verbetes da preposição *de* dos dicionários do século XIX apresentados, utilizamos a ortografia atual da língua portuguesa. Nos anexos dos verbetes, mantivemos a ortografia utilizada nos dicionários.

MORAES (1813) apresenta o sentido prototípico etimológico MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM já na primeira acepção listada no verbete, em: ‘preposição que indica o termo de onde se sai’. Veja abaixo as acepções apresentadas no verbete da preposição *de* relacionadas às circunstâncias espaciais.

**Quadro 14: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em MORAES (1813).**

Acepção	Exemplo
termo de onde se sai	veio <b>da</b> França

Pode-se observar no quadro anterior, que, em relação à circunstância espacial do uso da preposição *de*, não houve alteração significativa do sentido verificado na acepção do latim clássico e latim vulgar. Em relação às circunstâncias temporais das acepções da preposição *de*, podemos observar o acréscimo de uma nova acepção, como podemos ver no quadro que segue.

**Quadro 15: Acepções relacionadas às circunstâncias temporais da preposição *de* em MORAES (1813).**

Acepção	Exemplo
desde	<b>de</b> pequenino.

A acepção de ‘desde’, soma-se, portanto, às noções de ‘depois’ e ‘durante’ latinas. Em relação às acepções referentes às circunstâncias nocionais, MORAES (1813) apresenta as seguintes acepções:

**Quadro 16: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em MORAES (1813).**

Acepção	Exemplo
causa	<b>de</b> raiva
instrumento	<b>de</b> prensa
modo	ferir <b>de</b> lança
motivo	<b>de</b> conselho
posse (‘coisa possuída’)	senhor <b>desta</b> casa

Uma observação deve ser feita a respeito da acepção ‘coisa possuída’. MORAES (1813) apresenta outros exemplos para essa acepção, como *Deus de misericórdia*; *homem de anos*; *capacete de ferro*; *homem de juízo*; *cheio d’água*. Porém, esses exemplos, que dizem respeito ao sentido geral de restrição do antigo genitivo, são,



respectivamente, indicativos das seguintes acepções específicas: ‘qualidade’, ‘idade’, ‘matéria’, ‘qualidade’, ‘conteúdo’. Indicamos essas acepções no quadro a seguir que sintetiza as acepções de *de* no campo nocional, porque, mesmo não sendo explicitadas nas acepções do verbete, podem ser depreendidas através das exemplificações de MORAES.

MORAES, depois de indicar as diferentes acepções da preposição, discute a possibilidade de contração da preposição com artigos, e, para exemplificar sua análise, afirma que ‘por meio desta preposição damos atributos’, indicando esse uso atributivo por meio dos seguintes exemplos: *figura de cavalo*, *portas de ouro*, *vaso de ferro*, *leito de marfim*. Esse sentido atributivo de *de* não havia sido explicitado nas acepções anteriores, somente exemplificado por *Deus de misericórdia* na acepção ‘coisa possuída’, como mencionamos anteriormente, e, por isso, incluímos tal informação no quadro a seguir, que sintetiza as acepções de *de* relativas ao campo nocional. Enfatizamos que esse sentido atributivo é extremamente genérico, e representa ‘matéria’ em *portas de ouro*, *vaso de ferro* e *leito de marfim* e ‘objeto, assunto’ em *figura de cavalo*.

**Quadro 17: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em MORAES (1813) – Acréscimos.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
conteúdo	cheio <b>d'</b> água
idade	homem <b>de</b> anos
matéria	capacete <b>de</b> ferro
objeto, assunto	figura <b>de</b> cavalo
qualidade	Deus <b>de</b> misericórdia

Logo, em MORAES (1813), já são listadas novas acepções de *de* relativas ao uso da preposição em circunstâncias nocionais, quais sejam, ‘qualidade’, ‘idade’ e ‘modo’, que não haviam sido indicadas nos dicionários etimológicos analisados.

Passemos à análise do verbete da preposição *de* do dicionário de VIEIRA, também representativo do século XIX. A primeira acepção apresentada diz respeito à noção de ‘posse’, relacionada ao antigo uso do genitivo latino. A noção prototípica etimológica de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM começa a ser

apresentada, implicitamente, a partir da segunda acepção, na qual o dicionário indica a noção de ‘origem, derivação, lugar onde nasceu’.

Observamos que o dicionário analisado não organiza as acepções do verbete de forma clara, pois indica, muitas vezes, determinadas acepções sem posteriores exemplificações, ou exemplos sem relacioná-los explicitamente a sua acepção. Em VIEIRA também constatamos que algumas acepções não aludem à descrição semântica do verbete, apenas indicam as classes de palavras que a preposição pode relacionar. Nos quadros que sintetizam as acepções relacionadas aos campos espacial, temporal e nocional, indicaremos, primeiramente, as acepções da forma como estão apresentadas no verbete de VIEIRA, para, em um segundo momento, fazermos as observações que considerarmos pertinentes.

Passemos, pois, às acepções referentes às circunstâncias espaciais da preposição *de* em VIEIRA:

**Quadro 18: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em VIEIRA.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
<i>de</i> em correlação com a preposição <i>a</i> exprime, no sentido natural e no figurado, a passagem, a transição, o intervalo duma coisa a outra, dum estado a outro estado.	<b>de</b> Coimbra a Lisboa
origem, a derivação, o lugar onde se nasceu	vento <b>do</b> Norte

Podemos observar que, nas acepções referentes às circunstâncias espaciais, o sentido prototípico etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM pode ser observado. Na segunda acepção apresentada no verbete, exemplificada por **de Coimbra a Lisboa**, a preposição *de* relaciona-se à preposição *a*, indicando a transição de um lugar a outro. Porém, defendemos que este sentido de transição se dá justamente pela correlação da preposição *de* com a preposição *a*, e sob nosso ponto de vista, a idéia de ‘origem’ continua sendo o sentido prototípico da preposição. Por isso, para o estudo do semanticismo da preposição *de*, a correlação da preposição *de* com a preposição *a* não será considerada uma acepção diferente da preposição.

Já a acepção ‘origem, a derivação, o lugar onde se nasceu’, exemplificada por *vento do Norte*, foi indicada, no quadro 24, que reúne as acepções referentes aos sentidos da preposição *de* no século XIX, como ‘localização, naturalidade’, pois, sob nosso ponto de vista, o exemplo pode fazer referência à noção de ‘proveniência’, ao imaginar que o *vento* saiu da região *Norte* e chegou à *região Sul*, ou simplesmente de ‘localização’, ao pensar que determinado *vento* é atuante somente na região *Norte*. Como a idéia de ‘origem’ já vem constatada na análise dos verbetes de MORAES (1813) e VIEIRA, decidimos indicar a idéia de ‘localização’, pois pensamos ser esse um outro possível sentido da preposição *de* aplicado ao campo espacial.

VIEIRA apresenta, como comentamos anteriormente, algumas acepções que indicam, somente, as classes de palavras que a preposição *de* pode relacionar. A partir da análise dos exemplos dessas acepções, é possível classificá-las de acordo com sua aplicação ao campo espacial. No quadro a seguir, portanto, indicamos a acepção relacionada ao campo espacial.

**Quadro 19: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em VIEIRA – Acréscimos.**

Acepção	Exemplo
entre um verbo e um substantivo ou pronome, exprimindo os diversos complementos dos verbos nas frases	sair <b>de</b> casa, cair <b>de</b> uma torre

Vê-se que em *sair de casa*, *cair de uma torre* o sentido de *de* também é representado pelo protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, indicando o afastamento de determinado elemento em relação ao seu ponto de origem, nos casos exemplificados, respectivamente, os pontos de origem do movimento são *casa* e *torre*.

VIEIRA apresenta as seguintes acepções representativas da aplicação de *de* às circunstâncias temporais:

**Quadro 20: Circunstâncias temporais da preposição *de* em VIEIRA.**

Acepção	Exemplo
a partir de	<b>daquele</b> dia em diante

É necessário fazermos algumas observações acerca das acepções apresentadas no quadro anterior. A acepção ‘a partir de’ aplicada ao campo temporal está expressa, no exemplo, em correlação com a preposição *em*, mas isso não alterou o sentido protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, dentro de uma perspectiva temporal, pois em *daquele dia em diante* é evidente o fato de que houve um movimento no tempo, e esse movimento teve por origem *aquele dia*.

VIEIRA apresenta a seguinte acepção que indica somente a correlação da preposição *de* com a preposição *a*, sem apresentar o sentido de *de* nesta correlação. A partir do exemplo apresentado pelo verbete do dicionário, é possível classificar a acepção apresentada no quadro a seguir como referente ao campo temporal.

**Quadro 21: Circunstâncias temporais da preposição *de* em VIEIRA – Acréscimos.**

Acepção	Exemplo
de... em	<b>de</b> dia em dia

No exemplo *de dia em dia*, verificamos que, em correlação com a preposição *em*, a preposição *de* passa a indicar a idéia de ‘periodicidade’. Porém, observamos que o sentido prototípico etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, aplicada ao campo temporal, mantém-se neste exemplo, pois o ponto de origem dessa recorrência se dá, justamente, pelo uso da preposição *de*.

Por fim, os quadros a seguir referem-se à aplicação da preposição *de* às circunstâncias nocionais em VIEIRA. Como mencionamos, VIEIRA apresenta determinadas acepções que não aludem à descrição semântica da preposição, apenas indicam as classes de palavras que a preposição pode relacionar; já outras acepções tentam indicar o semanticismo dos diferentes usos da preposição. Dessa maneira, o quadro que sintetiza as acepções de *de* referentes ao campo nocional será dividido em dois. O primeiro quadro arrola as acepções de VIEIRA relacionadas com a descrição semântica da preposição; o segundo, as acepções relacionadas com a indicação das classes de palavras que a preposição pode relacionar.

**Quadro 22: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em VIEIRA.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
causa de, por meio	<b>de</b> fama, por meio <b>da</b> fama
conteúdo	copo <b>d'</b> água
de...a... exprime, no sentido natural e no figurado, a passagem, a transição, o intervalo dum coisa a outra, dum estado a outro estado.	<b>da</b> virtude ao crime
de...a um número aproximadamente	<b>de</b> noventa a cem
destino	sala <b>de</b> espetáculo
dimensão	peça <b>de</b> trinta varas
excelência, a superioridade, a primazia	o santo <b>dos</b> santos
idade	vida <b>de</b> sessenta anos
instrumento	tiro <b>de</b> espingarda
matéria	faca <b>de</b> prata
modo, disposição, estado, situação	<b>de</b> boa vontade
mudança de estado	<b>de</b> simples jornalista fez-se ministro
objeto, fim, natureza, qualidade	Ø
partitivo	comer <b>de</b> galinha
posse, filiação	[...] choros <b>de</b> homens e <b>de</b> mulheres
quantidade	grupo <b>de</b> três pessoas
valor	moeda <b>de</b> dois mil réis
vocação	homem <b>de</b> trabalho

Algumas observações devem ser feitas no que se refere aos dados do quadro anterior. As acepções ‘instrumento’, ‘partitivo’, ‘matéria’ e ‘causa de, por meio’ expressam sentidos que se mantiveram do latim clássico para o português do século XIX; e as acepções de ‘posse, filiação’ e ‘conteúdo’ não foram apresentadas no dicionário de latim analisado, porém foram indicadas nos verbetes de *de* dos dicionários etimológicos pesquisados, logo, expressam novos sentidos da preposição *de* adquiridos a partir do latim vulgar. Por fim, a acepção de ‘modo’ foi indicada pela primeira vez no verbete de MORAES (1813), como comentado anteriormente, e foi novamente apresentada em VIEIRA.

A acepção ‘objeto, fim, natureza, qualidade’, complementada pela informação ‘precede a palavra que determina o sentido dum substantivo, restringindo-o a um indivíduo particular’, não é exemplificada explicitamente no verbete, mas justamente pelo fato de ser uma acepção extremamente genérica, que indica o uso restritivo da preposição, podemos inferir que muitos dos exemplos apresentados no verbete são representativos dessa acepção, tais como os exemplos relativos à ‘vocação’, *homem de trabalho*, e ‘destino’, *sala de espetáculo*.

A acepção de ‘duração’ de VIEIRA é exemplificada por *uma vida de sessenta anos*. Como vimos, MORAES (1813) não apresentou essa acepção da preposição *de*, somente indicou o exemplo ‘homem de anos’ para a acepção de ‘coisa possuída’. Portanto, pela primeira vez nos verbetes pesquisados, essa acepção da preposição é indicada. Sabe-se que o antigo genitivo latino, de acordo com Said Ali (1921), apresentava também essa função, exemplificada por *puer decem annorum* (*menino de dez anos*) (p.194). Logo, como *de* substituiu o genitivo latino, passou a desempenhar também essa função de atribuição de idade ou duração no tempo a determinado elemento. As acepções de ‘dimensão’, ‘valor’ e ‘quantidade’ da preposição *de*, exemplificadas, respectivamente, por *peça de trinta varas*, *moeda de dois mil réis*, *grupo de três pessoas* também são advindas da substituição de *de* pelo genitivo, de acordo com Said Ali (1921).

VIEIRA apresenta a acepção de ‘profissão’ e a exemplifica por *homem de trabalho*. Defendemos que tal exemplo indica, na verdade, a vocação desse homem para o trabalho, e não necessariamente a sua profissão, analogamente ao que acontece com *homem de guerra*, outro exemplo apresentado no verbete do dicionário para essa acepção. Portanto, no quadro anterior, substituímos a acepção ‘profissão’ por ‘vocação’, para melhor representar, de acordo com o exemplo selecionado, o uso da preposição.

A acepção ‘passagem, a transição, o intervalo duma coisa a outra, dum estado a outro estado’ consta tanto no quadro que sintetiza as acepções relativas ao campo espacial como no quadro do campo nocional, pois, dependendo do exemplo em análise, a acepção é aplicada à dimensão espacial, como exemplificado por *de Coimbra a Lisboa* ou à nocional, como *da virtude ao crime*. A acepção de ‘mudança de estado’, exemplificada por *de simples jornalista fez-se ministro*, de forma análoga ao que ocorre na acepção ‘passagem, a transição, o intervalo duma coisa a outra, dum estado a outro estado’ nos campos espacial e nocional, pode ser representada pelo protótipo com ênfase na origem. Afinal, nas duas acepções, a preposição *de* indica o ponto de origem de determinado movimento ou transformação. Já a acepção ‘um número aproximadamente’, exemplificada por *de noventa a cem* também apresenta esse sentido etimológico de origem, pois é somente a partir de *noventa* que determinado número está localizado.

Por fim, as acepções de ‘destino’, ‘vocação’, ‘excelência, a superioridade, a primazia’ não constavam nos verbetes anteriormente analisados, e pela primeira vez foram indicados na microestrutura da preposição *de*. Veremos, no capítulo referente à análise dos dados, os possíveis protótipos desses novos sentidos de *de*.

Passemos ao segundo quadro, que arrola as acepções que indicam as classes de palavras relacionadas pela preposição<sup>42</sup>.

**Quadro 23: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em VIEIRA – Sintaxe.**

Acepção	Exemplo
constrói-se com um pronome pessoal	conhecimento <b>de</b> si mesmo
constrói-se com o superlativo	o melhor <b>dos</b> ricos
de...a	<b>de</b> homem a homem
diante de um pronome conjuntivo e uma outra palavra	qual <b>destes</b> homens é melhor?
diante de um pronome demonstrativo	<b>disto</b> e <b>daquilo</b>
entre um adjetivo e um substantivo, ou um pronome pessoal	triste <b>de</b> mim, desejoso <b>de</b> riquezas, sedento <b>de</b> sangue, avido <b>de</b> prazeres, fraco <b>de</b> espírito, duro <b>de</b> coração, inimigo <b>de</b> Paulo, vario <b>de</b> sentimentos, livre <b>de</b> receios
entre um adjetivo e um verbo	aborrecido <b>de</b> viver
entre um nome de número e outra palavra	dois <b>de</b> nossos amigos

Enfatizamos que a preposição *de* em *triste de mim*<sup>43</sup> não tem o mesmo significado que em *inimigo de Paulo*, porém o dicionarista aqui não parece interessado em explicitar a definição da preposição *de*, mas, sim, meramente citar as classes das palavras que tal preposição pode relacionar, como fez em muitas acepções.

<sup>42</sup> O verbete de VIEIRA apresenta as acepções ‘coloca-se entre os títulos e os nomes próprios de família’ e ‘separa os apelidos dos nomes de batismo e cognomes, em nomes de pessoas não nobres’, exemplificadas por *o duque de Saldanha* e *José da Cunha*. De acordo com Cunha e Cintra (1985), o sentido da preposição, nesses casos, sofreu um processo de esvaziamento; os elementos relacionados pela preposição passam a compor um “todo significativo” (p. 547). O exemplo utilizado por Cunha e Cintra (1985) para ilustrar tal afirmação é o uso da preposição em “Luís de Camões” (p.547), que é semelhante ao exemplo apresentado em VIEIRA. Portanto, a partir desse momento, explicitamos que a preposição *de*, nesse contexto, não será objeto da análise da presente dissertação, embora presente, sob nossa perspectiva, um sentido de restrição.

<sup>43</sup> Na presente pesquisa, não analisaremos o possível semanticismo da preposição *de* nestes casos, pois muitas vezes tal preposição é descrita nos verbetes dos dicionários analisados como transparente semanticamente.

As acepções representadas por *qual destes homens é melhor?*, *dois de nossos amigos* e o *melhor dos ricos* são todas exemplos de uso do partitivo de *de*, pois indicam, de um conjunto de elementos dado, a seleção de alguns de seus integrantes, ou seja, indicam uma parte de determinado conjunto.

As acepções exemplificadas por *disto e daquilo* e *conhecimento de si mesmo* indicam, na realidade, o sentido de ‘assunto ou objeto’; e *aborrecido de viver* exemplifica a acepção de ‘causa’ ou ‘motivo’, pois a causa do aborrecimento é o fato de viver.

Por fim, o verbete de VIEIRA apresenta a preposição *de* em correlação com a preposição *a*, sem indicar a possível semântica de *de* neste caso, e exemplificando tal correlação por *de homem a homem*. Neste caso, o exemplo representa a idéia de ‘confronto’, porém em tal caso a semântica da preposição vincula-se com o protótipo etimológico de ênfase na origem, pois o ponto de partida do confronto é expresso pelo uso da preposição *de*.

A seguir, reunimos as acepções observadas nos dois dicionários do século XIX analisados.

**Quadro 24: Acepções referentes aos sentidos da preposição *de* no século XIX.**

Acepções	Exemplos	
<b>Circunstâncias Espaciais</b>	MORAES (1813)	VIEIRA
a partir de, origem	veio <b>de</b> França	<b>de</b> Coimbra a Lisboa
localização, naturalidade		vento <b>do</b> Norte
<b>Circunstâncias Temporais</b>	<b>Exemplo</b>	
	MORAES (1813)	VIEIRA
desde	<b>de</b> pequenino	
origem		<b>daquele</b> dia em diante
<b>Circunstâncias Nocionais</b>	<b>Exemplo</b>	
	MORAES (1813)	VIEIRA
a partir de		<b>de</b> [...] jornalista fez-se ministro
assunto, objeto		conhecimento <b>de</b> si mesmo



<b>Circunstâncias Nocionais (continuação)</b>	<b>MORAES (1813)</b>	<b>VIEIRA</b>
causa	<b>de</b> raiva	aborrecido <b>de</b> viver
conteúdo	cheio <b>d'</b> água	copo <b>d'</b> água
destino, finalidade		sala <b>de</b> espetáculo
dimensão		peça <b>de</b> trinta varas
excelência, a superioridade, a primazia		santo <b>dos</b> santos
idade	homem <b>de</b> anos	vida <b>de</b> sessenta anos
instrumento	ferir <b>de</b> lança	tiro <b>de</b> espingarda
matéria	capacete <b>de</b> ferro	faca <b>de</b> prata
meio		<b>de</b> fama, por meio <b>da</b> fama
modo	<b>de</b> pressa	<b>de</b> boa vontade
motivo	<b>de</b> conselho	
partitivo		comer <b>de</b> galinha, qual <b>destes</b> homens é melhor?, dois <b>de</b> nossos amigos
posse	senhor <b>desta</b> casa	choros <b>de</b> homens
qualidade, natureza	Deus <b>de</b> misericórdia	Ø
quantidade		grupo <b>de</b> três pessoas
superlativo		o melhor <b>dos</b> ricos
valor		moeda <b>de</b> dois mil réis
vocação		homem <b>de</b> trabalho

No quadro anterior sintetizamos as acepções do verbete da preposição *de* dos dois dicionários analisados representativos da semântica da preposição no século XIX. Podemos observar que o dicionário VIEIRA apresenta um número consideravelmente maior de acepções em comparação ao MORAES (1813), até mesmo em razão da extensão do verbete. Ressaltamos que esse grande acréscimo de acepções notado não indica que, do latim vulgar ao século XIX, houve um processo de ampliação do sentido da preposição, pois lembramos que, por hipótese, assumimos, na análise dos dicionários etimológicos, que os sentidos da preposição no latim clássico se mantiveram no latim vulgar, e foram acrescidos dos sentidos expressos pelo uso do antigo genitivo. Porém, como as únicas acepções novas efetivamente apresentadas pelos dicionários etimológicos foram de ‘conteúdo’ e ‘posse’, foram somente essas acepções consideradas como representativas da semântica da preposição *de* no latim vulgar.

Dessa maneira, como mencionado anteriormente, a preposição *de*, a partir do latim vulgar, passou a desempenhar as funções do genitivo subjetivo, genitivo objetivo, genitivo possessivo, genitivo especificativo, genitivo de qualidade, genitivo partitivo e genitivo de quantidade, de peso, de medida, de grandeza, de idade, de acordo com Said Ali (1921). Logo, essas doze novas acepções não indicam que a preposição *de* passou por processos de ampliação de sentido; elas representam os novos sentidos advindos da substituição do genitivo pela preposição *de* que não foram apresentados pelos dicionários etimológicos pesquisados. No quadro a seguir, indicamos as acepções da preposição que representam os sentidos da mesma, aplicados aos campos espacial, temporal e nocional.

**Quadro 25: Síntese das acepções da preposição *de* de dicionários do século XIX.**

<b>Campo espacial</b>	1.a partir de 2. localização, naturalidade 3. origem
<b>Campo temporal</b>	1.desde 2. origem
<b>Campo nocional</b>	1. assunto 2. causa 3.conforme 4.conteúdo 5. destino finalidade 6.dimensão, valor, quantidade, idade 7. excelência, supremacia 8. instrumento 9. matéria 10. meio 11. modo 12. origem 13. partitivo 14. posse 15. qualidade, natureza 16.vocação

Observamos, a partir do esquema acima, que as acepções ‘contra’, ‘de cima de’, ‘depois’, constantes na definição do verbete do dicionário latino analisado, não são mais mencionadas nos verbetes dos dicionários do século XIX. Também se pode perceber que, com o desaparecimento do genitivo, a preposição *de* passou a ser extremamente polissêmica, pois, em sua nova função de adjunto adnominal restritivo, passou a expressar restrições, qualidades e posses. No esquema acima, portanto, indicamos as novas acepções apresentadas pelos verbetes dos dicionários do século XIX analisados, quais sejam, ‘modo’, ‘idade’, ‘qualidade, natureza’, ‘destino’, ‘finalidade’, ‘vocação’, ‘dimensão’, ‘valor’, ‘quantidade’, ‘idade’, ‘excelência’, ‘supremacia’ e ‘meio’.

Após termos indicado os diversos sentidos da preposição expressos nas acepções dos verbetes dos dicionários do século XIX analisados, enfatizando os acréscimos e os apagamentos de sentidos de *de*, passamos à próxima seção, na qual analisaremos verbetes da preposição em dicionários do século XX.

#### 4.1.3.2 O verbete *de* em dicionários do século XX

Nesta seção, analisaremos os verbetes da preposição *de* apresentados em dicionários do século XX, indicando as acepções que entraram em desuso e as acepções que permaneceram, advindas do século XIX, para que possamos, no decorrer desse capítulo, explicitar os traços etimológicos da preposição *de*.

Os verbetes analisados foram retirados dos seguintes dicionários: *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa* (1911), de Caldas Aulete (doravante AULETE)<sup>44</sup>; *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (1939/1944), de Laudelino Freire (doravante FREIRE); *Dicionário da Língua Portuguesa* (1949), de Figueiredo (doravante FIGUEIREDO); *Nôvo Dicionário Brasileiro* (1969), da Melhoramentos (doravante MELHORAMENTOS); *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* (1987), de Morais Silva (doravante MORAIS (1987)).

De início, é preciso esclarecer que apenas dois verbetes constarão na íntegra nesta seção, em função de suas extensões não serem demasiadamente grandes. Dessa maneira, as particularidades dos verbetes que não constarem na íntegra nesta seção serão apenas mencionadas e destacadas em quadro, quando for o caso. Para a verificação do verbete, conduzimos o leitor para o anexo relativo ao verbete em questão.

Vamos iniciar por AULETE (1991), cujo verbete foi reproduzido no anexo 3 do presente trabalho. Esse dicionarista apresenta como sentido mais geral da preposição *de* a substituição da função do genitivo. O sentido prototípico etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM não é explicitado pelo dicionarista, porém, da acepção ‘ponto de partida’, pode-se inferir esse protótipo de *de*. Abaixo, listamos as acepções apresentadas por AULETE referentes à preposição *de* em circunstâncias espaciais.

**Quadro 26: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em AULETE.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
localização, naturalidade	o vento <b>do</b> Norte, negro <b>da</b> África
ponto de partida	<b>de</b> Paris a Roma [...]
passagem, mudança	ir <b>de</b> Lisboa ao Porto

<sup>44</sup> A definição do verbete do AULETE de edição de 1911 é idêntica às definições das edições de 1925 e 1958, excetuando-se a ortografia das mesmas.

Observamos que ‘ponto de partida’ e ‘mudança’ são acepções em que a preposição *de* está relacionada à preposição *a*, como podemos observar nos exemplos apresentados no quadro 26. Sob nosso ponto de vista, a semântica da preposição, em tais acepções, é basicamente a mesma, qual seja, ‘ponto de partida’, pois em ambos os casos a preposição *de* indica a origem de determinado movimento e, por isso, é representativa do protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

Em relação às acepções referentes às circunstâncias temporais da preposição *de*, podemos observar o quadro a seguir:

**Quadro 27: Circunstâncias temporais da preposição *de* em AULETE.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
ponto de partida	trabalho <b>de</b> pela manhã até à noite

AULETE apresenta somente uma acepção cujo sentido é aplicado ao campo temporal, qual seja, ‘ponto de partida’. No exemplo *trabalho de pela manhã até à noite*, verificamos, novamente, que a preposição *de* indica o ponto de partida do movimento no campo temporal, e por isso é representativa do protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

Por fim, as acepções relacionadas às circunstâncias nocionais apresentadas por AULETE são as seguintes:

**Quadro 28: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em AULETE.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
assunto, objeto	livro <b>de</b> viagens
causa	o incômodo <b>de</b> andar a pé
complemento restritivo	juramento <b>de</b> felicidade
composição, formação, participação, constituição	os deputados <b>da</b> maioria, uma casa <b>de</b> três andares
conformidade, conveniência, propriedade	praticou uma ação <b>de</b> cavalheiro
destino, fim, acomodação, apropriação, uso, aplicação	sala <b>de</b> baile
dimensão	um monte <b>de</b> 500 metros de altura
disposição, tenção, propósito	estar <b>de</b> partida para a Índia
duração, idade, data	homem <b>de</b> quarenta anos
estado, condição, emprego, serviço	estar <b>de</b> dieta, ficar <b>de</b> guarda
excelência, primazia	cântico <b>dos</b> cânticos

Acepção (continuação)	Exemplo (continuação)
forma	chapéu <b>de</b> três bicos
instrumento	um árabe armado <b>da</b> sua comprida lança (Herc.)
matéria	estátua <b>de</b> bronze
modo	deitar-se <b>de</b> costas
natureza, qualidade, caráter, índole, tendência, vocação	corrente <b>de</b> água, batismo <b>de</b> fogo, ato <b>de</b> coragem, coração <b>de</b> bondade, homem <b>de</b> intrigas
partitivo	o vale de Santarém é um <b>destes</b> lugares privilegiados pela natureza
passagem, mudança	<b>de</b> amarelo tornou-se branco
pertença, origem, proveniência	o palácio <b>do</b> rei, os sonetos <b>de</b> Camões
princípio ou ponto de partida, de termo de comparação	subir <b>de</b> soldado a general
profissão, ocupação	homem <b>do</b> mar, engenheiro <b>de</b> minas
quantidade, número	exército <b>de</b> trinta mil homens, um livro <b>de</b> trezentas páginas
situação	estar <b>de</b> cama
valor	charutos <b>de</b> vintém

Algumas observações devem ser feitas em relação ao quadro anterior. A acepção ‘complemento restritivo’, exemplificada por *juramento de felicidade*, não é uma informação de cunho semântico, e sim sintático. Motivados pelo exemplo apresentado, consideramos que essa acepção é indicativa da noção de *de* ‘assunto’, ‘objeto’, pois em ‘juramento de felicidade’, o assunto a respeito do qual é realizado o juramento é a felicidade.

As acepções ‘princípio ou ponto de partida, de termo de comparação’ e ‘passagem, mudança’, exemplificadas, respectivamente por *subir de soldado a general* e *de amarelo tornou-se branco* são consideradas por nós como uma só acepção, qual seja, ‘origem’. Como já mencionamos, *de* mantém o sentido etimológico prototípico de ÊNFASE NA ORIGEM em exemplos do tipo *subir de soldado a general* e *de amarelo tornou-se branco*, pois a função da preposição é enfatizar a origem do termo de comparação ou da mudança.

A acepção ‘pertença, origem, proveniência’ é exemplificada por *sonetos de Camões*, conforme se pode observar no quadro anterior. Porém, sob nosso ponto de vista, houve uma especialização do sentido expresso pela acepção ‘origem’ nesse exemplo, o que gera uma acepção independente de ‘autoria’, que mantém semelhanças

com a acepção de ‘origem’, mas difere da mesma por indicar especificamente a relação de uma produção e de seu produtor.

Passemos à análise do verbete da preposição de FREIRE. Na definição do verbete, não é indicado que o protótipo etimológico de tal preposição é de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. Porém, na acepção número 11, na qual é afirmado que a preposição auxilia na formação de adjuntos circunstanciais, podemos identificar esse sentido prototípico na acepção ‘origem de um movimento, direção, proveniência’, como se pode observar no anexo 4. O verbete da preposição *de* em FREIRE, no que se refere aos seus empregos espaciais, está representado a seguir.

**Quadro 29: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em FREIRE.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
origem de um movimento, direção, proveniência	<b>de</b> Campinas a São Paulo
localização, naturalidade	negros <b>da</b> África

Na acepção ‘origem de um movimento, direção, proveniência’, a preposição *de* está relacionada à preposição *a*, como podemos observar no exemplo apresentado no quadro anterior. Ressaltamos que o dicionarista não apresentou como acepção de *de* ‘mudança’, como fez AULETE, o que confirma que a semântica da preposição, em tal correlação, é expressa pela acepção ‘ponto de partida’, e, por isso, é representativa do protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. O dicionarista também indica a acepção de ‘localização, proveniência’, exemplificada por *negros da África*, que expressa o sentido de ênfase na origem, porém apresenta o apagamento do traço de movimento, como veremos no capítulo referente à análise de dados.

FREIRE apresenta as duas acepções abaixo relacionadas ao emprego da preposição *de* em circunstâncias espaciais:

**Quadro 30: Circunstâncias temporais da preposição *de* em FREIRE.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
tempo desde que	trabalhar <b>da</b> manhã à noite
tempo em que	levantar-se <b>de</b> noite

A acepção ‘tempo desde que’ vem sendo indicada nos verbetes dos dicionários analisados, do FERREIRA ao FREIRE, portanto não causa dificuldade afirmar que essa acepção representa um sentido de *de* que se mantém desde o latim clássico. Porém, a

acepção ‘tempo em que’ não é indicada nos dicionários do século XIX analisados (MORAES e VIEIRA), e também não é apresentada no verbete de *de* em AULETE. Não obstante, tal acepção consta no verbete do dicionário latino FERREIRA, com a seguinte exemplificação: *de tertia vigilia (durante a terceira vigília)*. Provavelmente, tal sentido não desapareceu no século XIX e ressurgiu no século XX; simplesmente os dicionários não indicaram esse sentido no verbete. Porém, como os dados analisados na presente pesquisa são advindos unicamente dos verbetes de *de* de diferentes sincronias, indicaremos esse fato na seção 4.3, em que analisamos o semanticismo da preposição *de* do latim clássico ao século XIX.

Por fim, em relação às circunstâncias nocionais, FREIRE apresenta as seguintes acepções:

**Quadro 31: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em FREIRE.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
assunto, objeto	livro <b>de</b> Viagens
causa	cair <b>de</b> cansado
complemento restritivo	juramento <b>de</b> felicidade
composição, formação, participação, constituição	deputados <b>da</b> maioria
conformidade	vivem <b>de</b> harmonia
destino, fim, acomodação, uso, aplicação	sala <b>de</b> baile
dimensão	monte <b>de</b> 500 metros
disposição, tendência, propósito	Ø
duração, idade, data	guerra <b>dos</b> trinta anos
estado, condição, emprego, serviço	estar <b>de</b> dieta, <b>de</b> purga
estado, situação, condição	ficar <b>de</b> guarda
excelência, primazia, quando colocada entre um substantivo e o mesmo substantivo repetido no plural	cântico <b>dos</b> cânticos
forma	chapéu <b>de</b> três bicos
matéria	estátua <b>de</b> bronze
meio ou instrumento	armado <b>de</b> punhal
modo ou maneira	cair <b>de</b> joelhos
natureza, qualidade, caráter, índole, tendência, vocação	corrente <b>de</b> água
partitivo	comerás <b>do</b> pão
pertença, origem, proveniência	Silvestre, como sabes, tira muita lição <b>de</b> maus livros
posse	livro <b>de</b> Pedro, sonetos <b>de</b> Camões
profissão, ocupação	homem <b>do</b> mar
quantidade, número	exército <b>de</b> tinta mil homens
superlativo	o mais sábio <b>dos</b> homens
valor	charutos <b>de</b> vintém

Em relação às particularidades apresentadas pelo dicionário acerca da preposição *de*, a primeira informação fornecida na definição do verbete diz respeito ao larguíssimo uso de tal preposição, e, por conseguinte, a dificuldade de, em um único verbete, abarcar todas as suas possibilidades semânticas e sintáticas.

Algumas observações devem ser feitas em relação ao quadro anterior. Adotamos, analogamente ao realizado na análise das acepções ‘complemento restritivo’ e ‘pertença, origem, proveniência’ do verbete de AULETE, o mesmo procedimento na análise das acepções de ‘complemento restritivo’ e ‘posse’ de FREIRE. Como a acepção ‘complemento restritivo’, exemplificada por *juramento de felicidade*, não é uma informação de cunho semântico, e sim sintático, fomos motivados pelo exemplo apresentado a considerarmos que essa acepção é indicativa da noção de *de* ‘assunto’, ‘objeto’, pois, em *juramento de felicidade*, o assunto a respeito do qual é realizado o juramento é a felicidade.

Já a acepção ‘posse’ é exemplificada por *sonetos de Camões*, conforme se pode observar no quadro 31. Porém, sob nosso ponto de vista, tal exemplo não indica que *Camões* possui, efetivamente, determinados sonetos, e sim que ele os produziu. Logo, indicamos a acepção de ‘autoria’ como vigente no século XX, da mesma maneira que fizemos em AULETE.

Passamos, agora, a analisar o verbete de FIGUEIREDO. Veja abaixo.

**De**, *prep.* Exprime restrição da palavra que a precede: *filho de pedro*. Ligação dos verbos auxiliares com o infinito de outros verbos: *ter de fugir*. Relação de movimento, proveniência, propriedade, carácter, profissão. Estado. Naturalidade: *sou de Portugal*. Situação, causa: *morrer de febre-amarela*. Mudança: *saiu de Lisboa*. Conformidade, formação: *estátua de pedra*. Instrumento: *a golpes de faca*. Dimensão: *um metro de altura*. Modo; e às vezes é elemento de loc. *prep.* e *adv.*: *resolveu de per si*. (lat. *de*)

Em FIGUEIREDO, o sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM não é explicitado na definição do verbete, mas pode-se tentar depreendê-lo pelas acepções de ‘mudança’ e ‘relação de movimento, proveniência’. Vejamos abaixo as acepções relacionadas às circunstâncias espaciais:



**Quadro 32: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em FIGUEIREDO.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
mudança	saiu <b>de</b> Lisboa
naturalidade	sou <b>de</b> Portugal

Como já mencionado nas análises anteriores, a acepção de ‘mudança’ não representa otimamente o sentido da preposição aplicada ao campo espacial. Neste exemplo, podemos observar que o sentido veiculado pelo uso da preposição *de* é o de ponto inicial de movimento, ou seja, tal sentido é representado pelo protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

Por sua vez, as circunstâncias temporais da aplicação da preposição *de* não foram apresentadas no verbete. O verbete apresenta, brevemente, algumas acepções relacionadas às circunstâncias nocionais, quais sejam:

**Quadro 33: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em FIGUEIREDO.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
causa	morrer <b>de</b> febre-amarela
conformidade, formação	estátua <b>de</b> pedra
dimensão	um metro <b>de</b> altura
estado	Ø
instrumento	golpes <b>de</b> faca
modo	Ø
relação de movimento, proveniência, propriedade, caráter, profissão	Ø
restrição da palavra que a precede	filho <b>de</b> Pedro

Como podemos observar, há acepções no quadro anterior em que não houve explicitação de um exemplo a ela referente, devido ao fato de que o verbete do dicionário somente mencionava a acepção, sem exemplificá-la. As acepções apresentadas no verbete foram todas já apresentadas nos dicionários analisados; apenas ressaltamos que a acepção de ‘restrição da palavra que a precede’ é extremamente genérica e, pelo exemplo utilizado, indica, especificamente, ‘filiação’.

Vejamos, agora, o verbete *de* no dicionário MELHORAMENTOS.

**De**, prep. (1. *de*). Partícula de grande emprêgo na língua portuguesa, designando várias relações: 1. Posse: *A boneca de Iraci*. 2. Lugar: *O pôrto de santos*. 3. Tempo: *De manhã*. *De dia*. *Antes de cristo*. 4. Modo, circunstância: *Trajado de casaca*. *Caido de costas*. *Levado de roldão*. *Atrasado de nôvo*. *Estragado de todo*. *Cada um de per si*. 5. Meio: *Viajou de avião*. 6. Caracterização, segundo material, forma, idade, natureza etc.; *Chapéu de feltro*. *Cadeira de braços*. *Môço de vinte anos*. *Ato de bravura*. 7. Emprêgo, fim: *Sala de jantar*. 8. Procedência: *Pimenta-do-reino*. *Vento do Norte*. 9. Ponto de partida: *De hoje em diante*. *De São Paulo ao Rio*. 10. Situação, estado inicial: *De amarelo tornou-se branco*. *De jornalista tornou-se jornalista*. 11. Alvo, meta, fim, destino: *Anseio do poder*. *Desejo da morte*. 12. Causa, motivo: *Doente de malária*. *Transido de medo*. *Curvado de velho*. 13. Dimensão, tamanho, medida, número, valor: *Terreno de dez metros por vinte*. *Monte de 1.400 metros de altura*. *Um copo de água*. *Quatro metros de altura*. *Quatro metros de fazenda*. *Charutos de vinte centavos*. 14. Acréscimo de nome, título, qualificação, etc. *A cidade de São Paulo*. *O título de doutor*. *O pobre do homem*. *Pobre de mim*. *Podre de rico*. *Artigo de primeira qualidade*. 15. Comparação: *O maior de todos*.

Como se observa, a primeira acepção designada é a de ‘posse’, relacionada ao antigo uso do genitivo. Nas definições não é explicitado que o sentido prototípico da preposição é de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. A acepção relacionada às circunstâncias espaciais é a seguinte:

**Quadro 34: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em MELHORAMENTOS.**

Acepção	Exemplo
localização	porto <b>de</b> Santos
ponto de partida	<b>de</b> São Paulo ao Rio

Na acepção de ‘ponto de partida’, a preposição *de* está relacionada à preposição *a*, como podemos observar no exemplo apresentado no quadro anterior. Ressaltamos que o dicionarista não apresentou como acepção de *de* ‘mudança’, como fez AULETE, o que confirma que a semântica da preposição, em tal correlação, é expressa pela acepção ‘ponto de partida’, e, por isso, é representativa do protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. O verbete também apresenta a acepção de ‘localização’, como podemos constatar no quadro anterior.

Em relação às acepções da preposição relacionadas a circunstâncias temporais, o verbete do dicionário apresenta as seguintes acepções:

**Quadro 35: Circunstâncias temporais da preposição *de* em MELHORAMENTOS.**

Acepção	Exemplo
ponto de partida	<b>de</b> hoje em diante
tempo	<b>de</b> manhã

Como mencionado na análise das acepções da preposição *de* relativas ao campo temporal do dicionário FREIRE, a acepção ‘ponto de partida’ vem sendo reiteradamente

indicada nos verbetes dos dicionários analisados até o momento. Já a genérica acepção ‘tempo’, apresentada no MELHORAMENTOS e exemplificada por *de manhã*, indica mais especificamente a acepção ‘tempo em que’, pois o exemplo representa o tempo no qual determinado evento acontece. Assim, essa acepção ‘tempo em que’, presente no verbete do dicionário latino analisado, ausente nos dicionários representativos do século XIX e novamente presente no século XX, passa a ser atestada não somente por FREIRE, mas também por MELHORAMENTOS.

Por fim, relacionamos as circunstâncias nocionais apresentadas em MELHORAMENTOS.

**Quadro 36: Acepções relacionadas às circunstâncias nocionais da preposição *de* em MELHORAMENTOS.**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
alvo, meta, fim, destino	desejo <b>da</b> morte
caracterização, segundo material, forma, idade, natureza	chapéu <b>de</b> feltro, cadeira <b>de</b> braços, moço <b>de</b> vinte anos, ato <b>de</b> bravura
causa, motivo	doente <b>de</b> malária
comparação	o maior <b>de</b> todos
conteúdo	copo <b>de</b> água
dimensão, tamanho, medida, número, valor	terreno <b>de</b> dez metros por vinte, monte <b>de</b> 1.400 metros <b>de</b> altura, quatro metros <b>de</b> altura, quatro metros <b>de</b> fazenda, charutos <b>de</b> vinte centavos
emprego, fim	sala <b>de</b> jantar
meio	viajou <b>de</b> avião
modo, circunstância	trajado <b>de</b> casaca, caído <b>de</b> costas
posse	boneca <b>de</b> Iraci
situação, estado inicial	<b>de</b> jornalista tornou-se jornalista

A acepção de ‘dimensão, tamanho, medida, número, valor’ foi exemplificada, como se pode observar no verbete da preposição *de* do dicionário MELHORAMENTOS, por *um copo d’água*. Porém, tal exemplo representa a acepção de ‘dimensão, tamanho, medida, número, valor’, e também a acepção de ‘conteúdo’. Portanto, no quadro 36, que sintetiza as acepções relacionadas às circunstâncias nocionais da preposição *de* em MELHORAMENTOS, foi incluída a acepção de conteúdo, exemplificada por *um copo d’água*.

O verbete do último dicionário do século XX analisado na presente pesquisa, ver anexo 5, é pertencente a MORAIS (1987). Nele, não há explicitação do sentido geral de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM desta preposição, muito embora tal noção possa ser depreendida pelas acepções ‘lugar de onde’ e ‘origem ou proveniência’. As circunstâncias espaciais apresentadas no verbete são as seguintes:

**Quadro 37: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em MORAIS (1987).**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
lugar de onde	veio <b>de</b> Lisboa
lugar	saia <b>daqui</b>
naturalidade	oriundo <b>da</b> América

Ressaltamos que a acepção de ‘lugar’ de MORAIS (1987), exemplificada por *saia daqui*, é uma acepção que remete a um sentido extremamente genérico. Sob nossa perspectiva, esse exemplo é representativo da acepção ‘lugar de onde’ ou ‘origem’, pois quem sai de um lugar (*aqui*, no exemplo), sai de um ponto de origem.

Em relação às circunstâncias temporais da preposição *de*, MORAIS (1987) apresenta as seguintes acepções:

**Quadro 38: Circunstâncias temporais da preposição *de* em MORAIS (1987).**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
a partir de	<b>de</b> hoje em diante
desde	costumado <b>de</b> menino
durante	de manhã

Vê-se que a acepção de origem latina ‘durante’, exemplificada por *de manhã*, ausente nos dicionários representativos do século XIX e novamente presente no século XX, é verificada nos verbetes dos dicionários FREIRE, MELHORAMENTOS e MORAIS (1987).

Por fim, a aplicação da preposição a circunstâncias nocionais é exemplificada pelas seguintes acepções:

**Quadro 39: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em MORAIS (1987).**

<b>Acepção</b>	<b>Exemplo</b>
causa	morreu <b>de</b> fome
complemento terminativo	descer-se <b>do</b> muro
condição, profissão, vocação	homem <b>de</b> letras
conteúdo e a repleção	um copo <b>de</b> água
dimensões, medida, valor, quantidade, preço	seis metros <b>de</b> comprimento
estado de que se passou	<b>do</b> cajado ao ceptro
fim, objeto, assunto	livro <b>de</b> reza
limitação ou restrição	cego <b>do</b> olho direito
matéria	vaso <b>de</b> barro
meio e instrumento	golpe <b>de</b> espada
modo	entrou <b>de</b> mansinho
parte do todo, o todo de que se indica a parte	três <b>dos</b> oito que eram
posse	casa <b>do</b> pai
postura, indumento, estado de saúde ou de relações	<b>de</b> joelhos; <b>de</b> chinelos; <b>de</b> cama; <b>de</b> luto
qualidade	homem <b>de</b> talento
serventia, destino, uso	lenço <b>de</b> algibeira
superlatividade	cântico <b>dos</b> cânticos

No verbete do dicionário MORAIS (1987), é indicada a acepção de ‘espécie’, exemplificada por *uva de ferral*, como representativa da semântica da preposição *de*. Porém, a semântica de *de* em *uva de ferral* pode ser representada por uma acepção já indicada no verbete analisado, qual seja, ‘limitação ou restrição’. Portanto, no quadro anterior, suprimimos a acepção de ‘espécie’ indicada no verbete.

Outras observações acerca da organização do quadro anterior: MORAIS (1987) apresenta as acepções de ‘títulos de obras ou capítulos’, exemplificada por *de gramática e linguagem*, e ‘apresentação’, exemplificada por *de torva catadura*. Sob nosso ponto de vista, ambas as acepções podem ser apresentadas por uma acepção mais genérica de ‘assunto, objeto’. Portanto, no quadro 42, que sintetiza as acepções da preposição *de* relacionadas ao campo nocional, não indicamos essas acepções, por já estarem representadas pela acepção de ‘assunto, objeto’.

Com o objetivo de sintetizar as acepções dos dicionários do século XX analisados, apresentamos o quadro a seguir, que reúne as acepções relacionadas às circunstâncias espaciais.

**Quadro 40: Acepções referentes aos sentidos da preposição *de* no século XX aplicados às circunstâncias espaciais.**

Acepções	Exemplos				
<b>Circunstâncias Espaciais</b>	AULETE	FREIRE	FIGUEIREDO	MELHORA-MENTOS	MORAIS (1987)
localização, naturalidade	vento <b>do</b> Norte	negros <b>da</b> África	sou <b>de</b> Portugal	porto <b>de</b> Santos	oriundo <b>da</b> América
ponto de partida	<b>de</b> Paris a Roma [...]	<b>de</b> Campinas a São Paulo	saiu <b>de</b> Lisboa	<b>de</b> São Paulo ao Rio	veio <b>de</b> Lisboa

As acepções analisadas relacionadas às circunstâncias temporais nos dicionários do século XX foram as seguintes:

**Quadro 41: Acepções referentes aos sentidos da preposição *de* no século XX aplicados às circunstâncias temporais.**

Acepções	Exemplos				
<b>Circunstâncias Temporais</b>	AULETE	FREIRE	FIGUEIREDO	MELHORA-MENTOS	MORAIS (1987)
a partir de	trabalho <b>de</b> pela manhã até a noite			<b>de</b> hoje em diante	<b>de</b> hoje em diante
desde		trabalhar <b>da</b> manhã à noite			costumado <b>de</b> menino
durante		levantar-se <b>de</b> noite		<b>de</b> manhã	<b>de</b> manhã

Podemos observar no quadro que as acepções ‘desde’ e ‘a partir de’ são exemplificadas praticamente pelas mesmas frases, logo reduziremos as duas acepções a uma só, qual seja, ‘a partir de’.

Por fim, apresentamos o quadro que sintetiza as acepções relacionadas às circunstâncias nocionais apresentadas pelos dicionários analisados.

**Quadro 42: Acepções referentes aos sentidos da preposição *de* no século XIX aplicados às circunstâncias nocionais.**

Acepções	Exemplos				
Circunstâncias Nocionais	AULETE	FREIRE	FIGUEIREDO	MELHORA-MENTOS	MORAIS (1987)
assunto, objeto	livro <b>de</b> viagens, juramento <b>de</b> fidelidade	livro <b>de</b> viagens, juramento <b>de</b> fidelidade			livro <b>de</b> reza
autoria	sonetos <b>de</b> Camões	sonetos <b>de</b> Camões			
causa	o incômodo <b>de</b> andar a pé	cair <b>de</b> cansado	morrer <b>de</b> febre-amarela	doente <b>de</b> malária	morrer <b>de</b> fome
composição, formação	deputados <b>da</b> maioria	deputados <b>da</b> maioria			
conformidade	praticou uma ação <b>de</b> cavalheiro	vivem <b>de</b> harmonia			
conteúdo				copo <b>de</b> água	copo <b>de</b> água
destino, fim, acomodação, uso, aplicação	sala <b>de</b> baile	sala <b>de</b> baile		sala <b>de</b> jantar	lenço <b>de</b> algibeira
dimensão, medida, valor, quantidade, preço, forma	monte <b>de</b> 500 metros, exército <b>de</b> 30 mil homens, charutos <b>de</b> vintém, chapéu <b>de</b> três bicos	monte <b>de</b> 500 metros, exército <b>de</b> 30 mil homens, charutos <b>de</b> vintém, chapéu <b>de</b> três bicos	um metro <b>de</b> altura	monte <b>de</b> 1.400 metros <b>de</b> altura, quatro metros <b>de</b> altura, quatro metros <b>de</b> fazenda, charutos <b>de</b> vinte centavos, terreno <b>de</b> dez metros por vinte.	seis metros <b>de</b> comprimento, vestido <b>de</b> 200\$00
disposição, tendência, propósito	estar <b>de</b> partida para a Índia	Ø		desejo <b>da</b> morte	
duração, idade, data	Guerra <b>dos</b> 30 anos	Guerra <b>dos</b> 30 anos		moço <b>de</b> vinte anos	
estado, condição, situação, postura	estar <b>de</b> dieta, ficar <b>de</b> guarda	estar <b>de</b> dieta, ficar <b>de</b> guarda	Ø		<b>de</b> joelhos, <b>de</b> chinelos, <b>de</b> cama, <b>de</b> luto
excelência, primazia	cântico <b>dos</b> cânticos	cântico <b>dos</b> cânticos			cântico <b>dos</b> cânticos
limitação ou restrição	dia <b>de</b> fazer mercês				cego <b>do</b> olho direito, uva <b>de</b> ferral
matéria	estátua <b>de</b> bronze	estátua <b>de</b> bronze	estátua <b>de</b> pedra	chapéu <b>de</b> feltro	vaso <b>de</b> barro
meio ou instrumento	armado <b>de</b> punhal	armado <b>de</b> punhal	golpes <b>de</b> faca	viajou <b>de</b> avião	golpe <b>de</b> espada
modo ou maneira	deitar-se <b>de</b> costas	cair <b>de</b> joelhos	Ø	trajado <b>de</b> casaca	entrou <b>de</b> mansinho

Acepções (cont.)	Exemplos (continuação)				
natureza, qualidade, caráter, índole, vocação	corrente de água, batismo de fogo, ato de coragem, coração de bondade, homem de intrigas	corrente de água	Ø		homem de talento
origem		tira muita lição <b>de</b> Maus livros	Ø		descende <b>dos</b> godos
partitivo	o vale de Santarém é um <b>destes</b> lugares [...]	comerás <b>do</b> pão			três dos oito que eram
posse	palácio <b>do</b> rei.	livro <b>de</b> Pedro	filho <b>de</b> Pedro	boneca <b>de</b> Iraci	casa <b>do</b> pai
profissão, ocupação	homem <b>do</b> mar	homem <b>do</b> mar	Ø		homem <b>de</b> letras

Em relação à acepção ‘naturalidade, situação, habitação’, os dicionários analisados divergem quanto aos exemplos utilizados. Tomaremos como exemplos aqui aqueles que parecem ser os mais adequados para a presente análise. Por exemplo, AULETE apresenta *estar de cama* como exemplo da acepção ‘naturalidade, situação, habitação’, mas *estar de dieta* como exemplo de ‘estado, condição, emprego, serviço’. Como dissemos, para o presente trabalho, não nos deteremos nessas divergências, e somente analisaremos aqueles exemplos considerados mais seguros para cada acepção. Logo, fundimos as acepções de ‘estado, condição, emprego, serviço’; ‘estado, situação, condição de’ e ‘postura, indumento, estado de saúde ou de relações’ que constavam, respectivamente, em AULETE, FREIRE e MORAIS (1987), conforme veremos a seguir.

No esquema abaixo, indicamos as acepções, representativas do século XX, da preposição que representam os sentidos da mesma aplicados aos campos espacial, temporal e nocional.

**Quadro 43: Síntese das acepções da preposição *de* de dicionários do século XX**

<b>Campo espacial</b>	1. a partir de 2. lugar, naturalidade 3. origem
<b>Campo temporal</b>	1. desde 2. durante
<b>Campo nocional</b>	1. assunto 2. autoria 3. causa 4. composição, formação 5. conforme 6. conteúdo 7. destino finalidade 8. dimensão, valor, quantidade, idade 9. estado, condição, situação, postura 10. excelência, supremacia 11. idade 12. instrumento 13. matéria 14. meio 15. modo 16. origem 17. parentesco 18. partitivo 19. posse 20. qualidade, natureza 21. vocação



A partir da análise do quadro anterior, corroboramos o fato de que as acepções ‘contra’, ‘de cima de’, ‘depois’, constantes na definição do verbete do dicionário latino analisado, não são vigentes nas sincronias dos séculos XIX e XX. Também grifamos que a acepção de origem latina ‘durante’, que não havia sido mencionada pelos verbetes dos dicionários do século XIX, passou a ser apresentada nos verbetes do século XX, porém, como mencionamos, isso não indica, necessariamente, que houve um processo de desaparecimento e ressurgimento desse sentido no decorrer do tempo. É provável que os dicionários do século XIX simplesmente não tenham indicado a existência desse sentido nas acepções do verbete da preposição *de*; porém, como os dados da presente pesquisa são oriundos somente da análise dos verbetes dos dicionários selecionados, não nos deteremos na explicação de tal fenômeno, somente o indicaremos.

Apontamos também que as acepções ‘composição, formação’, ‘autoria’, ‘parentesco’ e ‘estado, condição, situação, postura’ foram indicadas no verbete da preposição *de*, pela primeira vez, nos dicionários do século XX.

Após termos indicado os diversos sentidos da preposição expressos nas acepções dos verbetes dos dicionários do século XX analisados, enfatizando os acréscimos e os apagamentos de sentidos de *de* observados nos verbetes, passamos à próxima seção, na qual analisaremos verbetes da preposição em dicionários do século XXI. Dessa maneira, poderemos verificar os sentidos de *de* que se perderam ou se mantiveram do latim ao português atual.

#### **4.2 A PREPOSIÇÃO *DE*: PERSPECTIVA SINCRÔNICA**

Nesta seção, analisaremos as acepções da preposição *de* indicadas em dicionários do século XXI, para que possamos verificar os sentidos sincrônicos da preposição indicados pelas acepções dos dicionários contemporâneos. No próximo capítulo, analisaremos os sentidos sincrônicos da preposição pela Teoria dos Protótipos Ampliada, observando quais sentidos mantêm relação com o protótipo etimológico, e indicando uma possível derivação semântica dos diferentes sentidos da preposição.

#### 4.2.1 A preposição *de* em dicionários do século XXI

O objetivo aqui é analisar o verbete referente à preposição *de* de três dicionários: o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, 2001, (doravante AC. LISBOA); *O Novo Dicionário Aurélio*, 2001, (doravante AURÉLIO); o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, 2001, (doravante HOUAISS), e o *Dicionário de Usos da Língua Portuguesa*<sup>45</sup>, 2002, (doravante BORBA).

Cumpre esclarecer que os verbetes desses dicionários não serão reproduzidos nesta seção, devido à extensão demasiado grande. Para ver os verbetes na íntegra, conduzimos o leitor aos anexos 6, 7, 8 e 9, nos quais constam, respectivamente, as reproduções dos verbetes da preposição *de* LISBOA, AURÉLIO, HOUAISS e BORBA.

##### 4.2.1.1 O verbete *de* no AC. LISBOA

Em AC. LISBOA, podemos verificar que o dicionário não apresenta como sentido prototípico etimológico de *de*, de forma direta, a noção de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, mas podemos depreender tal protótipo etimológico em acepções do tipo ‘lugar onde e donde’ e ‘ponto de partida de um movimento’.

As diferentes acepções da preposição estão dispostas no verbete do dicionário de acordo com seu valor ‘locativo’, ‘temporal’ e ‘outros valores’. Essa divisão apresenta semelhança com a divisão adotada no presente trabalho, baseada em Pottier (1968), de classificação das acepções de acordo com sua aplicabilidade aos campos espaciais, temporais e nocionais, sendo que o campo nocional de Pottier (1968) relaciona-se aos ‘outros valores’ de AC. LISBOA, por serem ambos representativos das aplicações mais abstratas da preposição.

---

<sup>45</sup> É importante ressaltarmos que o dicionário de Borba (2002) é um dicionário de usos da língua portuguesa, diferentemente dos outros dicionários analisados. Acreditamos que pelo fato de ser um dicionário de usos referentes à sincronia do século XXI, a análise de seu verbete é válida para presente pesquisa.

No quadro a seguir indicamos as acepções apresentadas por AC. LISBOA referentes às circunstâncias espaciais.

**Quadro 44: Circunstâncias espaciais da preposição *de* em AC. LISBOA.**

Acepção	Exemplo
lugar onde e donde	assisti [...] <b>de</b> minha varanda, chegou <b>de</b> Paris
origem, proveniência, localização	as pessoas <b>de</b> Trás-os-Montes
ponto de partida de um movimento	abalou <b>de</b> casa [...]

O dicionarista apresenta no verbete (Anexo 6) as acepções ‘ponto de partida de um movimento e ponto de destino de um movimento’, ‘intervalo no espaço’ e ‘periodicidade no espaço’, exemplificadas por *ele foi de Lisboa a Moscovo [...]*, *da casa dele à farmácia serão uns trezentos metros e de cinquenta em cinquenta metros*, respectivamente. Porém, são representativas, na realidade, de um sentido mais genérico de ‘origem’ no campo espacial, pois em todos os exemplos citados, a preposição *de* marca o ponto de início do movimento nas circunstâncias espaciais. Os sentidos representados nas acepções ‘intervalo’ ou ‘periodicidade’ são atualizados pela aplicação do sentido de *de* ‘origem, ponto inicial’ em correlação com outras preposições, quais sejam, as preposições *a* e *em*. Logo, as acepções de ponto de partida de um movimento e ponto de destino de um movimento’, ‘intervalo no espaço’ e ‘periodicidade no espaço’ não foram representadas no quadro anterior.

Em relação às acepções de *de* relacionadas às circunstâncias temporais, AC. LISBOA apresenta as seguintes acepções:

**Quadro 45: Circunstâncias temporais da preposição *de* em AC. LISBOA.**

Acepção	Exemplo
duração	tive uma aula <b>de</b> duas horas
intervalo de tempo	<b>de</b> 1914 a 1918 decorreu a Primeira Guerra Mundial
limite no tempo	estamos ainda a dois meses <b>de</b> janeiro
periodicidade	a reforma chega <b>de</b> mês a mês
progressão	[...] o sol nasce mais cedo <b>de</b> dia para dia.
tempo em que alguma coisa decorre ou período de funcionamento	[...] aulas <b>de</b> manhã
tempo que decorreu a partir de um momento passado	<b>de</b> há muito que eu vejo esse drama

Nas acepções de ‘intervalo no tempo’, ‘periodicidade’ e ‘progressão pode-se observar que a preposição *de* mantém o sentido prototípico de ponto inicial do tempo, e são atualizados os sentidos de ‘intervalo’, ‘periodicidade’ e ‘progressão’ pela correlação de *de* com outras preposições, quais sejam, *a* e *para*.

Vê-se que a acepção de origem latina ‘tempo em que alguma coisa decorre ou período de funcionamento’, exemplificada por [...] *aulas de manhã*, é indicada nas acepções do século XXI. Relembramos que tal acepção não havia sido apresentada no verbete de dicionários de século XIX.

Quanto às circunstâncias nocionais da preposição *de*, AC. LISBOA apresenta as seguintes acepções:

**Quadro 46: Circunstâncias nocionais da preposição *de* em AC. LISBOA.**

Acepções	Exemplos
assunto	filosofia <b>de</b> vida [...]
característica específica expressa através de uma comparação implícita	tinha atitudes <b>de</b> criança
causa	<b>de</b> tanto correr cansou-se
conseqüência	o espetáculo era <b>de</b> arrepiar
conteúdo	[...] copo <b>de</b> água fresca
continente	comida <b>de</b> lata
destino	[...] o comboio <b>de</b> Sintra
estado	estava <b>de</b> bom humor
estado, processo ou situação	[...] está <b>de</b> dieta, o meu irmão está <b>de</b> baixa [...], pôs o casaco <b>de</b> lado, deixou o bacalhau <b>de</b> molho
fim	iniciou uma dieta <b>de</b> emagrecimento
identidade	a cidade <b>de</b> Lisboa [...]
matéria	os objetos <b>de</b> barro [...]
medida	[...] móvel <b>de</b> quatro metros para a sala, adiantei o relógio <b>de</b> um minuto, acrescentei <b>de</b> dez litros a água da caldeira
meio	[...] viver <b>de</b> expedientes
modo	bebeu o copo <b>de</b> um trago
perspectiva,	retrato <b>de</b> perfil
pertença, posse, parentesco, autoria, relação de dependência ou de determinação	[...] propriedades <b>de</b> certos ácidos, sobrinho <b>de</b> Maria, a obra <b>de</b> Camões [...], os lados <b>de</b> um triângulo [...], os dias <b>de</b> Inverno [...]
preço, valor	[...] cadernos <b>de</b> cem escudos
qualidade, característica ou função	[...] artista <b>de</b> gênio, camisa <b>de</b> manga curta, faz <b>de</b> protagonista [...], ela sempre fora <b>de</b> pouco sustento.
quantidade	[...] exército <b>de</b> dez mil homens
situação de partida num processo de transformação	Ø

Como podemos observar no verbete de AC. LISBOA, a acepção ‘meio de locomoção’, exemplificada por *gosto de andar de carro*, é apresentada pelo dicionarista como integrante do grupo das acepções relacionadas às circunstâncias nocionais. Porém, no quadro anterior, a acepção de ‘meio de locomoção’ não foi apresentada, pois ela é, na realidade, um uso mais específico da acepção de ‘meio’. Afinal, a preposição *de* em *gosto de andar de carro*, exemplo apresentado por AC. LISBOA para a acepção ‘meio de locomoção’, apresenta a forma com a qual se dá determinada ação ou evento, que é o mesmo sentido geral da acepção de ‘meio’.

No verbete de AC. LISBOA consta a acepção ‘relação, ponto de vista considerado’, exemplificada por *meu filho melhorou de rendimento escola*. Porém, no quadro 46, que sintetiza as acepções de *de* relacionadas ao campo nocional, essa acepção é considerada como representante da acepção mais genérica de ‘assunto, objeto’, exemplificada por *tem uma filosofia de vida muito particular*, como consta no quadro anterior. Sob nosso ponto de vista, em ambos os exemplos a preposição *de* veicula o sentido de ‘assunto’, ‘a respeito de’, já presente na semântica da preposição no latim clássico.

Em relação à AC. LISBOA, a acepção ‘posição corporal’, exemplificada por *o médico mandou-o pôr de bruços* foi considerada integrante da acepção mais geral de ‘posição’, que, por sua vez, é integrante da acepção mais geral de ‘modo’. Logo, em *o médico mandou-o pôr de bruços*, consideramos que a preposição *de* indica o ‘modo’ ou a ‘maneira’ que, no caso, o médico aconselhou seu paciente a deitar. A acepção ‘intervalo, distância’ (com os advérbios *longe* e *perto*), exemplificada por  *siga-o de perto [...]*  também foi considerada como indicativa do sentido de ‘modo’, porque delimita o modo pelo qual se deve dar essa perseguição. Portanto, as acepções ‘posição corporal’ e ‘intervalo, distância’ (com os advérbios *longe* e *perto*) não foram apresentadas no quadro 46.

Por fim, ressaltamos que o dicionário apresenta as acepções de ‘progressividade, em correlação com a prep. *em*’, ‘intervalo em cálculo aproximado em correlação com a prep. *para*’, ‘confronto recíproco, em correlação com a prep. *para*’, ‘relação entre fatores, em correlação com a prep. *para*’, exemplificadas, respectivamente, por *de vitória em vitória adquiriu prestígio, creio que precisarei apenas de dez para quinze*

*contos, tivemos uma conversa de pai para filho e os gostos variam de pessoa para pessoa*, no verbete da preposição *de*. Porém, pode-se observar, pela análise dos exemplos apresentados, que a preposição apresenta o sentido de ponto inicial e a correlação da preposição *de* com outras preposições, nos casos, *em* e *para*, é que define as diferentes acepções apresentadas. Portanto, no quadro 46, que sintetiza as acepções relacionadas ao campo nocional, não constam essas acepções da preposição.

#### 4.2.1.2 O verbete *de* no Aurélio

Com relação ao AURÉLIO, cujo verbete está reproduzido no anexo 7 desta pesquisa, não há nenhuma indicação direta sobre a prototipia etimológica da preposição *de* de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, no entanto, há referência a essa base semântica junto às acepções arroladas no verbete: ‘a origem dum movimento; direção, proveniência’. Abaixo, apresentamos as acepções relacionadas às circunstâncias espaciais de aplicação da preposição:

**Quadro 47: Circunstâncias espaciais da preposição *de* no AURÉLIO.**

Acepção	Exemplo
origem dum movimento, direção, proveniência	<b>de</b> Belo Horizonte a Maceió

Podemos observar que o dicionário apresenta, na acepção relacionada às circunstâncias espaciais, o exemplo da preposição *de* em correlação com a preposição *a*, exemplificado por *de Belo Horizonte a Maceió*, porém, na própria acepção, indica o sentido de origem de *de*. Isso corrobora a atitude adotada na presente dissertação, qual seja, de indicar o sentido básico de *de*, sem analisar o sentido advindo da correlação da preposição *de* com outras preposições.

Em relação às circunstâncias temporais, AURÉLIO apresenta as seguintes acepções:

**Quadro 48: Acepções relacionadas às circunstâncias temporais da preposição *de* no AURÉLIO.**

Acepção	Exemplo
o tempo desde que, ou o tempo em que	<b>de</b> segunda-feira até domingo <b>de</b> madrugada os galos cantam [...]

O verbete do dicionário apresenta as acepções de ‘a partir de’ e ‘durante’, exemplificadas por *de segunda-feira até domingo* e *de madrugada os galos cantam [...]*. Essas acepções foram já apresentadas no dicionário de latim clássico e nos dicionários dos séculos XX e XXI, portanto são sentidos oriundos do latim que se mantiveram no português contemporâneo.

Por fim, o verbete da preposição *de* apresenta as seguintes acepções relacionadas às circunstâncias nocionais:

**Quadro 49: Circunstâncias nocionais da preposição *de* no AURELIO.**

Acepção	Exemplo
assunto, objeto	obra <b>de</b> crítica literária, jura <b>de</b> amor
causa	sofrimento <b>de</b> amor
causa, razão, motivo, conformidade	ele chorou <b>de</b> covarde estão todos <b>de</b> harmonia
de, a de fim, destino, acomodação, uso, aplicação	máquina <b>de</b> escrever
dimensão	um sofá <b>de</b> três metros
duração, idade, data	um trabalho <b>de</b> três meses
estado, situação, condição; emprego, posto	está <b>de</b> cama; ficou <b>de</b> sentinela, passou uma semana <b>de</b> dieta, está <b>de</b> balconista [...]
forma	chapéu <b>de</b> dois bicos
matéria	[...] relógio <b>de</b> ouro
meio ou instrumento	armou-se <b>de</b> rifle
modo ou maneira	caio <b>de</b> joelhos [...]
naturalidade, habitação, situação; a de formação, composição, participação, constituição, conteúdo	atitude <b>de</b> provocação, os senadores <b>da</b> oposição; um copo <b>de</b> leite
natureza, qualidade, caráter, índole, pendor	curso <b>de</b> água; o sol agora é <b>de</b> um fulgor compacto, [...] maneira <b>de</b> corpo
pertença, proveniência, origem	voz <b>de</b> moça
primazia	o poeta <b>dos</b> poetas
profissão, ocupação:	homens <b>do</b> mar
quantidade, número	um exército <b>de</b> sessenta mil homens [...]
relação atributiva possessiva	casa <b>de</b> João
tenção, disposição, propósito	homem <b>de</b> luta
valor	uma jóia <b>de</b> milhões

A definição do verbete inicia com o aviso de que a “partícula [apresenta] larguíssimo emprego em português. Usa-se, além de noutros casos, nos seguintes”. Dessa maneira, o dicionário afirma que nem todos os possíveis empregos da preposição são tratados no verbete.

Como a acepção ‘adjunto adnominal’, exemplificada por *jura de felicidade*, não é uma informação de cunho semântico, e sim sintático, fomos motivados pelo exemplo apresentado a considerarmos que essa acepção é indicativa da noção de *de* ‘assunto’,

‘objeto’, pois, em *jura de felicidade*, o assunto a respeito do qual é realizado o juramento é a felicidade. O mesmo procedimento foi adotado em AULETE e FREIRE na acepção de ‘complemento restritivo’.

#### 4.2.1.3 O verbete *de* no HOUAISS

No HOUAISS não há nenhuma marcação explícita, no campo destinado à informação sincrônica do verbete, que registre a base semântica de *de* como de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. Porém, no arrolamento dos verbetes, e especialmente no campo destinado à etimologia, é possível observar a indicação dessa aplicação. Por exemplo, no campo etimológico, é afirmado que “(...) para definir, no espaço ou no tempo, o ponto de partida ou de origem da relação; fora do espaço ou do tempo, define entre os el. inter-relacionados noções de fonte, posse, dependência, causa”. Abaixo, sintetizamos as acepções relacionadas às circunstâncias espaciais apresentadas no verbete do dicionário.

**Quadro 50: Circunstâncias espaciais da preposição *de* no HOUAISS.**

Acepção	Exemplo
localização	carnaval <b>da</b> Bahia
lugar onde está o agente da ação	<b>do</b> alto avista-se a cidade
procedência, ponto de partida, origem	chegou <b>de</b> Minas Gerais, veio <b>da</b> cozinha para a sala

Observamos, no quadro anterior, a existência de duas acepções relacionadas ao campo espacial, quais sejam, ‘lugar onde está o agente da ação’ e ‘procedência, ponto de partida, origem’; a diferença entre os sentidos expressos pelas duas acepções encontra-se no fato de que o sentido de ‘procedência’ implica o traço de movimento sendo atualizado, enquanto que o sentido de ‘lugar’ implica que o traço de movimento seja apagado, como veremos no próximo capítulo, referente à análise dos dados.

Em relação às acepções referentes às circunstâncias temporais, as seguintes acepções foram catalogadas:

**Quadro 51: Circunstâncias temporais da preposição *de* no HOUAISS.**

Acepção	Exemplo
tempo	<b>de</b> manhã



Pode-se observar que a acepção apresentada pelo dicionário denominada simplesmente como ‘tempo’ pode ser concebida, mais especificamente, como a acepção ‘durante’, da mesma maneira que procedemos ao analisar a acepção ‘tempo’, exemplificada também por *de manhã* em MELHORAMENTOS.

Por fim, as acepções relacionadas às circunstâncias nocionais no verbete analisado do dicionário HOUAISS foram as seguintes:

**Quadro 52: Acepções relacionadas às circunstâncias nocionais da preposição *de* no HOUAISS.**

Acepção	Exemplo
aquilo de que é parte	maçaneta <b>da</b> porta
assunto	falou <b>de</b> você [...]
autor de uma obra	Os Lusíadas <b>de</b> Camões
característica genérica ou particular	indivíduo <b>de</b> respeito, homem <b>de</b> nariz grande
causa	cego <b>de</b> tanta claridade
constituição	comissão <b>de</b> alunos
continente, conteúdo	copo <b>de</b> água, a água <b>do</b> copo
destino	trem <b>de</b> São Paulo
dimensão	torre <b>de</b> 20 m
finalidade	vestido <b>de</b> festa
instrumento	ferido <b>de</b> faca
instrumento, órgão ou dispositivo de manejo de uma coisa	carrinho <b>de</b> mão
matéria	estátua feita <b>de</b> ouro
meio	vive <b>de</b> rendas
modo	olhar <b>de</b> soslaio
possuidor	a casa (é) <b>dos</b> pais
semelhança	escada <b>de</b> caracol
valor	vestido <b>de</b> cem reais

No verbete do dicionário HOUAISS (constante no anexo 8 da presente dissertação), pode-se observar a acepção de ‘produto de algo’, exemplificado por *bicho-da-seda*. Porém, essa acepção não será considerada como representativa dos sentidos sincrônicos do século XXI da preposição *de*, pois o exemplo utilizado pelo dicionário é uma palavra composta, e os requisitos para a análise da preposição *de*, expostos no capítulo referente à metodologia, não abarcam o uso da preposição em palavras compostas. Portanto, no quadro anterior, a acepção ‘produto de algo’ não está representada.

No verbete do dicionário HOUAISS, é indicada a acepção de ‘inclusão numa classe’, exemplificada por *jararaca da espécie* [...], como representativa da semântica da preposição *de*. Porém, analogamente ao realizado na análise da acepção de ‘espécie’

de MORAIS (1987), exemplificada por *uva de ferral*, essa acepção pode ser representada por uma acepção já constatada nos verbetes analisados, qual seja, ‘limitação ou restrição’. Portanto, no quadro anterior, suprimimos a acepção de ‘espécie’ indicada no verbete.

#### 4.2.1.4 O verbete *de* no BORBA

O dicionário de BORBA, por sua vez, não indica explicitamente o protótipo da preposição *de* de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. Porém, a partir da acepção ‘origem’, podemos inferir esse sentido da preposição. As acepções relacionadas às circunstâncias espaciais indicadas no verbete do dicionário foram as seguintes:

**Quadro 53: Circunstâncias espaciais da preposição *de* no BORBA.**

Acepção	Exemplo
lugar	dor <b>de</b> barriga
origem	leva a vida toda para sair <b>do</b> quarto
percurso, por	o suor escorria-lhe <b>do</b> rosto

Como se observa, no verbete de BORBA consta a acepção ‘percurso, por’, exemplificada por *suor escorria-lhe do rosto*. Porém, essa acepção é, na realidade, exemplo de uso da acepção mais genérica de ‘origem’, pois, a partir da análise do exemplo citado, observamos que a preposição *de* indica o ponto a partir do qual o suor escorre.

A acepção ‘inclusão’, exemplificada por *renascerá do lodo*, indicada no verbete do dicionário (Anexo 9), foi apresentada no quadro anterior como ‘origem’, pois a preposição, como podemos depreender do exemplo citado, indica o ponto de origem desse *renascimento*.

BORBA apresenta as seguintes acepções relacionadas às circunstâncias temporais:

**Quadro 54: Circunstâncias temporais da preposição *de* no BORBA.**

Acepção	Exemplo
indica tempo passado	a casa parecia fechada <b>de</b> muito

A acepção ‘indica tempo passado’, exemplificada por a *casa parecia fechada de muito* é uma acepção recorrentemente apresentada nos verbetes da preposição dos dicionários dos séculos XIX, XX e XXI, porém não indicada no dicionário de latim clássico e dicionários etimológicos.

Por fim, Borba apresenta as seguintes acepções relacionadas às circunstâncias nocionais:

**Quadro 55: Circunstâncias nocionais da preposição *de* no BORBA.**

Acepção	Exemplo
assunto	falar <b>de</b> miséria [...]
causalidade; devido a	dormi foi <b>de</b> sono[...]
conteúdo	canecões <b>de</b> cerveja
destinação ou finalidade	creme <b>de</b> barbear
disposição ou propósito	o crente <b>dos</b> milagres [...]
em forma de	escada <b>de</b> caracol
entre	na melhor <b>das</b> hipóteses
estado ou condição	ficou <b>de</b> cabelo branco, um homem <b>de</b> uns 30 e poucos anos, fui trabalhar <b>de</b> pajem
matéria	bolinhos <b>de</b> fubá
meio ou instrumento	foi <b>de</b> caminhão para o hospital
ponto de partida numa enumeração, desde	[...] <b>do</b> chefe ao contínuo[...]
posse	a chave <b>do</b> apartamento
próprio de	um olhar <b>de</b> galã
quantidade	orquídeas <b>de</b> 50 cruzeiros um paredão <b>de</b> 30 m, [...] exército <b>de</b> 124 mil homens, oito pagamentos <b>de</b> Cr\$ 130, 00.

Observamos que BORBA indica a acepção ‘entre’ como representativa da semântica da preposição, porém ressaltamos que essa acepção é, na verdade, representativa da acepção de origem latina ‘partitivo’, pois, no exemplo apresentado pelo dicionarista, *na melhor das hipóteses*, podemos imaginar que, do conjunto de ‘hipóteses’, selecionamos um elemento, ou uma parte desse grupo, qual seja, a melhor dessas hipóteses.

Indicamos que a acepção apresentada por BORBA ‘em forma de’, exemplificada por *escada de caracol*, é indicada no HOUAISS, com o mesmo exemplo, pela acepção ‘semelhança’ e no AC. LISBOA esse sentido é representado pela acepção ‘característica específica expressa através de uma comparação implícita’, exemplificada por *olhar de galã*.

Para melhor ilustrarmos as acepções catalogadas, a seguir criamos um quadro que sintetiza as acepções listadas nos dicionários do século XXI referentes às circunstâncias espaciais.

**Quadro 56: Acepções referentes aos sentidos da preposição *de* no século XXI aplicados às circunstâncias espaciais.**

Acepção	Exemplo			
	AC. LISBOA	AURÉLIO	HOUAISS	BORBA
localização, naturalidade	assisti <b>de</b> minha varanda		<b>do</b> alto avista-se a cidade	dor <b>de</b> barriga
origem de um movimento	abalou <b>de</b> casa bem cedo	<b>de</b> Belo Horizonte a Maceió	chegou <b>de</b> Minas Gerais	leva a vida toda para sair <b>do</b> quarto

Observamos, no quadro anterior, a existência de duas acepções relacionadas ao campo espacial, quais sejam, ‘origem de um movimento’ e ‘localização’; a diferença entre os sentidos expressos pelas duas acepções encontra-se no fato de que o sentido de ‘origem’ implica que o traço de movimento seja atualizado, enquanto que o sentido de ‘localização’ implica que o traço de movimento seja apagado.

A seguir, apresentamos o quadro que sintetiza as acepções listadas nos dicionários do século XXI referentes às circunstâncias temporais.

**Quadro 57: Acepções referentes aos sentidos da preposição *de* no século XXI aplicados às circunstâncias temporais.**

Acepção	Exemplo			
	AC. LISBOA	AURÉLIO	HOUAISS	BORBA
limite no tempo	estamos ainda a dois meses <b>de</b> janeiro			
tempo em que alguma coisa decorre ou período de funcionamento	tem as aulas <b>de</b> manhã	<b>de</b> madrugada os galos cantam [...]	<b>de</b> manhã	
tempo que decorreu a partir de um momento passado	<b>de</b> há muito que eu vejo esse drama	<b>de</b> segunda-feira até domingo		a casa parecia fechada <b>de</b> muito

A partir do quadro anterior, percebemos que a acepção ‘limite no tempo’ foi indicada somente no dicionário AC. LISBOA. Isso, provavelmente, ocorreu devido ao fato de que esse não é um sentido tão usual quanto os sentidos expressos pelas acepções ‘tempo em que alguma coisa decorre ou período de funcionamento’ e ‘tempo que

decorreu a partir de um momento passado’, porém, mesmo assim iremos indicá-lo como aceção válida na sincronia do século XXI.

Por fim, apresentamos o quadro que sintetiza as aceções listadas nos dicionários do século XXI referentes às circunstâncias nocionais.

**Quadro 58: Aceções referentes aos sentidos da preposição *de* no século XXI aplicados às circunstâncias nocionais.**

Aceção	Exemplo			
	LISBOA	AURÉLIO	HOUAISS	BORBA
causa	de tanto correr cansou-se	ele chorou de covarde	cego de tanta claridade	dormi foi de sono [...]
modo	bebeu o copo de um trago	caio de joelhos [...]	olhar de soslaio	
natureza, qualidade, carácter, índole, pendor, disposição, propósito	[...] um artista de gênio, [...] camisa de manga curta, faz de protagonista [...], ela sempre fora de pouco sustento.	curso de água, o sol agora é de um fulgor compacto, [...] maneira de corpo, homem de luta.		o crente dos milagres [...]
característica específica expressa através de uma comparação implícita	tinha atitudes de criança.		escada de caracol	olhar de galã
fim	iniciou uma dieta de emagrecimento.	máquina de escrever.	vestido de festa	creme de barbear.
posse	[...]as propriedades de certos ácidos [...]	casa de João	a casa (é) dos pais	a chave do apartamento
parentesco, autoria	sobrinho de Maria, a obra de Camões [...]		Os Lusíadas de Camões	
assunto	tem uma filosofia de vida muito peculiar	obra de crítica literária	falou de você e não de mim	falar de miséria [...]
matéria	os objetos de barro [...]	[...] relógio de ouro	estátua feita de ouro	passou a mão no jarro de louça
meio	[...] viver de expedientes	armou-se de rifle	vive de rendas	foi de caminhão ao hospital
proveniência		voz de moça		
conseqüência	o espetáculo era de arrepiar			
estado, processo ou situação, emprego	parece que ele está de dieta	está de cama, ficou de sentinela, passou uma semana de dieta, está de balconista numa grande loja	homens do mar	ficou de cabelo branco, fui trabalhar de pajem
conteúdo, continente, constituição	deram-me um copo de água fresca, comida de lata	um copo de leite, comissão de alunos	copo de água, a água do copo	canecões de cerveja

Acepção (continuação)	LISBOA	AURÉLIO	HOUAISS	BORBA
dimensão, medida, perspectiva, valor, quantidade, preço, forma, idade, data	procuo um móvel <b>de</b> quatro metros para a sala, adiantei o relógio <b>de</b> um minuto, prolongou-se a pista <b>de</b> um quilómetro, acrescentei <b>de</b> dez litros a água da caldeira; fez-lhe o retrato <b>de</b> perfil; [...] um exército <b>de</b> dez mil homens; [...] cadernos <b>de</b> cem escudos	chapéu <b>de</b> dois bicos, um sofá <b>de</b> três metros, uma jóia <b>de</b> milhões, um exército <b>de</b> sessenta mil homens [...], um trabalho <b>de</b> três meses	torre <b>de</b> 20 m, vestido <b>de</b> cem reais	orquídeas <b>de</b> 50 cruzeiros, um paredão <b>de</b> 30 m, [...] um exército <b>de</b> 124 mil homens; oito pagamentos <b>de</b> Cr\$ 130, 00
destino	[...] o comboio <b>de</b> Sintra		trem <b>de</b> São Paulo	
instrumento		armou-se <b>de</b> rifle	ferido <b>de</b> faca	foi <b>de</b> caminhão ao hospital
relação de dependência ou de determinação, limitação	os dias <b>de</b> Inverno são mais curtos	Alfageme <b>de</b> Santarém		
partitivo				na melhor <b>das</b> hipóteses
primazia		o poeta <b>dos</b> poetas		
conformidade		estão todos <b>de</b> harmonia		
aquilo de que é parte			maçaneta <b>da</b> porta	
característica genérica ou particular			indivíduo <b>de</b> respeito, homem <b>de</b> nariz grande	

Algumas observações devem ser feitas acerca do quadro anterior. Primeiramente, justamente pelo fato de o quadro ser estruturado a partir do contraste dos quatro verbetes dos dicionários analisados referentes ao século XXI, algumas vezes, fomos obrigados a fundir acepções semelhantes, como procedemos com ‘meio’ e ‘meio de transporte’, como já mencionado. Outras vezes, tivemos que eleger, dentre diversas acepções exemplificadas pela mesma frase nos diferentes dicionários, a acepção que melhor representa o sentido de *de*.

Por exemplo, a acepção do AURÉLIO e do BORBA de ‘meio ou instrumento’, exemplificada por *armou-se de rifle*, deu lugar a duas acepções, quais sejam, ‘meio’ e ‘instrumento’. Esses dicionários apresentam essas duas acepções como uma só, e depreendemos, portanto, que os dicionaristas consideram muito semelhantes tais acepções. Porém, os dicionários HOUAISS e AC. LISBOA apresentam tais acepções independentes uma da outra. Para que fosse possível apresentar tais acepções no quadro

anterior, precedemos de acordo com HOUAISS e AC. LISBOA, apresentando as acepções de ‘meio’ e ‘instrumento’ independentemente.

No esquema abaixo, indicamos as acepções, representativas do século XXI, da preposição que representam os sentidos da mesma aplicados aos campos espacial, temporal e nocional.

**Quadro 59: Síntese das acepções da preposição *de* de dicionários do século XXI**

<b>Campo espacial</b>	1.a partir de 2.lugar, naturalidade 3.origem
<b>Campo temporal</b>	1.desde 2. durante 3. limite no tempo
<b>Campo nocional</b>	1. aquilo que é parte 2. assunto 3. autoria 4. característica específica expressa através de uma comparação implícita 5. causa 6. composição, formação 7. conforme consequência 8. conteúdo 9. destino finalidade 10. dimensão, valor, quantidade, idade 11. estado, condição, situação, postura 12. excelência, supremacia 13. idade 14. instrumento 15. matéria 16. meio 17. modo 18. origem 19. parentesco 20. partitivo 21. posse 22. qualidade, natureza 23. vocação

A acepção ‘limite no tempo’, referente ao campo temporal, e as acepções referentes ao campo nocional ‘consequência’, ‘aquilo que é parte’, ‘característica específica expressa através de uma comparação implícita’, exemplificadas por, respectivamente, *a dois meses de janeiro*, *filme de arrepiar*, *maçaneta da porta e escada de caracol*, foram apresentadas somente nos verbetes do século XXI.

A partir das sincronias do latim clássico, latim vulgar e dicionários dos séculos XIX, XX e XXI retratadas pelos dicionários analisados, sintetizamos, na próxima seção, os sentidos incorporados ou perdidos pela semântica da preposição *de*, observados na análise feita até agora.

### 4.3 O SEMANTICISMO DA PREPOSIÇÃO *DE*: DO LATIM CLÁSSICO AO SÉCULO XXI

Esta seção objetiva mostrar comparativamente as acepções da preposição *de* que foram mantidas do latim clássico ao português hodierno e as acepções que foram acrescidas, a partir das diferentes sincronias analisadas nas seções anteriores.

Apresentamos a seguir um quadro das acepções relacionadas às circunstâncias espaciais nas diferentes sincronias estudadas.

**Quadro 60: As acepções de *de* relacionadas às circunstâncias espaciais nas sincronias estudadas.**

Acepção	Latim clássico	Latim vulgar	Século XIX	Século XX	Século XXI
a partir de	+	+	+	+	+
de cima de	+	+	-	-	-
localização, naturalidade	-	-	+	+	+
origem	+	+	+	+	+

Podemos perceber que a acepção oriunda do latim clássico ‘de cima de’ sofreu um apagamento, evidenciado pela sua ausência nos verbetes dos dicionários dos séculos XIX, XX e XXI. O sentido representado pela acepção ‘de cima de’, exemplificado por *de sella exsilire*, passou, em português, a ser indicado pela própria locução ‘de cima de’. Indicamos, portanto, que o sentido etimológico de MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO COM ÊNFASE NO PONTO DE ORIGEM passou a ser representado por um sentido mais genérico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

As acepções de ‘a partir de’ e ‘origem’ mantiveram-se desde o latim clássico até o português atual. Ressaltamos que essas acepções indicam o mesmo sentido prototípico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, e que, portanto, como veremos no próximo capítulo referente à análise dos dados, não haveria a necessidade de indicar em duas acepções esse mesmo sentido. Já a acepção ‘localização, naturalidade’ não foi constatada nos verbetes da preposição *de* do dicionário de FERREIRA e dos dicionários etimológicos analisados.



As acepções referentes às circunstâncias temporais estudadas foram sintetizadas no quadro a seguir:

**Quadro 61: As acepções de *de* relacionadas às circunstâncias temporais nas sincronias estudadas.**

Acepção	Latim clássico	Latim vulgar	Século XIX	Século XX	Século XXI
depois, logo	+	+	-	-	-
desde	-	-	+	+	+
durante	+	+	-	+	+
limite no tempo	-	-	-	-	+

Verifica-se no quadro anterior que o sentido latino expresso pela acepção ‘depois, logo’ sofreu um processo de apagamento, indicado pela ausência desta acepção nos verbetes relativos aos dicionários dos séculos XIX, XX e XXI.

Por sua vez, a acepção ‘desde’ representa um sentido que não fazia parte do semanticismo da preposição *de* no latim clássico. A presença dessa nova acepção foi verificada nos verbetes da preposição a partir do século XIX, e mantida nos séculos XX e XXI.

Já a acepção de ‘limite no tempo’ foi indicada, como já mencionado, somente por um dicionário do século XIX: o dicionário AC. LISBOA. Logo, o sentido expresso por essa acepção, provavelmente, não é reconhecido pela maioria dos dicionaristas por não ser um sentido muito recorrente, em comparação com a gama de sentidos que a preposição pode apresentar. Não obstante, a acepção foi incluída no quadro anterior, por representar, como veremos no próximo capítulo, um protótipo distinto do protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

A acepção ‘durante’, como é possível observar no quadro, esteve presente no verbe representativo da semântica de *de* no latim clássico, latim vulgar e séculos XX e XXI. Apesar de não constar nos dicionários do século XIX, é provável que tal ausência não indique seu apagamento na semântica desse século, mas simplesmente alguma omissão indevida por parte de VIEIRA e MORAES (1813). Porém, somente apontamos ausência desta acepção no presente capítulo, sem nos determos nas possíveis razões que tenham motivado essa omissão.

Por fim, com relação às acepções referentes às circunstâncias nocionais estudadas, apresentamos o quadro a seguir.

**Quadro 62: As acepções de *de* relacionadas às circunstâncias nocionais nas sincronias estudadas.**

Acepção	Latim clássico	Latim vulgar	Século XIX	Século XX	Século XXI
A partir de (origem)	+	+	+	+	+
Aquilo que é parte	-	-	-	-	+
Assunto, objeto	+	+	+	+	+
Autoria, parentesco	-	-	-	+	+
Causa	+	+	+	+	+
Composição, formação	-	-	-	+	+
Conforme	+	+	-	+	+
Conseqüência	-	-	-	-	+
Conteúdo	-	+	+	+	+
Contra	+	+	-	-	-
Destino, finalidade, uso	-	-	+	+	+
Dimensão, valor, quantidade, medida, preço e forma	-	-	+	+	+
Disposição, tendência, propósito	-	-	+	+	+
Estado, condição, situação, postura	-	-	-	+	+
Idade, data, duração	-	-	+	+	+
Inclusão	-	-	-	-	+
Instrumento	+	+	+	+	+
Matéria	+	+	+	+	+
Meio	-	-	+	+	+
Modo	-	-	+	+	+
Partitivo	+	+	+	+	+
Posse	-	+	+	+	+
Produto de algo	-	-	-	-	+
Profissão	-	-	+	+	+
Qualidade, natureza, caráter, índole, vocação	-	-	+	+	+
Restrição	-	-	+	+	+
Supremacia, excelência	-	-	+	+	+

Algumas observações devem ser feitas em relação a esse movimento diacronia-sincronia no semanticismo da preposição *de*. Primeiramente, pode-se perceber que as acepções ‘partitivo’, ‘conforme’, ‘causa’, ‘assunto’, ‘contra’, ‘matéria’, ‘proveniência’ e ‘instrumento’ do latim clássico mantiveram-se no decorrer do tempo, com exceção de

somente uma acepção, qual seja, a acepção de ‘contra’. Essa acepção foi a única referente às circunstâncias nocionais que não consta nos verbetes da preposição *de* dos dicionários analisados.

Como vimos, a partir do latim vulgar, o número de preposições diminuiu, e suas funções aumentaram. Houve, portanto, uma ampliação dos sentidos de muitas preposições, especialmente a preposição *de*. Como o caso genitivo desapareceu, a preposição *de* passou a ser usada em seu lugar, para marcar a adjunção adnominal restritiva. Ela passou, portanto, a ser extremamente polissêmica. Porém, como nos dicionários etimológicos analisados somente foram explicitadas as acepções de ‘posse’ e ‘conteúdo’, somente essas são (juntamente com todas as acepções do latim clássico) consideradas acepções representativas dos diferentes sentidos de *de* no latim vulgar. Essas acepções de ‘posse’ e ‘conteúdo’ mantêm-se até o português hodierno.

Nos dicionários do século XIX, são explicitadas outras acepções representativas dos diferentes sentidos do genitivo (e dos sentidos deles derivados) que passaram a ser expressos pela preposição *de* e que se mantiveram no português do século XX e XXI, quais sejam: ‘meio’, ‘modo’, ‘restrição’, ‘qualidade, natureza, caráter, índole evocação’, ‘disposição, tendência, propósito’, ‘profissão, vocação’, ‘destino, finalidade, uso’, ‘idade, data, duração’, ‘dimensão, valor, quantidade, medida, preço e forma’, ‘supremacia, excelência’.

As acepções que somente aparecem no século XX e XXI, sob nosso ponto de vista, já eram usadas no século XIX, somente não foram descritas pelos dicionaristas. Afirmamos isso porque elas são originadas das antigas funções do genitivo que passaram a ser expressas pela preposição *de*, quais sejam, as acepções de ‘composição, formação’, ‘autoria’, ‘parentesco’ e ‘estado, condição, situação, postura’. O mesmo vale para as acepções que só foram descritas por dicionários do século XXI, de ‘consequência’ e ‘aquilo que é parte’.

Logo, as acepções consideradas como sincrônicas do século XXI, que serão analisadas a partir da Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada, são indicadas no quadro abaixo, em ordem alfabética.

**Quadro 63: Acepções sincrônicas que serão analisadas pela Teoria dos Protótipos Ampliada.**

Circunstância espacial	Circunstância temporal	Circunstância nocional
a partir de, origem localização	desde; durante; limite no tempo	a partir de (origem), proveniência; aquilo que é parte; assunto, objeto; autoria, parentesco; causa; composição, formação; conforme; conseqüência; conteúdo; destino, finalidade, uso; dimensão, valor, quantidade, medida, preço e forma; disposição, tendência, propósito; estado, condição, situação, postura; idade, data, duração; inclusão; instrumento; matéria; meio; modo; naturalidade; partitivo; posse; profissão; qualidade, natureza, caráter, índole, vocação; restrição; supremacia, excelência

O quadro acima reúne as acepções sincrônicas da preposição *de* que serão analisadas no próximo capítulo, a partir da Teoria Prototípica de Kleiber (1995).

Neste capítulo, objetivamos explicitar os traços prototípicos diacrônicos de *de*, analisando os verbetes dessa preposição em dicionários de latim clássico e dicionários etimológicos, para que fosse possível analisar quais acepções se mantiveram - ou se perderam - no português dos séculos XIX e XX. Na seção 4.2, realizamos a análise sincrônica dos verbetes da preposição, indicando o semanticismo de *de* apresentado por dicionários do século XXI, o que possibilitou, a partir das diferentes sincronias analisadas, propor um quadro representativo dos sentidos que desapareceram ou foram incorporados ao semanticismo da preposição. A partir, pois, das acepções consideradas sincrônicas da preposição, no próximo capítulo, analisaremos, baseados na Teoria dos Protótipos Ampliada de Kleiber, o semanticismo da preposição *de*.

## **5. ANÁLISE DA DERIVAÇÃO SEMÂNTICA DE *DE* SOB A ÓTICA DA TEORIA DOS PROTÓTIPOS AMPLIADA**

No presente capítulo, analisamos, a partir da Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada, o semanticismo da preposição *de*. Para tanto, retomamos algumas questões relativas à teoria que consideramos fundamentais para a presente análise.

A preposição *de* é, como vimos no capítulo referente à metodologia adotada na dissertação, um item relacional, que, em contexto de adjunção verbal ou nominal, é considerado plenamente significativo por apresentar uma semântica própria. Essa semântica própria da preposição está relacionada com “a localização de objetos, e sua inserção no ESPAÇO é um dos mecanismos básicos da construção de sentidos”, de acordo com Castilho (2003, p. 10). Dessa maneira, defendemos que a preposição *de* têm um significado locativo que é prototípico, nos termos da Teoria Ampliada. Após termos analisado o sentido de *de* em diferentes gramáticos e estudiosos da língua latina clássica, podemos observar que o sentido primeiro da preposição *de* era de MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO, e que, por um processo de generalização, iniciado no próprio latim clássico, passou a ser MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

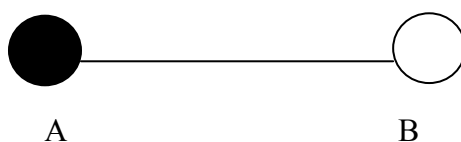
A preposição, a partir do desdobramento desse sentido prototípico primeiro, apresenta uma multiplicidade de sentidos, e, de acordo com as palavras que ela relaciona, alguns desses sentidos são atualizados, e outros são apagados. Justamente pela existência do fenômeno da polissemia na preposição *de*, defendemos que um único protótipo não é capaz de representar todos os possíveis sentidos que essa preposição apresenta. Logo, consideramos que o protótipo etimológico MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM é um possível protótipo, e não, necessariamente, o único. Pretendemos analisar em que medida os diferentes sentidos sincrônicos de *de* podem ser relacionados ao protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA

ORIGEM, e, nos casos em que não podemos fazer tal relação, pretendemos indicar um possível protótipo que seja representativo desses sentidos.

As acepções sincrônicas que são analisadas estão distribuídas em três seções: na seção 5.1, analisamos as acepções de *de* aplicadas ao campo espacial; na seção 5.2, ao campo temporal e, por fim, na seção 5.3, analisamos as acepções relacionadas ao campo nocional.

## 5.1 CAMPO ESPACIAL

Como vimos no capítulo anterior, em latim clássico, os sentidos explicitados pelas acepções relativas a circunstâncias espaciais que permaneceram no português hodierno foram de ‘a partir de, origem’. Tal acepção, exemplificada por *ele veio de Lisboa*, pode ser analisada a partir do protótipo proposto por estudiosos da semântica da preposição, qual seja, de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM. Sob nosso ponto de vista, o protótipo sugerido a seguir, baseado em Pottier (1968), representa otimamente os traços semânticos da preposição considerados mais significativos da mesma.



**Figura 5:** Representação do protótipo da acepção de ‘a partir de, origem’, relacionada às circunstâncias espaciais.

Podemos observar, na figura acima, que a ênfase na origem representada pelo círculo em preto, A, é mantida nesta acepção da preposição. Ou seja, de acordo com o exemplo, o fato de o sujeito da oração ter vindo de *Lisboa* demonstra que há um movimento expresso pelo verbo e uma ênfase no ponto de partida, qual seja, *Lisboa*.

Esse traço de movimento constante na acepção de ‘a partir de, origem’ sofreu um apagamento na acepção ‘localização’, exemplificada por *carnaval da Bahia*. A figura que representa os traços prototípicos das duas acepções é a mesma, porém, como dissemos, o traço de movimento característico da noção de ‘a partir de, origem’ foi

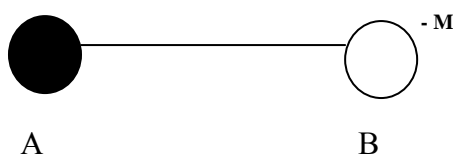
apagado. No exemplo *carneval da Bahia*, podemos observar a ênfase dada à localização desse *carneval*. Essa acepção, portanto, também pode ser representada através da seguinte figura, na qual o ponto B representa o *carneval* e o ponto A representa sua ‘localização’, qual seja, *Bahia*:



**Figura 6: Representação do protótipo da acepção de ‘localização’, relacionada às circunstâncias espaciais.**

Como mencionado, o sentido expresso pela acepção ‘localização’ não apresenta o traço de ‘movimento’. Esse uso da preposição veicula a idéia de relação entre dois elementos, quais sejam, *carneval* e *Bahia*, e por isso, passaremos a denominar esse protótipo de **RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM**.

Por um processo de derivação semântica, a acepção de ‘proveniência’ e ‘localização’ gerou a acepção de ‘naturalidade’, exemplificada por *sou de Portugal*. A figura que representa os traços prototípicos das acepções de ‘localização’ e ‘naturalidade’ é a mesma. No exemplo *sou de Portugal*, podemos observar a ênfase dada à relação do sujeito com sua origem, portanto o protótipo representativo desse sentido é de **RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM**. Logo, essa acepção também pode ser representada através da seguinte figura, na qual o ponto B representa o sujeito e o ponto A representa sua ‘naturalidade’, qual seja, *Portugal*:



**Figura 7: Representação do protótipo da acepção de ‘naturalidade’, relacionada às circunstâncias espaciais.**

## 5.2 CAMPO TEMPORAL

Em relação às acepções empregadas no campo temporal da preposição, indicamos que, já no século XIX, Soares Barbosa (1803:218-236), citado por Castilho (2003, p.20), afirmou que “toda a ação é um movimento ou real ou virtual, e todo o movimento tem um princípio donde parte, um meio por onde passa e um fim aonde ou

para onde se dirige”. Logo, um objeto se desloca no espaço e, ao fazê-lo, vai ocupando diferentes pontos na linha do tempo. Houve, segundo Poggio (2002, p.187), um processo de derivação semântica da idéia de afastamento espacial para de afastamento temporal. Said Ali (1921) afirma que a preposição *de* serve

[...] não somente para assinalar o ponto no espaço donde alguma coisa começa e se estende para outro ponto, mas também para marcar a época ou o instante desde quando algum conhecimento perdura. SAID ALI (1921, p.197).

Assim, analisamos as acepções temporais da preposição como decorrentes de um processo de derivação semântica das acepções mais concretas, relacionadas ao campo espacial.

As acepções relacionadas às circunstâncias temporais, que são, como vimos, um processo de abstratização da noção de movimento no espaço, analisadas a seguir serão as acepções sincrônicas de ‘desde’; ‘durante’ e ‘limite no tempo’.

A acepção ‘desde’ pode ser relacionada ao protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM no tempo, e é claramente a derivação semântica da acepção de ‘a partir de, origem’ relacionada às circunstâncias espaciais para circunstâncias temporais. A acepção ‘desde’ é exemplificada por *de adolescente sou apaixonada por ele* e a representação de tal acepção dar-se-á por meio da figura abaixo:



**Figura 8: Representação do protótipo da acepção de ‘desde’, relacionada às circunstâncias temporais.**

Ou seja, desde o ponto no tempo A, no exemplo dado é a fase adolescente do sujeito, até o ponto B, o momento presente, o sujeito está apaixonado. A ênfase dada na origem temporal do movimento também é expressa pela cor preta do círculo A.

Das acepções temporais indicadas nos dicionários de latim, a única que se manteve ainda atual é a de ‘durante’, exemplificada pela oração *tenho aula de manhã*. Segundo Said Ali (1921) essa acepção está relacionada com o “o instante desde quando



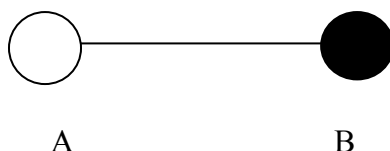
algum conhecimento perdura” (p.197), portanto o protótipo deixa de ser o de MOVIMENTO COM ÊNFASE A ORIGEM, pois a ênfase não é dada ao ponto de origem de determinado evento no tempo; antes, passou a ser a própria duração deste evento no tempo. O protótipo passa a ser o seguinte:



**Figura 9: Representação do protótipo da aceção de ‘duração’, relacionada às circunstâncias temporais.**

Em *tenho aula de manhã*, podemos representar a *manhã* como sendo limitada pelos pontos A e B, e a ênfase na reta da figura (indicada pelo grifo) representa a duração do próprio movimento no tempo.

Por fim, a última aceção de ‘limite no tempo’, exemplificada por *estamos ainda a dois meses de janeiro*, também apresenta um protótipo diferente daquele de MOVIMENTO COM ÊNFASE A ORIGEM. O protótipo passa a ser de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM, representado pela figura a seguir:



**Figura 10: Representação do protótipo da aceção de ‘limite no tempo’, relacionada às circunstâncias temporais.**

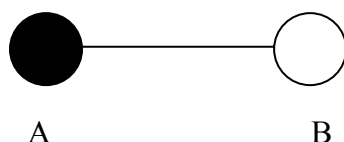
Assim, pela oração *estamos ainda a dois meses de janeiro*, podemos afirmar que o ponto A representa o momento presente da oração, indicado na frase pela forma verbal *estamos*, a reta representa o tempo que falta para *janeiro*, que é, por sua vez, representado pelo ponto B.

### 5.3 CAMPO NOCIONAL

As circunstâncias nocionais que analisaremos abaixo seguirão a seguinte ordem: indicaremos primeiramente aquelas aceções que foram apresentadas pelos dicionários

de latim, e depois pretendemos, a partir da noção de semelhança de família dos protótipos, propor uma derivação possível entre as diferentes acepções.

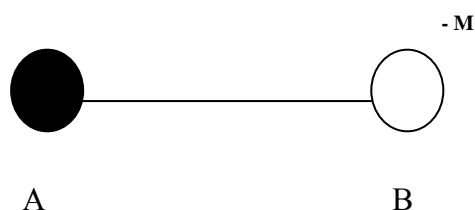
O sentido que vamos descrever, constante em FERREIRA, e ainda atual no português hodierno, é representado pela acepção de ‘a partir de (origem), proveniência’, exemplificada por *voz de moça*. Essa acepção pode ser prototipicamente representada por



**Figura 11: Representação do protótipo da acepção de ‘a partir de (origem), proveniência’, relacionada às circunstâncias nocionais.**

Na figura acima, o círculo A representa *moça* e o círculo B representa *voz*. Pode-se perceber a ênfase dada à origem da *voz*, à sua proveniência por meio da cor preta do círculo A. Portanto, tal acepção é representativa do protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM aplicada ao campo nocional.

Outra das acepções apresentadas pelo dicionário de latim, FERREIRA, que se mantém no português atual diz respeito ao sentido partitivo da preposição. Afirmamos que o sentido partitivo da preposição pode ser ilustrado pela figura abaixo.



**Figura 12: Representação do protótipo da noção de ‘partitivo’, relacionada às circunstâncias nocionais.**

De um conjunto de elementos, A, selecionam-se alguns de seus integrantes, ou seja, uma parte desse grupo, e cria-se um novo grupo, B, com esses elementos selecionados. A preposição *de* marca o conjunto de origem dos elementos que foram selecionados para fazer parte do grupo B, o que justifica a ênfase dada ao círculo A no sentido partitivo, e denominamos o protótipo representativo desse sentido RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM. No exemplo apresentado na acepção latina partitiva em

FERREIRA, *aliquis de nostris hominibus*, poderíamos imaginar que o grupo A original é “nossos compatriotas”, e o grupo B, que é formado de uma parte tomada do todo, seria composto por “alguém”.

Em português podemos exemplificar tal acepção pela oração *três dos oito que eram*, pois é possível imaginar que o círculo A representa os oito integrantes de um grupo, e o B, a seleção de três desses oito integrantes. Ou seja, houve um processo de seleção com ênfase no conjunto do qual determinados elementos foram selecionados.

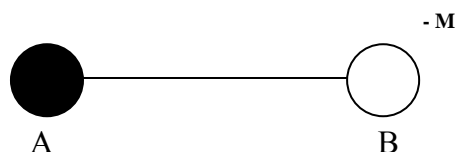
Por meio de um processo de derivação semântica, os sentidos expressos pela acepção de ‘superioridade, primazia’, exemplificada por *o mais bonito de todos* e *Deus dos Deuses*, respectivamente, podem ser representados pela figura abaixo.



**Figura 13: Representação do protótipo da noção de ‘superioridade, primazia’, relacionada às circunstâncias nocionais.**

Podemos pensar que o ponto A compreende o grupo das pessoas, ou o grupo dos deuses, de acordo com o exemplo em análise. De A, alguns selecionados que possuem características especiais representarão esse grupo, expresso pelo grupo B. Portanto, o protótipo representativo da acepção de ‘superioridade, primazia’ também é o de **RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM**.

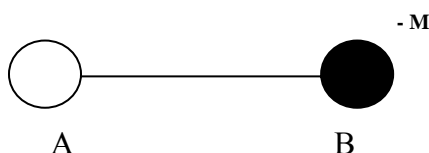
Passando à análise da acepção latina ‘segundo, conformemente a, por’, baseados nas análises de Said Ali (1921), defendemos que, a partir do sentido mais antigo ‘lugar de onde’, originou-se o sentido de ‘causa’, indicado na acepção de FERREIRA ‘segundo, conformemente a, por’. De acordo com Said Ali (1921), a busca pela causa de determinada ação é um “processo que, projetado no espaço, equivale a remontar ao lugar donde alguma coisa toma origem e tem seguimento.” (p.194). De acordo com o autor, a causa de uma ação não é necessariamente extrínseca, “pode residir no indivíduo de que se fala, ser uma qualidade, estado ou atributo próprio dele” (p. 194) A acepção de ‘causa’ pode ser exemplificada por *estou morta de fome*.



**Figura 14:** Representação do protótipo da acepção de ‘causa’, relacionada às circunstâncias nocionais.

Poderíamos afirmar que o círculo B expressa o fato da pessoa *estar morta* e o círculo A o fato que originou a situação B. Ou seja, a origem ou causa de determinada ação está sendo enfatizada na acepção de ‘causa’, o que justifica o protótipo de **RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM** proposto acima, na figura 14.

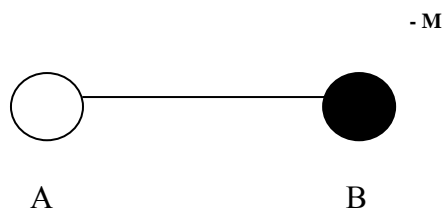
O inverso acontece com a acepção de ‘finalidade’, exemplificada por *creme de barbear*, em que a ênfase dada não é à origem causadora de um evento ou objeto, mas sim ao seu fim. Logo, a figura representativa do protótipo de **RELAÇÃO COM ÊNFASE NO FIM** passa a ser a seguinte:



**Figura 15:** Representação do protótipo das acepções de ‘finalidade’, relacionadas às circunstâncias nocionais.

Assim, observamos que, em *creme de barbear*, a preposição *de* pode ser representada através da noção de ênfase na finalidade, pois a ênfase dada não é ao círculo A, que representa *creme*, mas ao círculo B, que representa *barbear*.

Na acepção de ‘conseqüência’, também podemos nos valer do mesmo protótipo da figura 15 relativo à acepção de ‘finalidade’, exemplificada por *filme de arrepiar*, qual seja, **RELAÇÃO COM ÊNFASE NO FIM**. A figura representativa deste protótipo seria, portanto, a seguinte:



**Figura 16:** Representação do protótipo da acepção de ‘conseqüência’, relacionada às circunstâncias nocionais.

Ou seja, no exemplo *filme de arrepiar*, a ênfase dada é ao ponto B, representativo de *arrepiar*, e não ao ponto A, representativo de *filme*.

Observamos, nos sentidos de ‘causa’, ‘conseqüência’ e ‘finalidade’, que a preposição enfatiza a importância da relação entre os pontos A e B. Afinal, a noção de ‘causa’ diz respeito ao ponto A em relação ao ponto B; as noções de ‘conseqüência’ e ‘finalidade’ dizem respeito ao B em relação ao ponto A; e a noção de ‘modo’, ‘meio’, ‘instrumento’ relaciona-se à ligação entre o ponto A e o ponto B, como veremos a seguir.

A acepção de ‘meio’ desdobra-se em diversas acepções mais específicas, como são as acepções de ‘instrumento’ e ‘matéria’. Esta última se relaciona com a noção de ‘conteúdo’ e essa acepção, por sua vez, está relacionada com acepção de ‘composição’, como veremos a seguir.

A acepção de ‘meio’ pode ser representada pelo exemplo *veio de trem*, através da seguinte figura representativa do protótipo:



**Figura 17: Representação do protótipo da acepção de ‘meio’, relacionada às circunstâncias nocionais.**

Dá-se ênfase, nesta figura, à reta que liga os círculos A e B, ou seja, o modo pelo qual houve o movimento de A até B, no caso, a ênfase é dada no meio de transporte da vinda do sujeito da oração, qual seja, o *trem*. Portanto, o protótipo sugerido para o sentido expresso pela acepção é de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MEIO.

A acepção de ‘instrumento’, exemplificada por *surra de vassoura*, é relacionada a esse protótipo de RELAÇÃO COM ÊNFASE NO MEIO. Essa acepção é de origem latina, como podemos observar no capítulo anterior na seção relativa à análise do verbete de *de* em FERREIRA. A figura representativa de tal acepção é, portanto, a seguinte:



**Figura 18:** Representação do protótipo da acepção de ‘instrumento’, relacionada às circunstâncias nocionais.

A acepção de ‘matéria’, também de origem latina, exemplificada por *vaso de ouro*, é relacionada, por sua vez, à noção de ‘instrumento’, pois podemos pensar no fato de que a ‘matéria’ foi o ‘instrumento’ que permitiu a fabricação do *vaso*. Porém, sob nossa perspectiva, tal acepção não é representada pelo protótipo de RELAÇÃO COM ÊNFASE NO MEIO, mas sim pelo protótipo de RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM, que é representada pela figura abaixo:



**Figura 19:** Representação do protótipo da acepção de ‘matéria’, relacionada às circunstâncias nocionais.

O ponto B representa o *vaso* e o ponto A representa a matéria que lhe serviu de origem, logo a ênfase passa a ser dada à origem.

A acepção de ‘conteúdo’, exemplificada por *copo d’água*, está relacionada à acepção de ‘matéria’ latina, como veremos a seguir. Assim, o protótipo desse sentido é o de RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM, que é representado pela seguinte figura:



**Figura 20:** Representação do protótipo das acepções de ‘conteúdo’ e ‘composição’ relacionada às circunstâncias nocionais.

Na figura acima, o ponto A representa a *água*, e o ponto B representa o recipiente no qual a água está armazenada, e tal acepção está vinculada a uma idéia de extração, pois se retirou do ponto A, representativo da *água* uma quantidade “X” que será vertida sobre um *copo*, ponto B, a mesma linha de raciocínio usada para a descrição do semanticismo expresso pela acepção de ‘matéria’. Porém, ao contrário do observado

em ‘matéria’, o círculo A não fornece a matéria que servirá de instrumento para a construção do *copo*, mas sim fornecerá a matéria que servirá de conteúdo do copo. Essa mesma figura é representativa da acepção de ‘composição’, exemplificada por *campo de trigo*.

Da mesma forma que a acepção ‘meio’ é representada pela ênfase na reta que relaciona os pontos A e B, a acepção de ‘modo’, exemplificada por *vou entrar de mansinho*, também enfatiza essa reta. Porém, como o exemplo *vou entrar de mansinho* apresenta o traço de movimento presente na forma verbal *vou*, o protótipo passa a ser de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MODO. A figura representativa desse protótipo de é a seguinte:



**Figura 21: Representação do protótipo da acepção de ‘modo’, relacionada às circunstâncias nocionais.**

A acepção ‘disposição’, exemplificada por *estou de boa vontade*, também pode ser representada pela figura acima, porém deve ser acrescido o traço  $-M$ , representativo do protótipo de RELAÇÃO ENTRE DOIS ELEMENTOS COM ÊNFASE NO MEIO. Afinal, em *estou de boa vontade*, a preposição *de* marca o modo de determinada situação, expressa pela forma verbal *estou*. Tal protótipo também se aplica às acepções de ‘estado, condição, situação, postura’, exemplificadas por *estar de dieta*, *estar de luto*, *estar de braços*, pois, analogamente à acepção de ‘disposição’, a preposição enfatiza o modo.

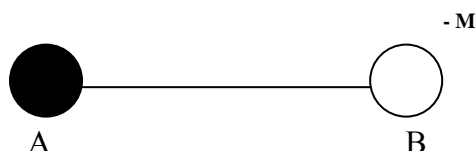
A acepção de ‘tenção’, exemplificada por *homem de luta* e ‘vocação e profissão’, exemplificada por *homem do mar*, podem ser representadas por meio da seguinte figura, representativa do protótipo de RELAÇÃO COM ÊNFASE NO FIM:



**Figura 22: Representação do protótipo das acepções de ‘tenção’, ‘vocação e profissão’, relacionadas às circunstâncias nocionais.**

Na figura acima, o círculo A representa o *homem*, e o círculo B representa *luta e mar*. O protótipo acima indica que a preposição *de* veicula a noção de predisposição do homem em questão, de objetivos e finalidades, quais sejam, *lutar e trabalhar no mar*.

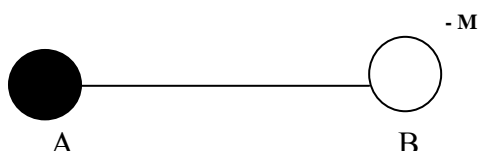
Defendemos que existem algumas acepções que são relacionadas a uma idéia de restrição abstrata, quais sejam, as acepções de ‘posse’, de ‘autoria’, ‘parentesco’, ‘qualidade, natureza, caráter’, e ‘daquilo que é parte’, exemplificadas, respectivamente, por *palácio do rei*, *Lusíadas de Camões*, *filho de João*, *homem de talento* ou *homem de grande nariz* e *maçaneta da porta*. Essas acepções relacionadas à noção de restrição abstrata podem ser representadas pelo protótipo de RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM, expresso pela seguinte figura:



**Figura 23:** Representação do protótipo das acepções de ‘posse’, ‘autoria’, ‘parentesco’, ‘qualidade, natureza, caráter’ e ‘daquilo que é parte’, relacionadas às circunstâncias nocionais.

Podemos afirmar que, nos exemplos acima, o círculo A representa *rei*, *Camões*, *João* e *talento* ou *grande nariz* e *porta*, ou seja, a origem ou o possuidor do elemento representado pelo círculo B, quais sejam *palácio*, *Lusíadas*, *filho*, *homem* e *maçaneta*.

As acepções relacionadas a uma noção de restrição mais concreta, por serem mensuráveis, são as seguintes, já indicadas com sua exemplificação: ‘medida’, *uma montanha de 2000 metros*; ‘duração’, *guerra de trinta anos*; ‘data’, *pão de ontem*; ‘idade’, *homem de trinta anos*; ‘perspectiva’, *retrato de perfil*; ‘forma’, *chapéu de três pontas*, ‘peso’, *homem de trinta quilos* e ‘valor’, *livro de cem reais*. A figura representativa do protótipo de RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM de tais acepções seria a seguinte:



**Figura 24:** Representação do protótipo das acepções de ‘medida’, ‘duração’, ‘data’, ‘idade’, ‘perspectiva’, ‘forma’, ‘peso’ e ‘valor’, relacionadas às circunstâncias nocionais.



Nessas acepções, da mesma forma que analisado anteriormente, percebemos que há uma relação de posse ou origem estabelecida entre os dois elementos, e justamente esse traço de ‘origem’ é veiculado pela preposição *de*.

Em referência ao uso metafórico de *de* em latim clássico quanto às acepções ‘relativamente a’, ‘a respeito de’ e ‘sobre’, Said Ali (1921) afirma que no próprio latim clássico houve, nestes sentidos, um distanciamento do sentido etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM da preposição, indicando que, provavelmente, não seja este o protótipo da acepção de ‘assunto’. Segundo o autor, “compete a latinistas examinar como se operou a transição para esta aplicação secundária” (p. 193). Poggio (2002, p. 183) cita Gaffiot (1934) ao apontar que houve um processo de diferenciação da noção de afastamento e procedência em ‘a propósito de’ e ‘sobre’.

Vamos adotar no presente trabalho que a figura representativa para o protótipo de ‘assunto’, exemplificado por *livro de viagens*, seja a seguinte:



**Figura 25: Representação do protótipo da acepção de ‘assunto e objeto’, relacionada às circunstâncias nocionais.**

O círculo A representaria *livro* e o círculo B *viagens*. Defendemos que a finalidade, o objetivo de tal livro representado por A, é tratar do tema *viagens*, logo, o protótipo representativo do sentido expresso pela acepção de ‘assunto e objeto’ é de RELAÇÃO COM ÊNFASE NO FIM.

A partir da análise realizada nesta seção, podemos afirmar que o protótipo etimológico de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM não é representativo dos diversos sentidos que a preposição *de* apresenta. Baseados na idéia de a preposição *de* apresenta vários sentidos, e que esses sentidos são atualizados de acordo com o contexto de ocorrência da preposição, podemos verificar que, dependendo do exemplo em análise, o protótipo passa a ser de MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM, MOVIMENTO COM ÊNFASE NO PERCURSO; já quando o traço de movimento é

apagado, a preposição passa a ser representada pelos protótipos de **RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM**, **RELAÇÃO COM ÊNFASE NO MEIO** ou **MODO** e **RELAÇÃO COM ÊNFASE NO FIM**.

Após termos analisado, a partir da semântica dos protótipos em sua versão Ampliada, os diferentes sentidos de *de* expressos pelas acepções catalogadas nos dicionários analisados, passemos à seção que apresenta uma proposta de organização da informação etimológica para textos lexicográficos.

### **5.5 PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO ETIMOLÓGICA DE *DE* PARA TEXTOS LEXICOGRÁFICOS**

A partir das análises realizadas anteriormente, apresentamos os seguintes resultados referentes ao objetivo que nos propomos no início do trabalho: contribuir com a organização da informação etimológica em textos lexicográficos.

Essa proposta de organização é estruturada a partir da noção de que a preposição é um item de função relacional, e essa deve ser a primeira informação apresentada em um verbete dicionarístico que se proponha a sistematizar a informação etimológica, quer em dicionários etimológicos ou dicionários monolíngues com campo etimológico. Como em nossa análise, indicamos as acepções que foram catalogadas como existentes na sincronia do século XXI. Essas acepções foram relacionadas de acordo com o campo – espacial, temporal e nocional – ao qual a base semântica foi aplicada. A ordenação dessas acepções foi estabelecida a partir da análise do semanticismo da preposição *de* pela Teoria dos Protótipos de Kleiber, em sua versão Ampliada, o que permitirá que o consulente possa observar o processo metafórico de derivação semântica sofrida pela preposição.

Vejamos, abaixo, nossa proposta de organização da informação lexicográfica para a preposição *de*.

**De.** prep. Item relacional que indica, etimologicamente, MOVIMENTO DE CIMA PARA BAIXO e, por um processo de generalização, MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

**Valores espaciais:** MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 1.1. Origem, a partir de. *Ele veio de Lisboa.*

RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 1.2. Localização. *Carnaval da Bahia.*

RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 1.3. Naturalidade. *Sou de Portugal.*

**Valores temporais:** MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 2.1. Desde. *De adolescente sou apaixonada por ele.*

MOVIMENTO COM ÊNFASE NO PERCURSO: 2.2. Durante. *Tenho aula de manhã.*

MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM: 2.3. Limite no tempo. *Estamos a 2 meses de janeiro.*

**Valores nocionais:** MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 3.1. A partir de, proveniência. *Voz de moça.*

RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 3.2. Partitivo. *Três dos oito que eram.* 3.2.1. Primazia. *Deus dos Deuses.*

RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 3.3.1 Causa. *Estou morta de fome.*

RELAÇÃO COM ÊNFASE NO FIM: 3.3.2. Finalidade. *Creme de barbear.*

RELAÇÃO COM ÊNFASE NO FIM: 3.3.3. Conseqüência. *Filme de arrepiar.*

<p>MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MEIO: 3.3.4.1. Meio. <i>Veio de trem.</i></p> <p>RELAÇÃO COM ÊNFASE NO MEIO: 3.3.4.2. Instrumento. <i>Surra de vassoura.</i></p> <p>RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 3.3.5.1. Matéria. <i>Vaso de ouro.</i> 3.3.5.2. Conteúdo. <i>Copo d'água.</i> 3.3.5.3. Composição. <i>Campo de trigo.</i></p> <p>MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MODO. 3.3.6.1. Modo. <i>Vou entrar de mansinho.</i></p> <p>RELAÇÃO COM ÊNFASE NO MODO. 3.3.6.2. Estado, condição, situação, postura. <i>Estar de dieta, estar de luto, estar de braços.</i> 3.3.6.3. Disposição. <i>Estou de boa vontade</i></p> <p>RELAÇÃO COM ÊNFASE NO FIM: 3.3.7.1. Tenção. <i>Homem de luta.</i> 3.3.7.2. Vocação. <i>Homem do mar.</i> 3.3.7.3 Assunto, objeto. <i>Livro de viagens.</i></p> <p>RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 3.4.1. Medida. <i>Uma montanha de 2000 metros.</i> 3.4.2. Perspectiva. <i>Retrato de perfil.</i> 3.4.3. Forma. <i>Chapéu de três pontas.</i> 3.4.4. Peso. <i>Homem de trinta quilos.</i> 3.4.5. Valor. <i>Livro de cem reais.</i> 3.4.6. Duração. <i>Guerra de trinta anos.</i> 3.4.7. Data. <i>Pão de ontem.</i> 3.4.8. Idade. <i>Homem de trinta anos.</i></p> <p>RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM: 3.5.1. Posse. <i>Palácio do rei.</i> 3.5.2. Autoria. <i>Lusíadas de Camões.</i> 3.5.3. Parentesco. <i>Filho de João.</i> 3.5.4. Qualidade, natureza, caráter. <i>Homem de talento. Homem de grande nariz.</i> 3.5.5. Parte do todo. <i>Maçaneta da porta.</i></p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Os quadros anteriores estão estruturados da seguinte maneira: primeiramente consta a informação acerca da aplicação das acepções nos campos espacial, temporal ou nocional. Logo depois, indicamos os protótipos dos diferentes sentidos representados pelas acepções, e, por fim, apresentamos exemplos, para evidenciar o contexto de ocorrência desses diferentes sentidos.

Informações referentes à sintaxe e à morfologia da preposição não foram fornecidas, bem como particularidades gramaticais, pragmáticas, referências a prefixos, homônimas, sinônimas, possibilidades de contrações, etc. por não serem o foco dessa pesquisa. Enfatizamos a relevância de se considerar a informação sintática na redação final do verbete, ainda mais porque a preposição é um item de função relacional, porém acreditamos que esse item possui uma semântica primeira, e é justamente esse sentido primeiro que é o objeto de nossa pesquisa.

Pretendemos, ao apresentar essa proposta de organização da informação da preposição *de*; contribuir não somente para o desenvolvimento dos estudos metalexográficos, mas fomentar a discussão sobre o semanticismo da preposição *de* sob o viés da Teoria da Semântica dos Protótipos de Kleiber.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve o objetivo de analisar o semanticismo da preposição *de*, sob a ótica da Teoria dos Protótipos Ampliada (1995), com o intuito de contribuir para a sistematização e organização da estrutura do verbete desta palavra gramatical em textos lexicográficos.

Dessa maneira, no Capítulo 1, ressaltamos a importância dos estudos metalexográficos, baseados em teorias lexicais, para a produção lexicográfica. Apresentamos algumas características dos principais tipos de dicionários para que fosse possível determo-nos especificamente nos aspectos referentes aos dicionários etimológicos.

Para justificar a afirmação apresentada no Capítulo 1, de que é possível estruturar as acepções de um verbete a partir da derivação semântica da palavra entrada, foi necessário recorrermos a uma teoria lexicológica. Como vimos no capítulo 2, a teoria selecionada foi a Teoria dos Protótipos de Kleiber, em sua versão Ampliada, pois ela afirma que os sentidos das palavras se estruturam a partir de traços típicos, reconhecíveis pelos falantes, que formam o protótipo de determinada categoria. Porém, palavras polissêmicas como a preposição *de*, estabelecendo relações semânticas em adjuntos, tanto adverbiais como adnominais, em função predicativa e em locuções prepositivas indicativas de circunstâncias (funções sintática em que consideramos a semântica dessa preposição como plenamente significativa) não apresentam somente um protótipo, mas vários. Analisamos o processo de derivação semântica dos diversos sentidos da preposição *de* a partir desses traços prototípicos da preposição.

No capítulo 3, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa. Em especial, assumimos que duas análises eram necessárias para se apresentar

o semanticismo da preposição, considerando-se a hipótese deste trabalho: uma análise diacrônica e uma sincrônica.

No Capítulo 4, referente à análise das perspectivas diacrônica e sincrônica dos sentidos da preposição *de*, analisamos diferentes sincronias da preposição *de*, e pudemos explicitar os traços semânticos primeiros de *de* no latim clássico e no latim vulgar e depois analisamos os verbetes desta preposição em dicionários dos séculos XIX, XX e XXI, em uma tentativa de perceber eventuais alterações sofridas pela preposição durante esses quase vinte séculos indicadas pelos verbetes dos dicionários.

Resumidamente, observamos que, em relação às acepções aplicadas ao campo espacial, a acepção oriunda do latim clássico ‘de cima de’ sofreu um apagamento, e as acepções de ‘a partir de, origem’ mantiveram-se desde o latim clássico até o português atual.

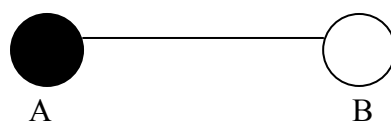
No que se refere às acepções aplicadas ao campo temporal, foi verificado que a acepção ‘depois, logo’ sofreu um processo de apagamento, a acepção ‘durante’ se manteve, e as acepções ‘desde’ e ‘limite no tempo’ representam sentidos que não faziam parte do semanticismo da preposição *de* no latim clássico.

Com relação às acepções referentes às circunstâncias nocionais, observamos que as acepções latinas ‘partitivo’, ‘conforme’, ‘causa’, ‘assunto’, ‘matéria’, ‘proveniência’ e ‘instrumento’ mantiveram-se no português dos séculos XIX, XX e XXI. Já a acepção oriunda do latim clássico, ‘contra’, sofreu um apagamento, não constando nos verbetes da preposição *de* dos dicionários analisados. Vimos que, a partir do latim vulgar, houve uma ampliação dos sentidos da preposição *de*, pois ela passou a desempenhar as antigas funções do genitivo, marcando a adjunção adnominal restritiva. Os dicionários etimológicos consultados somente apresentaram ‘posse’ e ‘conteúdo’ como exemplos de acepções que indicavam esse fenômeno de ampliação semântica. Porém, a partir dos dicionários do século XIX consultados, muitas novas acepções foram apresentadas como representativas dos sentidos de *de*, quais sejam, ‘meio’, ‘modo’, ‘restrição’, ‘qualidade, natureza, caráter, índole e vocação’, ‘disposição, tendência, propósito’, ‘profissão’, ‘destino, finalidade, uso’, ‘idade, data, duração’, ‘dimensão, valor, quantidade, medida, preço e forma’, ‘supremacia, excelência’,

‘composição, formação’, ‘autoria’, ‘parentesco’, ‘estado, condição, situação, postura’, ‘consequência’ e ‘aquilo que é parte’.

Dessa maneira, tivemos um panorama das acepções sincrônicas de *de* no português atual, e um percurso dessas acepções através do tempo.

As acepções sincrônicas foram analisadas a partir da Teoria dos Protótipos em sua versão Ampliada. Partindo dos estudos de Pottier (1968, 1978), Câmara Júnior (1975), Poggio (2002) e Castilho (2003), admitimos que o protótipo etimológico da preposição *de* é o de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, expresso pela figura abaixo, na qual a ênfase dada à origem está representada pelo preenchimento do círculo A:



**Figura 26: Representação do protótipo etimológico da preposição *de*.**

Esse protótipo é considerado por nós como um dos protótipos principais da preposição, pois ele representa o sentido da acepção primeira de *de*, depois da fusão das preposições *ab* e *ex*, de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM no campo espacial, o campo mais básico de aplicação das preposições.

Porém, justamente pela polissemia da preposição e amparados na Teoria dos Protótipos Ampliada, trabalhamos com outros protótipos. Neles a ênfase pode se dar no ponto B, ou seja, no fim do movimento, ou na reta que liga os pontos A e B. Esses protótipos de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, MOVIMENTO COM ÊNFASE NA MEIO ou MODO e MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM atualizam o traço de movimento. Da mesma maneira que o traço ‘ênfase na origem’ é passível de ser apagado em determinados contextos, o traço de movimento também o é. Indicamos o apagamento do traço de movimento pelo termo ‘relação’. Assim, no protótipo de RELAÇÃO, afirmamos que alguns traços podem ser atualizados em detrimento de outros, ou seja, a ênfase pode ser dada tanto à ‘origem’, ao ‘modo ou meio’ e ao ‘fim’ de determinada relação. Justificamos o fato de adotarmos as mesmas figuras para os protótipos de MOVIMENTO e RELAÇÃO pelo fato de que a reta que liga os pontos A

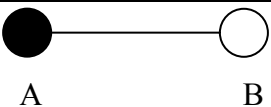
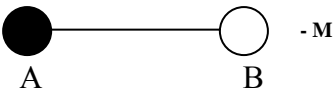


e B pode tanto expressar o percurso de determinado movimento quanto representar simplesmente a relação entre dois objetos, eventos ou situações.

Logo, a partir da análise das diferentes acepções apresentadas, reconhecíveis para falantes do século XXI, consideramos se o protótipo MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM poderia ser observado nos diferentes sentidos de *de*, *e*, caso contrário, qual seria um possível protótipo para os sentidos que a preposição vincula nos dias de hoje.

Assim, analisamos as seguintes acepções sincrônicas da preposição como possuidoras dos seguintes protótipos relacionadas às circunstâncias espaciais:

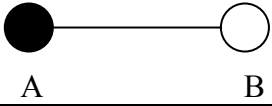
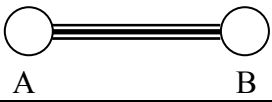
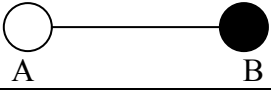
**Quadro 64: Síntese das acepções sincrônicas em ordem alfabética relacionadas às circunstâncias espaciais e seu protótipo**

Circunstância espacial	Protótipo
A partir de, origem	
Localização, naturalidade	

Na presente análise, consideramos que as acepções ‘a partir de, origem’ e ‘localização, naturalidade’ são aplicadas ao campo espacial e representadas, respectivamente, pelo protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM e RELAÇÃO COM ÊNFASE NA ORIGEM.

Quanto às acepções relacionadas às circunstâncias temporais, os seguintes protótipos foram propostos.

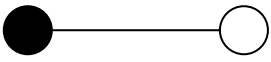
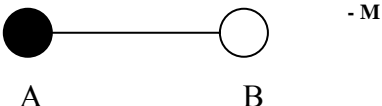
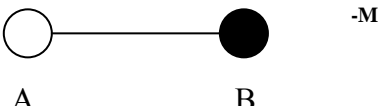
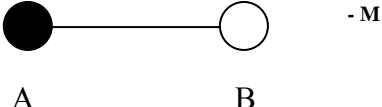
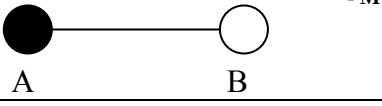
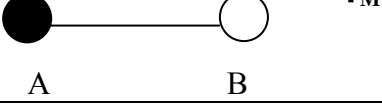
**Quadro 65: Síntese das acepções sincrônicas em ordem alfabética relacionadas às circunstâncias temporais e seu protótipo.**

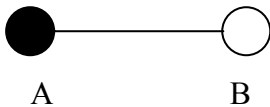
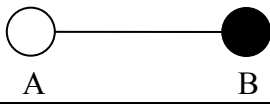
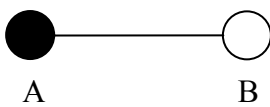
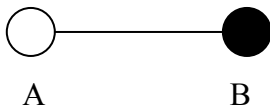

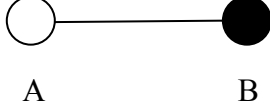

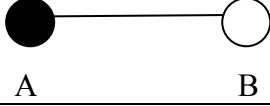
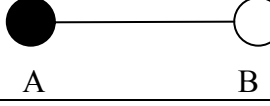
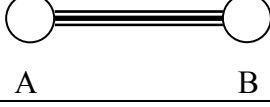
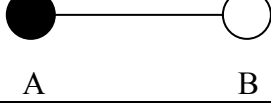
Circunstância temporal	Protótipo
Desde	
Durante	
Limite no tempo	



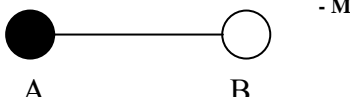
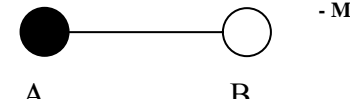
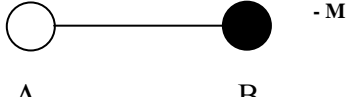
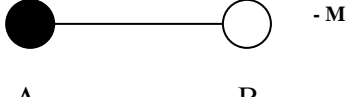
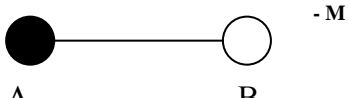
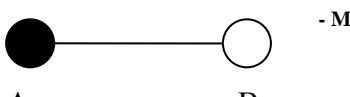
Os protótipos relacionados ao campo temporal de aplicação da preposição *de* são caracterizados por apresentarem o traço de movimento atualizado. Cada um dos sentidos representados pelas três acepções indicadas são oriundos da atualização de um traço distinto no protótipo. Assim, as acepções ‘desde’, ‘durante’ e ‘limite no tempo’ são representadas, respectivamente, pelos protótipos de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM, MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MEIO ou MODO e MOVIMENTO COM ÊNFASE NO FIM.

Por fim, em relação às acepções referentes às circunstâncias nocionais, o quadro a seguir sintetiza os protótipos propostos.

**Quadro 66: Síntese das acepções sincrônicas em ordem alfabética relacionadas às circunstâncias nocionais e seu protótipo.**

Circunstância nocional	Protótipo
A partir de (origem), proveniência, localização, naturalidade	 A B
Aquilo que é parte	 A B -M
Assunto, objeto	 A B -M
Autoria, parentesco	 A B -M
Causa	 A B -M
Composição, formação	 A B -M

Circunstância nocional (continuação)	Protótipo (continuação)
Conforme	 <span style="float: right;">- M</span>
Conseqüência	 <span style="float: right;">- M</span>
Conteúdo	 <span style="float: right;">- M</span>
Destino, finalidade, uso	 <span style="float: right;">- M</span>
Dimensão, valor, quantidade, medida, preço e forma	 <span style="float: right;">- M</span>
Disposição, tendência, propósito	 <span style="float: right;">- M</span>
Estado, condição, situação, postura	 <span style="float: right;">- M</span>
Idade, data, duração	 <span style="float: right;">- M</span>
Inclusão	 <span style="float: right;">- M</span>
Instrumento	 <span style="float: right;">- M</span>
Matéria	 <span style="float: right;">- M</span>

Circunstância nocional (continuação)	Protótipo (continuação)
Meio	
Modo	
Partitivo	
Posse	
Profissão, tenção, vocação	
Qualidade, natureza, caráter	
Restrição	
Supremacia, excelência	

No quadro anterior, podemos observar que, com exceção das acepções ‘partir de (origem), proveniência’ e ‘meio’ ou ‘modo’ que são representadas, respectivamente, pelo protótipo de MOVIMENTO COM ÊNFASE NA ORIGEM e MOVIMENTO COM ÊNFASE NO MEIO ou MODO no campo nocional, o restante das acepções são exemplos de aplicação do protótipo de RELAÇÃO ENTRE DOIS ELEMENTOS. Pelo fato de a preposição *de* ter substituído o genitivo latino a partir do latim vulgar, ela passou a desempenhar a função de adjunto adnominal do antigo genitivo, que é, na realidade, indicativa da RELAÇÃO ENTRE DOIS ELEMENTOS.

No decorrer do capítulo referente à análise de dados, apontamos o possível processo de derivação semântica das diferentes acepções da preposição, culminando na proposta de organização da informação lexicográfica que trata dos sentidos da preposição *de*.

Por fim, esta pesquisa pretendeu contribuir não somente para o desenvolvimento dos estudos metalexiconográficos, mas fomentar a discussão sobre o semanticismo da preposição *de* sob o viés da Teoria Prototípica Ampliada de Kleiber.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina*. 29ª ed., 4ª tiragem. São Paulo: Saraiva, 2004.

BARBISAN, Leci B. As relações paradigmáticas de sinonímia e as relações sintagmáticas no dicionário de língua. In: *Letras de Hoje*, n. 41, Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1980.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão de língua. In: *Alfa*, 28 supl, São Paulo, 1984. (27-43).

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUIERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça (Org). *As ciências do léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia, volume II*. Campo Grande, MS: UFMS, v.2, 2004. p.185-200.

BORGES, Carla Elsuí. *De inusitatis praepositionibus: um estudo das preposições essenciais em textos lexicográficos*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. (Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Lingüística, Instituto de Letras, 2005.) 205p.

BOULANGER, Jean Claude. Convergências e divergências entre a lexicografia e a terminografia. (Artigo traduzido por Alda Backes e revisado por Patrícia Ramos). In: Lima, Marília e Ramos Patrícia (Org). *Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil*. Porto Alegre: NEC, 2001.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975. 258 p.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3. edição. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CASTILHO, Ataliba. Análise multissistêmica das preposições no eixo transversal no português brasileiro: espaço /anterior/ - /posterior/. Para publicação em RAMOS, Jânia e ALCKMI, Mônica (Orgs.2003). *Para a história do português brasileiro*, vol. VI. Disponível no site [http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/ATCastilho\\_preposicoes.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/ATCastilho_preposicoes.pdf) em 5/05/2007.

CASTILHO, Ataliba T. de. Diacronia das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In: NEGRI, L; FOLTRAN, J.; OLIVEIRA, R. DE P. (Org.). *Sentido e Significação : em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. P. 11- 47.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6ª edição, revista (2ª. reimpressão). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica , 1970.

CUNHA, Celso, CINTRA, Luis. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1985.

DUBOIS, Jean et alli. *Dicionário de lingüística*.8. reed. São Paulo: Cultrix, 2001.

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958. 524 p.

FONSECA, Fernando V de Peixoto da. *Noções de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1944.

HILFERTY, Joseph. *Semántica lingüística y cognición*. In: *Verba* 20, Barcelona, 1993 (29-44).

KLEIBER, Georges. *La Semántica de los protótipos. Categoría y sentido léxico*. España: Visor Libros, 1995.

KRIEGER, Maria da Graça. Alguns problemas da definição lexicográfica. In: *Letras de Hoje*, n. 54, PUCRS, dezembro de 1983. (64-80)

LARA, Luis Fernando. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUIERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça (Org). *As ciências do léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia, volume II*. Campo Grande, MS: UFMS, v.2, 2004. p.133-142.

MARQUES, Maria Helena Duarte. Iniciação à semântica. 5 ed., coleção Letras, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTINS, Maria Cristina. *Os locativos na Peregrinatio Aetheriae*. São Paulo: UNICAMP, 1996. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005.)

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MIRANDA, Felix Bargueño. La etimología en el diccionario de la lengua [on line]. <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewPDFInterstitial/2976/2404>  
*Revista Letras*, Curitiba, n.64, p.173-188. UFPR, set./dez. 2004.

NIKLAS-SALMINEN, Aïno. *La lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1997.

PASSARELLI, Brasilina. [on line]. Disponível na Internet: URL: [www.bpassarelli.futuro.usp.br/nexus/disciplina/dicionario.html](http://www.bpassarelli.futuro.usp.br/nexus/disciplina/dicionario.html), em 1/08/2007.

PÉREZ, José. *Evaluación De Diccionarios Generales Monolingües (Lengua Portuguesa Y Lengua Española)* [on line]. Disponível na Internet: URL: [www.cce.ufsc.br/~lle/congresso/trabalhos\\_lingua/Jose%20Antonio%20Perez.doc](http://www.cce.ufsc.br/~lle/congresso/trabalhos_lingua/Jose%20Antonio%20Perez.doc).



POGGIO, Rosaura M.G.F. *Processos de Gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologie et sémantique lexicale. Notions fondamentales*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2003.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

POTTIER, Bernard. *Linguística Moderna y Filología Hispánica*. vers. esp. de Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1968.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed. melhorada e aumentada de Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SAID ALI, M. *Lexeologia do Portuguez histórico*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

SALGADO, José António González. “La lexicografía acientífica: algunas notas sobre los otros diccionarios”, Comunicación presentada en I Congreso de Lexicografía Hispánica, Universidade da Coruña, 14 a 18 de septiembre de 2004. Disponível na Internet: URL: <http://www.geolectos.com/lexicografia-acientifica.pdf>

VERLAG, Max Niemeyer. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, [on line]. Disponível na Internet: URL: [www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/lexicon3.pdf](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/lexicon3.pdf), 1994.

WELKER, Herbert. *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

OBRAS LEXICOGRÁFICAS:

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2. ed. actual. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925. 2 v.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 4.ed. atual. rev. e aum. Rio de Janeiro: Delta, 1958. 5 v. : il. (algumas color.)

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BUENO, Francisco da S. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa:Academia de Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

FERREIRA, Antonio Gomes. *Dicionário de Latim Português*. Portugal: Porto, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio: dicionário eletrônico [recurso eletrônico]*. In: Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 3.ed.rev.ampl. Curitiba: Positivo, 2004. versão 5.0 Curitiba: Positivo informática, [2004]. 1 CD-ROM

FIGUEIREDO, Candido de. *Dicionário da língua portuguesa*. 14.ed. Lisboa: Bertrand, 1949. 2 v.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1957. 5 v.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão rede). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>

MACHADO, José P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 3. ed. 1977.

MORAES SILVA, Antônio de. *Diccionario da Língua Portuguesa Recopilado*, Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

MORAIS SILVA, Antônio de. *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Edição Compacta do Texto Fundamental do Grande Dicionário da Língua Portuguesa. 10ª ed. ed. rev., muito aumentada e actualizada. Lisboa: Confluência, 1987.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.

*Novo dicionario brasileiro melhoramentos*. 5.ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1969. 5 v. : il

VIEIRA, Domingos. *Grande diccionario portuguez, ou, thesouro da lingua portugueza*. Porto: Ernesto Chardon e Bartolomeu H. de Moraes, 1871-1874.

## **ANEXO**

ANEXOS  
SÉCULO XIX

## ANEXO 1

MORAES (1813). *Diccionario da Lingua Portugueza Recopilado*.

**DE**, preposição que indica o termo donde se sái: v.g. *veyo de França*. § Indica a coisa possuída: v.g. *o senhor d'esta casa, Deus de misericordia; homem de annos; capacete de ferro; homem de juízo, de espirito; cheyo d'água, cheyo de annos, de virtudes*. § O modo: v.g. *de pressa*. § O instrumento. v.g. *ferir d'a lança, d'as esporas, d'o açoute. Sagramor, freq.* § A causa: v.g. *de raiva, de nojo, de curioso: de confiado cre que vai seguro*. § Desde: v.g. *de pequenino. Eufr. 2.5.* § A origem, motivo: v.g. *de conselho, ou por conselho. V. do Arc. 1.4. Eufr. 5.4.* “a causa porque fazem isto he de tyranos.” B. 2.2.2. *de que outro fogo ardia Dos Teucros a alta gloria?... e mil chorarão do vão contentamento. Ferr. Castro, Acto 1. Choro 2. Choro d'aquella dor, d'aquella magoa: i.é, por causa d'aquella dor, &c. Idem, Act.3. f. 152. e se este d'os Deuses he vexame. Eneida, XI. 106.* § Junta-se aos Infinitos, que são puros substantivos: v.g. “*começa de servir.*” § Usa-se com adjectivos substantivados, v.g. quando dizemos: *o pobre d'o homem, o triste de mim*, por *o pobre homem*, ou como se disseramos *o triste eu*, que se não diz: ou com substantivos: v.g. *o ladrão d'o moço*; por *o moço ladrão*, sendo o accidente como o possuidor da coisa. § *De* nunca foi Artigo indefinido; sempre foi, e é Preposição; e quando usamos della com nomes sem artigos, é porque 1º são nomes individuâes, que sendo de si mesmo definidos, e limitados, excluem o artigo; v.g. de Roma, de Lisboa: ou 2ª quando o nome se toma como adjectivo, considerando só as ideyas, que se comprehendem na sua significação, sem attender aos individuos, a quem a mesma significação se estende, e abrange. Assim, dizemos, v.g. *figura de cavallo, portas de oiro; vaso de ferro, ou de bronze, leito de marfim, com horas de dia, &c.* nos quaes exemplos damos com a preposição *de* os attributos, que se comprehendem geralmente nas noções de *ferro, cavallo, oiro, marfim, bronze*: e tanto é assim, que às palavras *de cavallo, de ouro, de ferro, &c.* podemos substituir adjectivos attributivos, ficando o mesmo sentido: v.g. *figura cavallar, aureas portas, ferreos vasos e bronzeos, e eburneos*, por *de marfim*; substituição, que se não faz, quando os nomes vem com artigo, porque então significação individuos, a quem compete a sua significação: v.g. *o cavallo* é animal util ao homem; por os cavallos todos em geral: *sceptro feito do oiro*, que se tirou desta mina; *vaso do ferro*, que me comprastes, &c. porque os pedaços, ou porções, são como individuos destas espécies de metâes, &c. Por meyo desta preposição damos attributos, como se vê nos exemplos acima, e ainda com os nomes proprios: v.g. *é de Lisboa, de Roma*, por *Lisbonense, ou Romano*: e com a preposição *sem* tiramos attributos significados por nomes usados attributivamente. Assim dizemos *homem de honra, ou sem honra, de verdade, ou sem verdade; de criação, ou sem criação, &c.* Dizemos também *venho de casa; i.é, de minha casa; vëis de casa? i.é., de tua casa, elle saiu de casa, i.é, de sua. L.c.*, porque os Classicos ordinariamente não ajuntão com o mesmo nome o artigo, e os possessivos; salvo se calamos o nome; v.g. “esta espada é minha, e a vossa (sc. espada) onde está?” “estou com a minha dor,” sc.costumada.

## ANEXO 2

VIEIRA (1873). *Grande Diccionario Portuguez - Thesouro da Lingua Portugueza*.

**DE:** prep. (Do latim de). Entre dous substantivos:

Marca relação de possessão, filiação. – “*Sega nembrado senpre o Abade, ca da as doutrina, ou da obedeença dos discípulos, descucimento seera a fazer no temedayro juízo de nostro Senhor.*” **Regra de S. Bento, cap. 2, em Inéditos d’ Alcobaça, Tom.1.** – “*Foi a casa loguo chea de braados e choros d’homeens e de molheres.*” **Fernão Lopes, Chronica de D. Fernando, cap. 103.** – “*Roa a enveja as entranhas de quem lhe dà pousada; mete-lhe peçonha nellas, que as cousas bem feytas borram com falsos entendimentos, e os bens alheos sam seus males e lhe doem.*” **D.Joanna da Gama, Ditos da Freira, p. 24 (ed. De 1872.)**

*Pás.* Não podes nada fazer

Na noite que quis nascer

Christo filho de Davi.

GIL VIC., AUTO DA BARCA DO PURG.

- “*E parecendo-lhe bom remédio verse com Clarimundo, despedio-se de Dom Dinarte dizendo que lhe levava hum recado:a aos dous dias chegou ao Castello de Erbuda, onde foi mui bem recebida de Clarimundo, lançando-lfe braços no pescoço, como quem era innocente das cousas passadas.*” **Barros, Clarimundo, Liv. II, cap. 19.**” *E caminhando contra aquella parte, ouvi dizer que em vossa corte havia outra sobre a fermosura d’Altea; e porque uma senhora que sirvo, me parecia mais digna desta victoria, que todalas do mundo, vim de longe buscal-a em seu nome, e aqui perto soube que a houve outro cavalleiro, e por mais minha mofina disseram-me que era ido, pêra eu a não poder tornar a ver delle: queria que vossa alteza me dissesse onde o poderia achar, por não ver levar a outrem o preço que com mais razão era meu que de ninguem.*” **Francisco de Moraes, Palmeirim de Inglaterra, cap. 30.** – “*À terceira darei o marquizado de seu pai, e casará com Beltamar, irmão de D. Rosirao, e assim ficará o partido igual, e todas contentes.*” **Idem, Ibidem, cap. 65.** – “*E agora, por não se tornar em vão, sabendo que aqui vem os mellores cavalleiros do mundo, deseja justar com alguns pêra ver o que tem em si. Batalha das espadas diz que a não fará, porque a sua desejaofferecer no serviço de todos, e não em offensa de nenhum.*” **Idem, Ibidem, cap. 49.** – “*E, posto que Oragnel lhe dava pousada conforme a suas pessoas, não quizeram aceital-a senão com Palmeirim, onde aquella noite souberam delle tudo o que passára, a maneira da gurda da fortaleza, o fim de suas batalhas, e o que por derradeiro concertára em os casamentos. Julgaram o duque por homem singular, attribuindo os erros, que antes seguia, ä força d’amor, que nelle estava.*” **Idem, Ibidem, cap. 70.**

Como em Adrastia o filho de Philippe,

Passa contra o poder de Ásia corrente

Granica, rompe (sem que participe

Primeiro algum dia da gloria) a imiga gente.

SÁ DE MENEZES, MALACA CONQ., liv. V, est. 51.

- *“Fuy ter ao cayz da pedra onde achey huma caravella d’Alfama, que hia com cavallos e fato de hum fidalgo para Setuval.” Fernom Mendes Pinto, Peregrinações, Liv. I, p. 1.*

Nunca com Semiramis gente tanta  
 Veiu os campos Hydaspicos enchendo;  
 Nem Attila, que Itália toda espanta,  
 Chamando-se de Deos açoute horrendo,  
 Gothica gente trouxe tanta, quanta  
 Do Sarraceno bárbaro estupendo,  
 Co’o podêr excessivo de Granada,  
 Foi nos campos Tartessios ajuntada.  
 CAM., LUS., c.3, est. 100.

Nos animaes cavalgam de Neptuno,  
 Brandindo e volteando arremessões.  
 IDEM, IBIDEM, cant. Iv, est. 21.

O monte Abyla , e o nobre fundamento  
 De Ceita toma, e o torpe Mahometa  
 Deita fora; e segura toda Hespanha  
 Da juliana, má e desleal manhã.  
 IDEM, IBIDEM, c. Iv, est. 49.

Achas que tens direito em senhorios  
 De Christaos, sendo o teu tão largo e tanto;  
 E não contra o Cinypho e Nilo, rios  
 Inimigos do antiguo nome santo?  
 Ali se hão de provar da espada os fios  
 Em quem quer reprovar da Igreja o canto.  
 De Carlos, de Luiz, o nome e a terra  
 Herdaste, e as causas não da justa guerra?  
 IDEM, IBIDEM, c. vii, est. 7.

Esta luz é do fogo, e das luzentes  
 Armas, com que o Albuquerque irá amansando  
 De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,  
 Que refusam o jugo honroso e brando.  
 IDEM, IBIDEM, c. x, est. 40.

E disse: Bem sabemos dos antigos  
 Heroes, e dos modernos, que provárão  
 De Belona os gravíssimos perigos,  
 Como tão bem mil vezes concordárão  
 As armas com as letras;porque as Musas  
 A muitos na milicia acompanharão.  
 IDEM, ELEG. IV.

- *“Difficultada neste accidente a assistencia do Pincipe, resolveo-se que a Rainha D. Leonor Telles supprisse aquella falta, e da sua mão entregasse na praça de Elvas a*



*Prinzeza a ElRey de Castella: Convocarão-se os Fidalgos da Crote, mandou-se aviso aos que vagavão divertidos fóra.” Fr. Domingos Teixeira, Vida de D. Nuno Alvares Pereira, Liv. I.*

Bem sei de teu desgosto a larga historia,  
 Já não sinto de ouvilla algum desoconto:  
 Suppõe que em ti passou de Amor a gloria,  
 Como o faz a mentira em qualquer conto:  
 Não percas a cabana da memoria,  
 Vai teu gado buscar, não sejas tonto,  
 Que póde acaso, pois cioso vive,  
 Saber ileno, que contigo estive.  
 J.X. DE MATTOS, RIMAS, p. 169 (3.<sup>a</sup> ed.).

*–“Sellaram, imbridaram o cavallo, que os cavalleiros pasmavam de ver tam mando. Vasco ficou de um pulo sobre elle, tam consubstanciadas as duas fórmis e naturezas como se as duas partes de um antigo Centauro, que estivessem divididas, se tornassem a reunir para viverem sua vida natural e primitiva.” Almeida Garrett, Arco de Sant’anna, cap. VII.*

(Meu padre san’Berarndo me perdoe!)  
 Mas para tam fidalga companhia,  
 Para vós, real senhora, sóbretudo  
 Dos monges brancos honra, flor e nata,  
 Tal poisada buscar!... Denossa rega  
 O mais saneto preceito e veneravel,  
 Querereis infringi-lo? Antes mil vezes  
 Os votos todos tres.  
 IDEM, IBIDEM, c.1, cap. 7.

–“ Hugo... Frei Hugo é: e contam d’elle  
 Historias de pasmar; de que foi moiro  
 Ou com moiros vivêra largos annos  
 No Algarve, e era parente ou grande amigo  
 De um Garcia Rodrigues que lá anda,  
 Mercador muito ricco e nomeado,  
 Homem de prol porcerto e christão velho.  
 Mas Frei Hugo não sei...”  
 IDEM, IBIDEM, c.I, cap. 17.

Co’ este hymnomonachal annunciavam  
 Os irmãos bentos aos irmaos ernardos,  
 A respeitavel hora da “tremenda”:  
 Uso antigo, sagrado, inalteravel  
 Demonges brancos, e hoje por não vista  
 Exemplar tolerancia permittido  
 Nos claustros pretos, ano sem muito escandalo  
 Dos padres-graves rigidos da ordem,  
 Que altamente em capitulo altercaram,  
 Assignaram seu voto em separado,

E protestaram n'acta.  
IDEM, IBIDEM, c.ii, cap. 7.

Acudi presto  
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,  
Sabem-n'ó os teus se corta por arnezes  
De christaos caballeiros.  
IDEM, IBIDEM, c. iv, cap. 20.

Pensativo ficou por longo tempo...  
E continuou depois – “Fatal me há sido  
Sempre a tua lei. Desgostos, malquerenças  
Dissenções entre os meus semeou funestas,  
E abalou as ruínas já pendentas  
D'este resto de imperio que em má hora  
Herdei de meus passados.  
IDEM, IBIDEM, c. iv, est. 23.

De meus sentidos todo so desperto  
O ouvido, que velava, os reflectia  
N'alma como rugir de brutas feras,  
Sibyllos de dragões, huivos de tigres,  
Canticos de demonios malfazejos,  
De genios maus.  
IDEM, IBIDEM, c.v, est.5

Descompassadas vozes  
De mortos resurgidos n'hora aziaga,  
E em banquete de horror sôbre um sepulchro  
Embriagando-se em sangue de parentes,  
De amigos...talvez filhos, que no berço  
Deixaram quando a morte os tomou subito.  
IDEM, IBIDEM.

Que sois vós outros,  
Reis da terra, que fôra o vosso throno,  
Sem o amparo do altar? Vai perguntá-lo  
Á campa de Toledo e aos deshonrados  
Ossos de teu irmão...  
IDEM, IBIDEM, c.IX, cap. 4.

- Exprime a origem, a derivação, o lugar onde se nasceu. – *O vento do Norte*. – *Os povos da Africa*. – *As cebolas do Egypto*. – Indica o objecto, o fim, a natureza, a qualidade: precede a palavra que determina o sentido d'um substantivo, restringindo-o a um individuo particular. – De exprime tambem instrumento (*tiro d'espingarda*), o destino (*sala de spectaculo, um vestido de domingo; um fato de baile*), a profissão (*um homem de trabalho, um homem de guerra, um negociante de vinhos, um caixeiro de mercearia, um estudante de direito, um advogado dos órphãos*), a materia (*uma faca de prata, dôce de pera, xarope de chicorea, vinho de Madeira, bonné de seda, cadeira de cortiça, banco de pinho, porta de nogueira, tinteiro de páo do ar*), a duração (*uma vida*

de sessenta annos, guerra de sete annos), o conteudo (um copo d'agua, um barril de vinho, um cesto de pão), a dimensão (uma peça de trina varas, um gigante de 12 pès), o valor (uma peça de oito mil reis, uma moeda de dous mil reis), a quantidade (um grupo de tres pessoas; uma população de trezentos mil habitantes).- “E alli mandou fazer emgenhos , e carros, e bombardas, e outros perçebimentos de guerra.” **Fernão Lopes, Chronica de D. Fernando , cap. 134.**

Marta Tendes vós aqui borel,  
Do pardo de lan meirinha?  
Bran. Eu queria huma pucarinha  
Pequenina para mel.  
GIL VIC., AUTO DA FEIRA.

E quem nasceo na hora tal  
E planeta em que peccarão  
Os Judeos, quando adorarão  
O bezerro de metal,  
Pera nossos se gerarão.  
IDEM, AUTO DA CANANÊA.

-“*Bem sabe Vossa Alteza como ha muitos dias que em sua casa anda Tardonça com suas filhas, a meu ver todas de tanta bondade, e virtude, que qualquer beneficio he nellas bem empregado, por tanto beijar-vos-ei as mãos pelo que ellas merecem , e por me fazer a honra de casar Ariela a mais velha com meu afillhado Clarindo, e a outra com Clarimundo, por serem ambos solteiros, e dignos de toda a mercê, e a hum dé em casamento a Ilha Soberba, que foi de seu tio.*” **Barros, Clarimundo, liv. II, cap. 16.** – “*Depois que Filena esteve chorando os males alheios sem sentir causa às cousas de Clarinda, determinou ainda ver o fim de sua ira, por ventura seria já mudada: e indo a casa da Emperatriz achou a Alderiva, que lhe deu conta de tudo o que Clarinda soubera, e que por isso estava tão irosa contra Clarimundo, esuas cousas, que lhe parecia impossivel ter este ódio fim, por tanto lhe rogava que não parecesse diante della, nem mesmo fosse ver a sua prima Arfila, porque confirmaria mais aquelle caso, o qual era mui feio em ser feito a huma tão excellente Princeza.*” **Idem, Ibidem, cap. 18.** – “*Acabando estas palavras olhou pêra Clarinda, e vio-lhe aquella fermosura, e parecer, causa de todas estas cousas, regada com uma mansidão de lagrimas que corria em fio, ede piedade della as suas flasas se converteraõ em verdadeiras.*” **Idem, Ibidem, cap. 22.** – “*Vós sabereis, que ambas somos filhas do Conde Arlião, que muitas vezes ouvirieis nomear na Corte do Emperador Polinario: quis nossa ventura, ou desdita, que ambas nascemos de hum ventre, e deste parto se finou nossa mãi sem se poder determinar qual de nós primeiro nasceo. Nosso pai quando veio a hora de sua morte, porque não podia repartir o seu Condado , nem se podia determinar a qual de nós por direito vinha, o derradeiro dia de sua vida fez-nos huma falla dizendo: Filhas eu me parto deste mundo bem descontente, porque vos não leixo taõ descansadas, como quisera pois Deos he servido de me levar antes de meus olhos verem este prazer, quero-vos dizer algumas cousas que cumprem a vosso descanso.*” **Idem, Ibidem, cap. 23.** – “*E ajuntados na gran salla esperaraõ té que Clarimundo sahio armado nas suas armas de’Ilhas: e como eraõ bem betadas, e elle que lhe dava muito àr, parecia a mais fermosa cousa que se podia ver, e tanto que lhe mostraraõ a porta da camera hegou-se a ella , e como se não fizera nada levou as fechaduras na mão, abrindo as portas de par em par: e deshi entrou mui seguro dentro na câmera, e sem olhar a outra parte foi-se*

direito á imagem de metal cuberta de seu escudo, e espada alta përa dar em quem acommetesse.” **Idem, Ibidem.** - “E cercaraõ-no todos a pé, de maneira que não podendo o cavallo de Clarimundo soffrer os soluços chorosos, espantando-se de tão miseravel, e triste cousa, apeouse delle, e foi-se com aquella companhia a huma Fonte que estava antre as arvores, onde achou o Emperador, e toda a flor de sua casa lançados á borda della, traspassados deste mundo sem darem sinal de vida, se não com côr com que a triste morte cobre aos seus convidados.” **Idem, Ibidem, cap. 25.** . – “toda-las noutes, tanto que me recolhia em minha camera pera repousar dos negocios do dia, vinha a alma de meu pai, que era passado deste mundo, e com humas vergas de ferro me açoutava tão cruelmente, que me parecia não poder chegar a pela manhã, segundo me leixava atormentado, porém tanto que se partia de mim ficava livre daquella dôr” **Idem, Ibidem.** – “O Emperador, ainda que estava turvado, quando o conheceo levou-o nos braços dizendo: Em verdade, Clarimundo, bem nos pagastes com esta obra a paixõ que nos deu a noticia de vocssa morte, por cuja causa todos estes vossos amigos estaõ como vedes: por tanto, dailhes o remedio que a mim destes, que boem vo-lo tem merecido.” **Idem, Ibidem.** - “E vinda a noute, sem alguma pessoa saber disso, partio-se o Emperador com Ereí Brialpe, e dous esescudeiros seus por irem mais encubertos, e tanto andaraõ por espaço de tres dias, que chegaraõ onde Artinaõ, e todolos outros estavaõ: e quando o Emperador os vio daquella maneira, com muitas lagrimas disse contra ElRei.” **Idem, Ibidem.** – “Nafacor vendo com quanto acabamento Granfano o recebia, converteo a má vontade que lhe tinha em verdadeiro amor de pai, porque aquella nuvem de odio, que lhe cegava o juizo, era desfeita: a qual causa tantos males como temos ouvido, e por nós visto, que o fruto que dá saõ mortes, perdimento da honra, fazenda, e da alma, que mais se deve estimar, sómente por hum appetite de fartar a vontade irrosa.” – **Idem, Ibidem, cap. 26.** - “Ter de vossa mão çapateiro de arte.” **Jorge Ferreira de Vadoncellos, Eufrosina, act. I. Sc.1.** – “Bacaro de meyas não he nosso.” **Idem, Ibidem, sc.3.** – “Albayzar, que sentiu sua fortaleza, desviava-se delle com muita desenvoltura, fazendo-lhe dar a maior parte de seus golpes em vão, andando tão vivo e com tanto acôrdo como via que pera tão forte imigo era necessario.” **Francisco de Moraes, Palmeirim d’Inglaterra, cap. 71.** – “Onde estava uma tenda, armada com lume de tochas, e chegando-se mais por ver o que seria, dentro nella não achou outra gente se se não um cavalleiro morto mettido em umas andas, e outro que com palavras de muita dôr e sentimento mostrava sentir sua morte.” **Idem, Ibidem, cap. 40.** – “E disseram os três procuradores de Sua Magesttade, que em seu nome, e por virtude de sua procuração vendiam, como defeito o venderam daquelle dia para sempre a ElRey de Portugal, e todos seus Successores da Coroa de seus Reynos, todo o direito, acção, domínio, propriedade, possessação, e todo o direito de navegar, contratar e commerciar por aqualquer modo que fosse, que o Imperador Rey de Castella dizia.” **Diogo do Couto, Décadas, IV, Liv. VII, cap. 1.** – “Hia o Governador Nuno da Cunha continuando na obra da fortaleza com tanta pressa, que aos nove dias de Fevereiro, dia de Santa Apollonia, estava já toda em roda na altura do andar das ameias, e no mesmo tempo se acabou a cava; porque pela multidão dos trabalhadores se repartiram os baluartes de feição, que quando se acabou hum, acabáram todos.” **Idem, Ibidem, Liv. IX, cap.10.** – “Guilhelmo Arcebispo de Tiro no livro que compoz da Conquista da Terra Santa, fallando do principio dos Turcos, diz, que sahíram das partes Septentrionaes, e que paráram no Turcstan, aonde vivêram muitos annos governados por cabeças de Tribus, e que depois se passáram á Pérsia, onde habitáram outra temporada, e alli foram crescendo, e multiplicando muito”. **Idem, Ibidem, Liv. IX, cap. 100** – “A este Chinguiscan, que conquistou estas Porvincias, nomea Ruy Gonçalves de Clavijo, (que ElRey Dom Henrique o IV mandou ao Grão

*Tamorlão com Embaixada por Imperador da Cidade de Dorgancho, (como se vê no Itinerario que fez d'esta jornada,) e diz que este nome Dorgancho quer dizer thesouro do Mundo, de que não faz Marco Polo menção, mas havia de ser [corroído] imposto pelos Cathaynos á Cidade de Cambalez, que elle tanto engrandeceo.”* **Idem, Ibidem.** – “E com isto fica confundido o erro de Baptista Fulgoso nas *Collectaneas*, e o de Platina na vida de Bonifacio, que affirmam, que por morte do Tamur não ficára memoria de seu senhorio, nem de homem que procedesse de sua geração; sendo hoje os mais poderosos dous barbaros, que ha em todo o Oriente (Magor, e Husbeque) seus quintos netos. Por morte deste primeiro Rey dos Magores ficou herdando aquelle Reyno seu filho Abusseir, que ainda accrescentou muytas bombardas, que não forão bastantes para impedir, acabar-se aquella noite.” **P. Pereira, História da India, Liv. I, cap. 29.** – “... lá naõ sey aonde, era huma vez huma pessa de panna azul, que por não serir para boda, nem mortuarios, havia mil annos, que estava na tenda, porque os noyvs o achavão trsite para librés, & ledos os enojados, para capuzes.” **Francisco Manoel de Mello, Apologos Dialogaes, p. 35.**

C'os lindos olhos mede o desmedido,  
Bronco pedaço que o brutal bernardo.  
Para bôcca tam breve ousou talhar-lhe;  
E e'um gesto de mágua tam afflicta,  
Mas tam formosa, tam incantadora,  
Que abríra compaixão em bronzeos peitos,  
Peitos de tigres – que não fossem frades,  
Á repugnante, injoosa penitencia,  
Resignada e humilde se offerece.  
GARRETT, D. BRANCA, C.II, CAP. 28.

Oh! Magas ilusões, porque não posso  
Crer-vos eu co'a fe viva d'outra idade,  
Em que de bôcca aberta e sem respiro,  
Sem pestanejo um so, de olhos e orelhas  
No Castello escutava a boa Brígida  
Suas longas historias recontando  
D'almas brancas trepadas por figueiras,  
D'expertas bruxas de unto besuntadas  
Ja pelas cheminés fazendo vispere.  
IDEM, IBIDEM, C. III, CAP. 3.

A filha, a bella  
A discreta Oriana, desde o berço  
Nas Impias aguas dos christãos banhada  
Por esse Hujo traidor que a mãe perdêra,  
Nunca o rosto volveu á sancta Kaaba,  
Nem jurou n'um só Deus e em seu propheta.  
IDEM, IBIDEM, C. III, CAP. 19

Frei Soeiro despossesso – como um parvo  
Olhava para tudo e bocejando,  
Se é hora de jantar pergunta a Nuno.  
IDEM, IBIDEM, C. IX, CAP. 24

- De colloca-se entre os titulos e os nomes proprios de familia. – *O duque de Saldanha*. – *O marquez de Castello Melhor*. – *O conde de Barcellos*.
- De separa os appellidos dos nomes de baptismo e cognomes, em nomes de pessoas não nobres: *José da Cunha*. *Manoel Fernandes da Costa*. – Nos nomes francezes o de, seguido de um nome de familia, indica sempre nobreza: *Madame de Pompadour*.
- Por hebraísmo, de, entre uma palavra e a mesma palavra repetida, exprime a excellencia, a superioridade, a primazia; esta construcção geralmente é só usada em construcções biblicas. – *O santo dos santos*, o lugar mais santo no templo de Jerusalem.- *O cantico dos canticos*, titulo d’um cantico que se acha na Biblia e é attribuido a Salomão. – *O ser dos seres*, Deus. – *Vaidade das vaidades*.
- De é usado algumas vezes partitivamente, principalmente depois de *nada*; no antigo portuguez o seu emprego n’este sentido é mais frequente que no portuguez moderno: assim, dizia-se; *comer de gallinha*; *beber de bom vinho*. – *Nada de bom*.
- De, tomado absolutamente deante de um substantivo, equivale com este a uma expressão adverbial, exprimindo o modo, a disposição, o estado, a situação. – *De boa vontade*.

C’os olhos longos para o gripho alado  
 Que se perde nos ares, ella, a trsite,  
 De joelhos sobre o cume dos penedos,  
 Erguia para os ceus as mãos trementes...  
 Mas sem uma oração; que é mudo o labio,  
 E mudo o coração da desditosa.  
 GARRETT, D. BRANCA, C. X, CAP. 29.

- De *coração*, de boa vontade; com paixão.  
 A dona mui de *coraçõ*  
 Oyra sa missa enton.  
 CANC. DE TROVAS ANT., N.8

Pois vos ama muy de *coraçõ*  
 Señor, porque me leixades morrer?  
 TROVAS E CANT., N.30.

- De, antes de um substantivo, significa também por causa de, por meio. – De *fama*, por meio da fama. – “*El-rei, que já o conhecia de fama, quando o viu tão mancebo e bem desposto, ouvindo sempre dizer sua sabedoria, parecia-lhe não ser possível que um homem de tão pouca idade alcançasse tão grandes cousas: então, levando-o nos braços com muito amor, dizia: Por certo, Daliarte, que vos eu não devesse mais que entregardes-me vivo a Deserto, cousa que eu não esperava, isto senão pode já pagar.*”

**Francisco de Moraes, Palmeirim d’Inglaterra, cap. 47.**

- De emprega-se entre um substantivo e um verbo infinitivo, servindo como substantivo. – *A parte de escrever correctamente*. – *O habito de passear*.  
 De, significando a partir de: *D’aquelle dia em deante*. – *Do dia em que a vi até hoje*.
- De, indicando mudança de estado. *De simples jornalista fez-se ministro*. – Esta construcção acha-se ta,bem em adjectivos: *de pobre chegou a rico*.
- De...a... exprime , no sentido natural e no figurado, a passagem, a transição, o intervallo d’uma cousa a outra, d’um estado a outro estado. – *De Coimbra a Lisboa*. –

*De Lisboa a Madrid. – Da virtude ao crime. – Indica também um número aproximadamente: - De noventa a cem. – De dous a tres mil.*

- De, antes de substantivo, assim como antes de adjectivo, significa por *ser*, por *estar*.

E vos, que *de* trouador  
Calentays os trouadores.  
CANC. DE RES., TOM. I, P. 13

E vereis o mar Roxo tão famoso  
Tornar-se-lhe amarello *de* enfiado;  
Vercis de Ormuz o reino poderoso  
Duas vezes tomado e subjogado;  
Ali vereis o Mouro furioso,  
De suas mesmas settas traspassado:  
Que quem vae contra os vossos claro veja,  
Que, se resiste, contra si peleja.  
CAM., LUS, C. II, EST. 49.

- “*Pois tornando a elles, tanto andaram em sua porfia, que de mui cansados se tiraram a fóra: porém o desejo que cada um trazia d’acabar aquelle debate, os não deixou repouzar muito espaço: antes tornando á sua batalha, desta segunda vez se trataram tão mal, que pequeno espaço se pozeram em muita fraqueza.*” **Francisco de Moraes, Palmeirim d’Inglaterra.**

- De...a... *De mão a mão. – De homem a homem – De vós a mim.*

- De... em...*De dia em dia.*

A ella chamavam Maria  
E ao pastor Crisfal,  
E ó qual *de* dia em dia  
O bem se tornou em mal  
Que elle tam mal merecia:  
Sendo de pouca ydade  
Nam se veer tanto sentiam,  
Que o dia em que nam se viam  
Se via na sua saudades  
O que ambos te queriam.  
CHRYST. FALCÃO, OBRAS, P.1, (ED. DE 1871)

2. de, entre um adjectivo e um substantivo, *ou um pronome pessoal. – Triste de mim. – Desejoso de riquezas. – Sedento de sangue. – Avido de prazeres. – Fraco de espirito. – Duro de coração. – Inimigo de Paulo. – Vario de sentimentos. – Livre de receios.*

Por vós *de* mim esquecido  
Ando tam triste perdido  
Que tomara por partido  
Nam vos veer ser tam fermosa,  
Vira-vos mais piedosa.  
CHRYST. FALCÃO, OBRAS, P.28, (ed. de 1871).

E chorava a sem ventura,

Trsite de Jerusalem  
 Homecida,  
 Matando, contra natura,  
 Seu Deos nascido em Belem.  
 Nesta vida.  
 GIL VIC., AUTO DA ALMA.

- *“As duas irmãs quando os toparaõ fazendo aquelle pranto na camera disseraõ-lhe: Amigos, vosso Senhor he cheio de presumpçaõ, estará assi alguns dias té que a perca, e se não juntamente com a vida lhe será tirada, por isso entre tanto hide buscar vosso remedio.” Barros, Clarimundo, Liv. II, cap. 23.* – *“A dona lhe agradeceu aquellas palavras com outras compostas de sua industria, misturadas com lagrimas fingidas. N’isto chegou a outra, que fora ter com os outros, dizendo: Senhora, aquelle imigo de vossa honra e amigo de seu damno, não quer outro concerto senão batalha, afirmando que vos ha de mostrar quão fraco socorro tendes. Onistaldo, que em extremo era acelerado, se levantou dizendo: Já quizera que nos viramos n’ella, pêra que suas soberbas foram castigadas melhor do que cuidam.” Francisco de Moraes, Palmeirim d’Inglaterra, cap. 37.* – *“Acabado o comer entrou pola porta uma donzella fermosa, vestida ao modo inglez de uma roupa de setim avelludado negro, e em cima uma capa curta de escarlata roxa, broslada de chaperia ricae louçãa, com rosto reserno e algum tanto descontente.” Idem, Ibidem, cap. 13.* – *“Depois vendo-se ferido e não sabendo onde repousasse, e algum tanto desconfiado de seu contrario, por não perder o amor de sua senhora, tornou ao castello a tempo que todos dormiam, e, tomando o escudo do vulto de Miraguarda, se foi com elle, pondo em sua vontade leval-o á Turquia, passando primeiro pola côrte do imperador, como lhe sua senhora mandára.” Idem, Ibidem, cap. 71.*

O Seraphico padre alli se iu  
 Com amor entranhauel recebendo  
 As chagas sacratissimas, vestido  
 De habito aspero, vil, pobre & grosseiro.  
 CORTE REAL, NAUF. DE SEPULV., C.X.

As portas de ouro fino, e marchetadas  
 Do rico aljofarque nas conchas nace,  
 De esculptura formosa estão lavradas,  
 Na qual do irado Baccho a vista pace.  
 CAM., LUS., C.VI, EST.10.

Na praia um regedor do reino estava,  
 Que na sua lingua Catual se chama,  
 Rodeado de Naires, que esperava  
 Com desusada festa sobre o Gama.  
 IDEM, IBIDEM, C. VII, EST. 44.

Rica de aljôfar, se de arroyos pobres,  
 Faze aqui dessas perolas brilhantes  
 Magestosa resenha,  
 Deixa que se congelem  
 Na concha d’esta penha.



BARB. BACELLAR, SAUDADES DE AONIO.

Os viventes de que ra obedecido  
 Não só este respeito lhe perdêrão,  
 Mas inda era mil vezes comettido  
 Da natural fereza em que nascerão.

ROLIM DE MOURA, NOV. DO HOMEM, C. II, EST. 16.

Eu bem sei, se te deixo, que te aggravo,  
 Porque a fazello sem razão me atrevo;  
 Mas como hei de livrar-se desse aggravo,  
 Se he muito mais o que amo, que o que devo?  
 Vai ser agora de outro amor escravo,  
 Que em conta teus serviços já não levo:  
 Lá tens Alberta, Silvia, lá tens Benta,  
 Todas formosas são, nenhuma izenta.  
 J. X. DE MATTOS, RIMAS, P. 169 (3. ED).

A corrupta, mas real Genealogia,  
 O roxo terciopelo dos sapatos,  
 As pedras que lhe esmaltão as fivellas,  
 A preciosa saphyra, a linda caixa,  
 Onde, (sobre Amphytrite que tirada  
 De escamosos Delphins, n'uma aurea concha  
 Os verdes campos de Neptuno undoso,  
 Cercada de Tritões, nua passeia)  
 Do famoso Martin o verniz brilha,  
 Seu emprego só são, e seu estudo.  
 DINIZ DA CRUZ, RYSSOPE, CANT. I.

Viu com lagrimas pias – não de mágua,  
 Trocar a linda filha a régia purpura  
 Pela estamenha austera. Môça e bella  
 O baculo impunhou, e o regeu digna  
 De seu sancto mister.  
 GARRETT, D. BRANCA, C. I, CAP. 4.

De suas ricas armas cizeladas  
 Vinha armado dom Nuno: por de cima  
 Da malha sobreveste d'oiro e seda  
 Orlada com franjões de fina prata,  
 Passamanes do mesmo, e sobre o peito  
 Bordada a Cruz azul, insignia antiga  
 Do reino, e embaixador que o representa,  
 Segundo usança é.  
 IDEM, IBIDEM, C. VIII, CAP. 4.

- De construe-se com o superlativo. – *O melhor dos ricos.* – *O mais rico de todos.* – *O mais triste dos tristes.* – *O peor dos livros.* – *A maior das torres.*

- De, entre um adjectivo e um verbo. – *Aborrecido de viver.* – *Cançado de andar.* – *Desejoso de ir.*

3ª De construe-se com um pronome pessoal. – *Conhecimento de si mesmo.* – *De mim para mim.*

- Deante d'um pronome demonstrativo. – *D'isto e d'aquillo.*

4ª- Deante d'um pronome conjunctivo e uma outra palavra. – *Qual d'estes homens é melhor?* – *Qual de vós irá lá?*

5ª De entre um nome de numero e outra palavra. – *Um de vinte homens.* – *Dous de nossos amigos.*

6ª Entre um verbo e um substantivo ou pronome, exprimindo os diversos complementos dos verbos da phrase. – *Fugir do perigo.* – *Tractar de negocios.* – *Sair de casa.* – *Cair de uma torre.* – *“E isso mesmo fez veer os castellos de que guisa estavam, e mandoulos reparar de muros e torres e cavas darredor, e poços e çinternas onde compriam; e aas portas paredes travessas e pontes levadiças e cadafaises, e forneçel-los darmas e cubas e doutras vasilhas, segundo os logares homde cada huuns eram.”* **Fernão Lopes, Chronica de D. Fernando, cap. 1.**

Todo este tempo, senhora,  
Sempre por vos perguntei,  
Mas que farei que já agora  
De vos nem de mim não sei:  
Olhe vossa mercê lá  
Se me tem, se me matou,  
Porque eu vos juro que quá  
Morto nem vivo nam vou.

CHRYST. FALCÃO, OBRAS, P. 19 (ed. de 1871).

-“ *Fendibal, depois que se partio de Clarimundo, tanto andou toda aquella noite pelo Rio abaixo consolando a Dona, té que em amanhecendo vio andar huns pescadores lançandosuas redes, e começou de lhes bradar, que tomassem o Batel em que ella hia.”* **Barros, Clarimundo, liv. II, cap. 21.**

Disto que chamão cevada,  
Tão pouca cevada era,  
Que de sóvas de pancadas  
Lhe fazia o moço a ceva.  
JER. BAHIA, JORNADA II.

Vês? Comnosco tambem vence as bandeiras  
D'essas aves de Jupiter validas;  
Que já n'aquelle tempo as mais guerreiras  
Gentes de nós souberam ser vencidas.  
CAM., LUS., C. VIII, EST. 8.

-“*O irmão do morto, que se chamava Xircan, ficou tão escandalizado, que logo em seu animo tratou de sua satisfação; e foi dissimulando com o negocio o mais que pode, até buscar occasião, que a Fortuna nunca nega.”* **DIOGO DO COUTO, DÉCADAS, IV, LIV. X, CAP. 3.**

Deixa, que eu gozo os frutos do socego  
Na viçosa esperança de outro agrado:  
Deixa-me: Vai-te, que em melhor emprego

Se occupa novamente o meu cuidado:  
 Esse novo Pastor, em que me emprego,  
 Tem devezas tambem, tambem tem gado:  
 Finalmente mais nada te repito,  
 Delle gosto, de ti não necessito.  
 J. X. DE MATTOS, RIMAS, P. 170 (3ª ed.)

Albano, não te posso ouvir já agora,  
 Nem receber de amor a nova offerta:  
 Tens-me detido aqui ha mais de hum hora,  
 E deixei do casal a porta aberta:  
 Vai servir, já te disse, outra Pastora,  
 Não he dellas a Aldeã tão deserta:  
 Muito a tempo te aviso. E foi andando,  
 De quando em quando para trás olhando.  
 IDEM, IBIDEM, P. 176.

Torna a querer-me, torna: Mais pequeno  
 Farás meu mal em tão suave engano;  
 Que, posto que não seja teu Fileno,  
 Também não sou, no que pareço, Albano:  
 Por amar-te olha a quanto me condeno,  
 Que ouço, e não creio o mesmo desengano.  
 Que mais queres de mim? Tudo está dito:  
 Té aceito em desculpa o teu delito.  
 IDEM, IBIDEM.

Quem é este inimigo generoso,  
 Que alma tam nobre em peito infiel incerra?  
 Quem é este guerreiro musulmano,  
 Que tam gentil, tan majestoso brilha  
 Nas picturescas arabes alfaias  
 Que o talhe heroico, o altivo porte, a graça  
 Esbelta, de marcial belleza arreiam?  
 GARRETT, D. BRANCA, C. II, CAP. 15.

Porém rompeu-se alfim: uma voz doce,  
 Lânguida como a frente da papoula  
 Que pende o ardor do sol, meiga e suave  
 Como o sussuro da aura matutina  
 Entre as flores do orvalho rociadas,  
 Uma voz disse: - ' Oh! Tem de mim piedade,  
 Oh! De minha fraqueza não abuses.  
 IDEM, IBIDEM, C. IV, CAP. 5.

- Sou o diabo.  
 - Zombas de mim, traidor?  
 - Não zomba, Affonso: ouve.  
 IDEM, IBIDEM, C. IX, CAP. 13.

7ª Entre dous verbos.  
 Senhora, pois nam deixais  
 A minha vida viver,  
 Jaa agora nam peço mais  
 Que deixar de laa morrer.  
 CHRIST. FALCÃO, OBRAS, P. 19 (ed. de 1871).

Por que moura cada hora  
 naum m'acabais de matar,  
 e por me mais magoar,  
 quando me mataes, senhora,  
 nam dais á morte lugar.  
 A vida vós a matais  
 pois a nam deixais viver,  
 Assi que nam peço mais  
 que deixar de lá morrer.  
 IDEM, IBIDEM.

Pois tudo tam pouco dura  
 como o passado prazer,  
 yssso me dá teer ventura  
 como deixal-a de teer.  
 IDEM, IBIDEM, P. 23.

Quem n'esta vida viveu  
 sem vos ver nam teve vida,  
 quem vos viu tem-na perdida,  
 quem vos nam viu mais perdeu;  
 mas o que se atreveu  
 ver-vos para se perder  
 nam houvera de morrer.  
 IDEM, IBIDEM, P. 26.

Em que eu seja lavradora,  
 Bem vos hei de responder.  
 Diabo Não vos agasteis vós ora,  
 Que, ou lavradora ou pastora,  
 Aqui vos hei de metter.  
 GIL VIC., AUTO DA BARCA DO PURG.

8ª Entre substantivo e verbo. – “*Clarimundo, ainda que seu irmão, e Fendibal eraõ as pessoas que neste mundo mais amava, parecendo-lhe que nisto offendia a verdade que devia a Clarinda, buscou hum sutil desvio por onde nada delle presumissem, e começou a dizer contra Fendibal: Eu creio, Senhor, que a causa de ir e ter onde me vós achastes foi minha mofina: porém a principal he esta*”. **Barros, Clarimundo, Liv. II, cap. 17.** – “*E depois de sua morte cada uma de nós poz tal provisão no seu com medo deste gigante, que matastes, que por força e sem razão nol-os queria tomar, que quasi lhe fizemos perder a esperança de os poder haver: e agora, havendo já dias, que não nos viramos, determinámos ajuntar-nos em uma ribeira, que aqui perto perto está, onde estando todas tres em uma tenda, acompanhadas de seis cavalleiros, este Calfurnio,*

que sempre teve suas espias sobre nos, nos salteou de feição, que alguns delles matou e os outros prendeu”. **Francisco de Moraes, Palmeirim d’Inglaterra, cp. 28** – “E porque deter-vos em palavras pera contra o que passa seria gran perda polo que pode succeder, hi vosso caminho, e valereis a Platir e Floramão que vão em mui grande risco de se perderem: e eu irei nas ancas do palafre, de Selvião, e se nos não podermos alcançar, juntemonos n’estes dez dias na ermida do Padrão esquerdo, que é d’aqui dez legoas; Palmeirim ficou naquelle concerto, e pondo as pernas ao cavallo sem mais esperar tomou um galope apressado seguindo pelo valeabaixo.” **Idem, Ibidem, cap. 54.** – “Antes fora cáveyra que Relogio, se na minha mão estivera a faculdade de poder tomar officio”. **Francisco Manoel de Mello, Apologos Dialogaes, p. 26.** – “Mas visto que não pode ser, porque há prematica (pragmatica), de que ninguem nos engeyte.” **Idem, Ibidem, p. 88.** – “Eu já estava concessido quanto bastava para passar a noite, se a ouvera de velar”. **Jorge Ferreira de Vasconcellos, Ulysipo, act.v, sc 6.** – “Mão amo has de agradar por medo de empeorar”. **Idem, Euphrosina, act. I, sc. 3.** – “E com estas palavras, vendo que o Solitario estava apercebido, pôs as pernas ao cavallo, e feriraõ-se tão forçosamente, que cuidaraõ deste primeiro encontro haver fim aquella contenda, mas d’outra maneira aconteceo: porque Panflores foi logo levado fóra da sella, e no chaõ onde estava começou de pôr as mãos sobre o coração dizendo, que lho arrancassem, porque não era costumado a soffrer tão ásperas dores”. **Barros, Clarimundo, Liv. II, cap. 15.** – “E a noite em que este concerto estava feito, levantou-se de junto de sua prima Alderiva, e foi-se á janella das grades primeiro que Clarinda, e esperou alli té que Clarimundo veio, e passou com ella o que elle cuidava passar com Clarinda sobreveio, e começou de a chamar cuidando ser Alderiva: mas conhecendo-a na falla quasi toda turvada perguntou-lhe o que fazia alli, e com quem fallava.” **Idem, Ibidem, cap. 18.** – “Porque tenho sentido em minhas carnes serdes o melhor. Cavalleiro de quantos vi, mas será em cousas que a minha honra não fique com escandalo, que d’outra maneira antes quero a morte honrosa, que a vida com magoa: o meu nome he Arfiam dela Prosa: às vezes me chamaõ Cavalleiro da morte, e vida, pela que trago pintada no meu escudo: aquelloutro Cavalleiro ha nome Orlandor de Panfista, ambos somos primos, e da casa do Emperador Polinario, vede o que mais quereis de nós, pois tendes sabido o que pedistes?” **Idem, Ibidem, cap. 20.** – “Clarimundo, ainda que estava bem descuidado de Filena alli vir, quando a vio entrar conhecendo-a logo levantou-se mui prestes, não podendo soffrer este alvoroço, e começou de lhe mostrarcom grandes gasalhados o amor que lhe tinha.” **Idem, ibidem, cap. 22.** – “E entrando todos na sua camera foi por ellas desarmado, e cuberto com hum roupaõ mui rico, que pera os taes tempos tinhaõ feito: e como a estas horas o jantar estava aparelhado, puseraõ-se com elle á mesa; cada huma por sua maneira taõ gentilmulher, que Clarimundo folgava de as ver: e pesava-lhe, porque não podiaõ ambas ficar contentes, determinando-se aquelle casode seu herdamento; pois huma só o havia de levar, segundo lhe tinhaõ dito: mas como isto era não no sabia, nem menos o quisera saber.” **Idem, Ibidem, cap. 23.** – “Grandemente ficou Clarimundo turvado com esta demanda, taõ fóra de sua condiçaõ, como grave pera fazer, por causa da lealdade que a Clarinda tinha: e começou com algumas palavras de se despedir disso, dizendo que lhe seria aspera cousa contentar-se de huma, e descontentar a outra: que a seu juízo ambas lhe pariciaõ igualmente pera as amar, e servir como irmãas, e não d’outra maneira, que se isto bastava, se não que lhe perdoassem.” **Idem, Ibidem.** – “Orjaque, como quem lhe tinha boa vontade, foi-se logo mui prestes armar, e veio com dous sobrinhos mui bons Cavalleiros, e vinte peaens, determinando de o matar se logo não concedesse em tudo: e tornando onde Clarimundo estava em meio das duas irmãas, que o não leixavaõ partir, começou de se desenvolver contra elle.” **Idem, Ibidem.** – “E

como Clarimundo as vio ficar taõ contentes, despedindo-se de todos, já mui amigo dellas pela razaõ que ahi havia, começou de seguir o caminho da Floresta encantada”. **Idem, Ibidem, cap. 24.** – “Partindo elle, ficaraõ todos quatro levando a melhor vida que os homens levarãõ: que estas irmãas além de sua fermosura eraõ mui ricas, e abastadas de totalas cousas pera a deleitação da vida, e por espaço de hum mez que estes Cavalleiros alli estiveraõ, emprenhou Altamira, que foi pera ella grande contentamento, pois naõ sómente aquele filho a fazia herdeira, mas ainda lhe havia de dar tanto louvor com suas obras.” **Idem, Ibidem.** – “E debaixo deste coruchéo estava huma sepultura a maneira de Eça, que tinha cincoenta degrãos de huma pedra negra, e nos cantos da quadra desta sepultura estavaõ estas quatro alimarias feitas de metal, que o sustinhaõ sobre si: hum Leão, hum Tigre, hum Touro, e hum Grifo, feitos taõ artificiosamente, e com tal espirito, e agudeza nos olhos, e em totalas outras feiçoens, que enganavaõ a vista pera os temer, e naõ pera folgar de olhar”. **Idem, Ibidem, cap. 25.** – “Este, vendo-se rico, e poderoso, chamando-o sua fortuna pera muitas cousas, sabendo que ElRey desejava de o haver ás mãos, entrou hum dia na Cidade de Camorcant com os que o seguiam, e tomando ElRey descuidado, entrou em seus Paços, e o matou, e como tinha posse, e cabedal, mandou commetter a todos os principaes grandes partidos, dando muito dinheiro a muitos, que logo lhe acudiram; em fim elle se fez Rey pacifico, e quieto.” **Diogo do Couto, Decadas, IV, Liv. X, cap. 2.**

**ANEXOS  
SÉCULO XX**

## ANEXO 3

AULETE (1911). *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*.

**De:** (de), prep. cujo uso mais geral é caracterizar o complemento restrictivo: Juramento *de* fidelidade. Vontade *de* comer. Dia *de* fazer mercês e *de* alegrar a todos (Fr. L. de Sousa). [Supprime-se-lhe o e, quando se segue o artigo o e a, com o qual fôrma uma palevra só: O brilho *do* diamante, a arte *da* guerra.] || Ás vezes tambem caracteriza os outros complementos: Arrancam das espadas *de* aço fino (Camões). Começaram *de* subir a um mesmo tempo (J. F. de Andrade). Nunca o forte deixou *de* cahir, se por vontade se metteu nas occasiões (Fr. Th. de Jesus). A morte que via é consequencia ordinaria *da* guerra (M. Bernardes); Não vos alegrais *de* nos ver contentes? (Garrett); Ando vestido *de* um panno grosseiro (Vieira). || Serve para ligar os verbos no infinito aos auxiliares ter e haver: Enfim, se nem para os meus intimos valer o que eu tenho *de* bosquejar... (Castilho); Trahido por uns, desamparado por outros, por onde havia o paiz *de* levantar as esperanças? (R. da Silva). || Exprime a relação *de* uma denominação especial: D. João *de* Castro. O alfageme *de* Santarém. O cego *da* viola. O corneteiro *de* Badajoz. Um bravo *do* Mindello. A rua *do* Oiro. A cidade *de* Lisboa. || A de pertença, origem, proveniencia: O palacio *do* rei. Os sonetos *de* Camões. O vento *do* norte. Agua *da* fonte. || A de natureza, qualidade, caracter, indole, tendencia, vocação: Corrente *de* agua. Baptismo *de* fogo. Acto *de* coragem. Coração *de* bondade. Homem *de* intrigas. || A *de* destino, fim, accomodação, apropriação, uso applicação (substituindo a prep. para): Sala *de* baile. Mesa *de* jantar. Coisas *de* comer. Espingarda *de* caça. Tinta *de* escrever. Botas *de* agua. Pente *de* alizar. Relogio *de* algibeira. || A de profissão, occupação: Homem *do* mar. Engenheiro *de* minas. || A de disposição, tenção, proposito: Estar *de* partida para a India. || A de estado, condição, emprego, serviço: Estar *de* dieta, *de* purga. Ficar *de* guarda. || A de naturalidade, situação, habitação: Os negros *de* África. Estar *de* cama. A casinha *do* monte. As pessoas *d'* esta casa. || A de principio ou ponto de partida, de termo de comparação: Trabalho *de* pela manhã até á noite. (Vieira). *De* Paris a Roma vai grande distancia. *Dos* trinta aos quarenta annos. Subir *de* soldado a general. Ha entre elles tanta differença como *do* dia á noite. || A de passagem, mudança: Ir *de* Lisboa ao Porto. *De* amarelo tornou-se branco. || A de duração, idade, data: Guerra *dos* trinta anos. Homem *de* quarenta annos. Pão *de* hontem, carne *de* hoje e vinho do anno passado. || A de conformidade, conveniencia, propriedade: Mas quem tem o coração folgado, folgue-lhe o rosto como é *de* razão (Garrett); Eu sou o padre Froilão, *de* natural folgazão (Idem). Praticou uma acção de cavalheiro. Coração de mãe. Um costume de todos os tempos. || A de composição, formação, participação, constituição: Os deputados *da* maioria. Bosque *de* loireiros. Campo *de* trigo. Oleo *de* amendoas doces. Uma rua *de* arvores. Uma casa *de* tres andares. || A de materia: Estatua *de* bronze. Borrão *de* tinta. || A de assumpto, objecto (substituindo as prep. *sobre*, *ácerca*, *emquanto*): Livro *de* viagens. Escriptura *de* dote. Murmurar *das* vidas alheias. Tanto ganham *de* estimação as coisas quando se perdem, e tanto accrescentam *de* gosto quando se recobram (Vieira). || A de fôrma: Chapeo *de* tres bicos. Cadeira *de* braços. || A de instrumento: Um arabe armado *da* sua comprida lança (Herc.); Luis da Silva Mouzinho e Albuquerque, que morto *de* bala na batalha de Torres-Verdas... (Teix. de Vasconcellos) Dar *de* esporas. || A de dimensão: Um monte *de* 500 metros de altura. || A de valor: Charutos *de* vintem. || A de quantidade, numero: Exercito *de* trinta mil homens. Um livro *de* trezentas paginas. Povoação *de* mil almas. || A de causa: (substituindo a prep. *por*): O incommodo *de* andar a pé. Assim baixou



Santa Iñez a consolar seus paes opprimidos *de* tristeza (M. Bernardes). Saudades *da* pátria. Remorsos *do* crime. || A de modo: Deitar-se *de* costas. Andar *de* carruagem. Viver *da* sua agencia. || Ás vezes emprega-se como partitivo: O valle de Santarem é um *d'*estes logares privilegiados pela natureza (Garrett). *Dos* fidalgos alguns ficaram em Castella, onde serviam (Teix. de Vasconcellos). E haver quem deplora a vida como breve, quando n'ella cabem *d'*estas immensidades! (Castilho). *De* tudo quanto ha de mais saboroso e nutritivo para a alma (Idem). || Em certas phrases entra como expletivo sem significação alguma: O diabo *do* homem. Um coitado *de* um pastor (Bern. Ribeiro). Triste *de* mim, que será? (Idem). || Quando collocado entre um substantivo e o mesmo substantivo repetido no pl., exprime excellencia, primazia: O cantico *dos* cânticos. O livro *dos* livros. O rei *dos* reis. || Colloca-se depois dos comparativos para determinar o segundo termo da comparação: O mais sábio *de* todos os homens. Ninguem trabalha mais *do* que elle. || Ás vezes, precede os substantivos, os adjectivos e os adverbios para formar locuções adverbias: *De* baixo. *De* mais. *De* fora. *De* dentro. *De* cima. *De* novo. *De* todo. *De* boamente. *De* novamente. || Tambem se colloca depois dos nomes adverbias para formar loc. prepositivas: Debaixo *de*. Junto *de*. Antes *de*. Depois *de*. || F. lat. *de*.

## ANEXO 4

FREIRE (1939/1944). *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*.

**De:** prep. Lat. *de*. Partícula de grande emprêgo na língua portuguesa. De modo geral, esta preposição pode ser empregada nos seguintes casos: 1 – Entre dois substantivos, exprime: *a* - relação atributiva possessiva que era expressa pelo genitivo latino: livro *de* Pedro, soneto *de* Camões, remédio *da* dôr”; A bôca *de* Capitú iniciou um movimento inverso, relativamente à minha (Machado de Assis); *b* – o complemento restritivo: “Juramento *de* Felicidade”; “O Barbato deu um rugido *de* fera” (Rebêlo da Silva); “ Nas batalhas e combates pagava com a sua pessoa, mais do que o dever *de* capitão, era soldado” (Id.); Estou desligado da minha palavra *de* honra, primo Peçanha, desde o momento em que essa filha amaldiçoada alienou os sentimentos *de* brio” (Camilo); *c* – a relação de uma denominação especial: “ O alface *de* Santarém”; *d* – a de pertença, origem, proveniência: “ O palácio *do* rei”; “Silvestre, como sabes, tinha muita lição *de* maus livros” (Camilo); “Dalí a pouco uma voz argentina *de* mulher falou à porta” (Camilo); *e* – a de natureza, qualidade, caráter, índole, tendência, vocação: “Corrente *de* água” (Aulete); *f* – a de destino, fim, acomodação, uso, aplicação (substituindo a prep. para): “Sala *de* baile”; *g* – a de profissão, ocupação: “Homem *do* mar”; *h* – a de disposição, tendência, propósito; *i* – a de naturalidade, situação, habitação: “Os negros *de* África”; *j* – a de duração, idade, data: “Guerra *dos* trinta anos”; *l* – a de composição, formação, participação, constituição: “Os deputados *da* maioria”; *m* – a de matéria: “Estátua *de* bronze”; “ e tôda a sua riqueza consistia em um par *de* braceletes *de* marfim” (C. Neto); *n* – a de assunto, objeto (substituindo as prep. *sobre*, *acerca*, *de*, *quanto a* ) “Livro *de* Viagens”; *o* – a de forma: “ Chapéu *de* três bicos”; *p* - a de dimensão: “Um monte *de* 500 metros”; *q* – a de valor: “Charutos *de* vintém”; *r* – a de quantidade, número: “Exército *de* tinta mil homens”; *s* – a de causa (substituindo a prep. por); *t* – a de excelência, primazia, quando colocada entre um substantivo e o mesmo substantivo repetido no plural: “O cântico *dos* cânticos. O rei *dos* reis”. 2. Caracteriza o complemento terminativo de alguns verbos, adjetivos e substantivos: “ O tempo decorrendo *sobre* o castelo de Santa Olaia vestiu-lhe as pedras *de* musgo” (Rebêlo da Silva). “o porteiro Gundes gozava *da* merecida reputação de ser o mais crasso e estúpido animal de Coimbra (Id.). “Eu seria capaz *de* mendigar por portas para sustentar minha mulher” (Camilo). 3. Com os auxiliares *ter* e *haver* e o infinitivo presente impessoal de outros verbos, forma locuções perifrásticas do futuro em linguagens projetadas: “*ter de* sair, *haver de* fazer”. “Fr. Múnio já não sabia o que havia *de* dizer para acalmar tamanho desespero” (Rebêlo da Silva). Obs.: “ Com o *haver* forma-se o futuro promissivo, que indica promessa, resolução: Eu hei-*de* partir; com o verbo *ter* forma-se o futuro obrigatório, que indica mera obrigação ou dever *do* sujeito: Eu tenho *de* partir” (E. Carlos Pereira). 4. Pospõe-se a certos verbos transitivos, quando seguidos do infinitivo: “começou *de* fazer, pegou *de* berrar”. “Raramente a bêsta deixava *de* mostrar por um gesto que acabava de receber o mundo” (Machado de Assis). Obs.; A preposição *de* aparece às vêzes mesmo quando o infinitivo é sujeito: “Ainda agora nos não pesa *de* o havermos feito” (Castilho). 5. Emprega-se com inúmeros verbos para designar o agente da passiva, substituindo a preposição *por*: “É amado *de* todos”. 6. usa-se no complemento predicativo dos verbos transobjetivos: “alcunhou-o *de* santo”. 7. Serve de termo de ligação, no grau superlativo relativo dos adjetivos: “o mais sábio *dos* homens, o sapientíssimo *dos* homens”. 8. Constitue o artigo partitivo, antes do complemento objetivo de certos verbos: “Comerás *do* pão, beberás *do* leite”. 9. Auxilia a

formação de inúmeras locuções prepositivas: *a* – funcionando como elemento principal (junto *de*, a respeito *de*); *b* - regendo o substantivo fundamental da expressão: “*De* envolta com”. 10. Entra na formação de conjunções locucionais, regendo o substantivo fundamental da expressão: “*de* modo que”. 11. Auxilia a formação de inúmeros adjuntos circunstanciais, que exprimem idéia de: *a* – origem de um movimento, direção, proveniência: “*De* Campinas a São Paulo”; *b* – o tempo desde que: “Trabalhar *da* manhã à noite; *de* julho a dezembro”; *c* – o modo ou maneira: “Cair *de* joelhos, deitar-se *de* bruços; ir *de* corrida; andar *de* rastos”; *d* – o meio ou instrumento: “Armado *de* punhal; picar *de* esporas”; *e* – a causa, razão ou motivo: “Cair *de* cansado; recuar *de* espanto; louco *de* dôr”; *f* – o tempo em que: “Partir *de* manhã; levantar-se *de* noite”; *g* – estado, situação, condição: “ficar *de* guarda; estar *de* cama”; *h* – conformidade: “Vivem *de* harmonia”; *i* – estado, condição, emprêgo, serviço: “Estar *de* dieta, *de* purga”. 12. Entra na formação de certas preposições ou advérbios: *depois*, *desde*, *debaixo*, *demais*, *detrás*, etc. 13. Combina-se com certas preposições, como *sôbre*, *sob*, *entre* e outras a que o sentido permitir: “*De* *sôbre* as casas. *De* *entre* o arvoredado, Saiu *de* junto dêle”. “E.B., obdurado e descaridoso, não queria sair *de* entre as bambinelas da dorna” (Camilo). 14. Em certas frases, entra como expletivo, sem significação alguma: “Um coitado *de* um pastor” (Bernardim Ribeiro).

## ANEXO 5

MORAIS SILVA, (1987). *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*.

**De:** *prep.* Indicativa de numerosas relações, umas correspondentes ao genitivo, outras ou ablativo latino. Assim, indica: a posse “*casa do pai*”; a qualidade: “*homem de talento*”; a espécie: “*uva de ferral*”; a matéria: “*vaso de barro*”; o lugar donde: “*veio de Lisboa*”; o tempo: “*chegou de manhã*”; a origem ou proveniência: “*descende dos Godos*”; o estado de que se passou: “*do cajado ao ceptro*”; o modo: “*entrou de mansinho*”; a causa: “*morreu de fome*”; parte do todo, o todo de que se indica a parte: “*três dos oito que eram*”; o conteúdo e a repleção: “*um copo de água*”; o meio e o instrumento: “*golpe de espada*”; dimensões, medida, valor, quantidade, preço: “*seis metros de comprimento*”; “*vestido de 200\$00*”; condição, profissão, família: “*homem de letras*”; família *dos Castros*; serventia, destino, uso: “*lenço de algibeira*”; fim, objecto, assunto; “*livro de reza*”; comparação: “*mais ou menos do necessário*”; superlatividade (hebraísmo): “*cântico dos cânticos*”; determinação: “*cidade de Santarém*”; “*o ano de 1945*”; títulos de obras ou capítulos: “*De gramática e Linguagem*”; o agente da passiva: “*ferido de raio*”; expletivo: “*o bom do homem*”; postura, indumento, estado de saúde ou de relações: “*de joelhos*”; “*de chinelos*”; “*de cama*”; “*de luto*”; apresentação “*de torva catadura*”; limitação ou restrição: “*cego do olho direito*”; complemento terminativo: “*depende das circunstâncias*”; “*descer-se do muro*”; etc. || Antigamente, usou-se, em vez de aposto em casos em que hoje se não usa: “*rio do Tejo*”. || Entra na formação de muitas locuções: *de mais, de menos, de cor, de longada, de súbito, de passagem*, etc. || Indicativa de várias relações correspondentes ao ablativo latino e a que nós chamamos complementos circunstanciais. Assim: rege o de modo: entrar *de mansinho*; o de tempo: *de hoje* em diante; o de causa: morrer *de fome*; o de lugar: saia *daqui*; o de matéria: feito *de pedra e cal*; o de afirmação: afirmou-me *de certeza*, etc. Rege o complemento possessivo: casa *de meu pai*; o determinativo: cidade *de Santarém*; o restritivo ou limitativo: cego *de um olho*; rico *de bens*; o qualitativo: homem *de talento*; o especificativo: uva *de ferral*; etc. Pode reger o complemento indirecto especial ou terminativo; lembrou-se *de mim*; o directo: “*determinou de dar a doce vida*”. Segue a *mais, menos, maior, menor* nas comparações; *mais de vinte anos*; *menos do desejado*; *maior da marca*; *menor de sete anos*. Vale por “*desde*”: “*costumado de menino*”. Indica origem ou proveniência: de família ilustre; oriundo *da América*. Exprime apartamento: “*ficou el-rei quieto da guerra*”. Junta-se a infinitos: entrou *de chover*; começa *de servir*. Usa-se, como expletivo, com adjectivos substantivados: o pobre *do homem*; e com substantivos: o diabo *do homem*. Entra em diversas locuções: *junto de, perto de, longe de, apesar de, a fim de, em volta de, em torno de, em redor de*, etc. Contraí-se com artigos, pronomes e advérbios começados por vogal: *do, da, dos, das, deste, desse, daquele, daquilo, daquém, dalém, daqui, daí, donde*, etc. Entra na formação dos superlativos relativos: o maior *de todos*, o menor *dos dois*; o mais aplicado *dos alunos*. Emprega-se com que intensivo e com assaz: que *de belezas!*”; assaz *de coisas*; etc.

**ANEXOS**  
**SÉCULO XXI**

## ANEXO 6

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (2001).

**De prep.** (Do lat. *de*). **A.** Valores semânticos: **I.** Na expressão de valores locativos, indica: 1. Lugar onde e donde. *Assisti a todo o espectáculo de minha varanda. Chegou de Paris ontem.* 2. Ponto de partida de um movimento. *Abalou de casa bem cedo.* 3. Ponto de partida e ponto de destino de um movimento, em correlação com a prep. *a* ou com a prep. *para*. *Ele foi de Lisboa a Moscovo em cinco horas. Vim de casa para aqui a pé.* 4. Intervalo no espaço, em correlação com a prep. *a*. *De casa dele à farmácia serão uns trezentos metros.* 5. Periodicidade no espaço, em correlação com a prep. *em*. *De cinqüenta em cinquenta metros há um poste. De longe em longe lá aparecia uma ou outra casa.* 6. Destino. *Na estação tomou o comboio de Sintra.* 7. Intervalo, distância (com os advérbios longe e perto). *Siga-o de perto por entre a multidão.* **II.** Na expressão de valores temporais, indica: 1. Tempo em que alguma coisa decorre ou período de funcionamento. *Tem as aulas de manhã.* 2. Tempo que decorreu a partir de um momento passado. = *Desde*. *De há muito que eu vejo esse drama.* 3. Limite no tempo: *Estamos ainda a dois meses de janeiro.* 4. Duração. *Tive uma aula de duas horas.* 5. Intervalo de tempo, em correlação com a prep. *a*. *De 1914 a 1918 decorreu a Primeira Guerra Mundial.* 7. Periodicidade, em correlação com a prep. *a* ou com a prep. *em*. *A reforma chega de mês a mês. De tempos a tempos ele parece por cá. De dez em dez anos faz-se o censo da população.* 8. Progressão, quando há repetição de substantivos que indicam tempo e em correlação com a prep. *para*. *Nesta altura do ano o sol nasce mais cedo de dia para dia.* **III** Na expressão de outros valores, indica: **I** Causa. *O miúdo está a tremer de frio. De tanto correr cansou-se.* 2. Modo. *Bebeu o copo de um trago.* 3. Qualidade, característica ou função. *Todos o consideram um artista de génio. Acabei por comprar uma camisa de manga curta. Faz de protagonista naquela peça de teatro. “ela sempre fora de pouco sustento”.* (AQUILINO, *Batalha*, p. 172). 4. Característica específica expressa através de uma comparação implícita. *Tinha atitudes de criança. “a sua voz tinha a carícia de rabeça em surdina”.* (D. MOURÃO-FERREIRO, *Amor Feliz*, p. 57). 5. Estado. *Estava de bom humor.* 6. Fim. = *para*. *Iniciou uma dieta de emagrecimento. É preciso estabelecer um programa de protecção ao meio ambiente.* 7. Pertença, posse, parentesco, autoria, relação de dependência ou de determinação. *Analizou as propriedades de certos ácidos. Era o sobrinho de Maria. A obra de Camões tem projecção mundial. Os lados de um triângulo equilátero são iguais. Os dias de Inverno são mais curtos.* 8. Assunto. = *acerca de, sobre*. *Tem uma filosofia de vida muito peculiar.* 9. Matéria. = *em*. *Os objectos de barro são vendidos ali.* 10. Meio. *Parece que aprecia viver de expedientes. “Tenho aí [...] centenas de esboços, uns com modelo à vista, outros bosquejados de memória”* (D. MOURÃO-FERREIRA, *Amor Feliz*, p. 21). 11. Origem, proveniência, localização. *As pessoas de Trás-os-Montes tinham ali um tratamento especial. Está com dor de cabeça. Nesta festa há muita gente de Lisboa.* 12. Conseqüência. *O espectáculo era de arrepiar.* 13. Estado, processo ou situação: *Parece que ele está de dieta. O meu irmão está de baixa, não vai trabalhar. Pôs o casaco de lado. Deixou o bacalhau de molho.* 14. Relação, ponto de vista considerado. = *em relação a, quanto a*. *O meu filho melhorou de rendimento escolar. Conheço este juiz de nome.* 15. Situação de partida num processo de transformação. 16. Conteúdo. *Deram-me um copo de água fresca.* 17. Continente. *Comida de lata.* 18. Perspectiva. *Fez-lhe o retrato de perfil.* 19. Medida. *Procuro um móvel de quatro metros para a sala. Adiantei o relógio de um minuto. Prolongou-se a*

*pista de um quilómetro. Acrescentei de dez litros a água da caldeira.* **20.** Quantidade. *Preparou a invasão com um exército de dez mil homens.* **21.** Meio de locomoção. *Gosto de nadar de carro, já menos de avião.* **22.** Preço, valor. *No supermercado, há cadernos de cem escudos. Só tenho uma nota de mil escudos.* **23.** Posição corporal. *O médico mandou-o pôr de bruços.* **24.** Identidade. *A cidade de Lisboa encanta os estrangeiros.* **25.** Progressividade, em correlação com a prep. *em.* *De vitória em vitória adquiriu pretígio.* **26.** Intervalo em cálculo aproximado, em correlação com a prep. *para.* *Creio que precisarei apenas de dez para quinze contos.* **27.** Confronto recíproco, em correlação com a prep. *para.* *Tivemos uma conversa de pai para filho.* **28.** Relação entre factores, em correlação com a prep. *para.* *A temperatura de agia difere muito de Norte para Sul. Os gostos variam de pessoa para pessoa.*

**B.** Funções gramaticais: **I.** Introduz complementos de verbos, substantivos, pronomes, adjectivos, advérbios, numerais e interjeições. *Gostava de filmes cómicos. Era uma terra de grandes sarilhos. Qual de todos estes candidatos te parece mais capaz? Sempre me pareceu digno de elogios. Independentemente de concordar ou não com as suas idéias, reconhecia o seu valor. Milhares de pessoas aclamaram o cantor. Ai de todos os que não se prepararem desde já!* **II.** Antes de substantivos e pronomes: **1.** Introduz o segundo termo de comparação, precedido dos adv. *mais* ou *menos*. *Espero por esse trabalho há mais de uma semana. Tem menos de cinquenta anos.* **2.** Indica comparação com valor intensivo, ao reger alguns pronomes demonstrativos com que se contrai: = *como*. *Já quase não há homens daqueles. Coisas destas nunca se tinham visto aqui.* **3.** Introduz o complemento do superlativo relativo. *Temos pela frente o mais forte de todos os adversários.* **4.** Tem, por vezes, função partitiva, indicando uma parte de um todo. *Não comia de outro pão.* **5.** Introduz o agente da passiva. = *por*. *Esse autor é conhecido de todos os adolescentes.* **6.** Liga um substantivo predicativo, deverbal ou não, ao seu sujeito ou objecto. *A decisão de Maria surpreendeu-o. Medo de alturas.* **7.** Liga um atributo (substantivo ou adjectivo) a substantivo que se lhe segue. “*Ah, cadela de vida*”. (AQUILINO, *Batalha*, p. 10). **8.** Expressa a noção de superlativo quando colocado entre o singular e o plural de um substantivo, contraindo-se com o artigo definido que o antecede. *Ali a festa das festas é o Natal.* **9.** Precede o determinante indefinido em frases exclamativas ou quando se segue expressão de tipo consecutivo e apresenta valor superlativo. *Ele é de uma simpatia! Ela é de uma beleza que só visto...* **10.** Liga, adjectivando-o, um substantivo deverbal a um substantivo anterior. *Utilizou modelos de uso na comédia. Tenho alguns livros de empréstimo.* **11.** Liga um substantivo qualificador ao seu referente. *Ele estava no seu apogeu de sedutor. Tudo deve ser feito para diminuir a taxa de mortalidade nas estradas.* **12.** Liga uma forma predicativa a um seu complemento ou inverso. *O comboio vem com atraso de cinco minutos. O comboio vem com cinco minutos de atraso. Foi uma espera de dez anos. Foram dez anos de espera.* **III.** Antes de infinitivo: **1.** Em conjunções perifrásticas, liga alguns verbos auxiliares ao infinitivo, exprimindo noções como as seguintes: obrigação, dever, intenção, possibilidade, futuro potencial, realização recente... *Tenho de estudar mais. Hei-de pensar nisso. Tais ocorrências são de admitir nalguns países. O meu irmão acaba de visitar um amigo no hospital.* **2.** Depois de alguns adjectivos e seguido de infinitivo pode corresponder a frases de sujeito genérico ou a frases em que o infinitivo funciona como sujeito. *Este relatório é fácil de fazer. (Este relatório faz-se facilmente ou Fazer este relatório é fácil).* **IV.** Introduz frases infinitivas e não se deve contrair com a vogal de artigos, pronomes ou advérbios que iniciam essa frase. *A hipótese de o dinheiro vir dali e de alguém fazer por isso era remota.* **V.** Introduz frases relativas com verbo no modo indicativo ou no modo conjuntivo. *A rapariga de que te falei mora aqui. Desconfiava de quem fosse de poucas falas.* **VI.** Introduz frases interrogativas directas ou indirectas com o verbo no modo

indicativo. - *De que estás a falar? Não sabia de onde vinha aquele dinheiro.* **VII.** Introduz frases completivas com o verbo no modo indicativo ou no modo conjuntivo. *Queixou-se de que entraram depois das nove. Duvidou de que estivesse tudo ali.* **VIII.** Entra na formação de locuções prepositivas, adverbiais, conjuntivas ou adjectivas. *Apesar de. De encontro a. De antemão. A fim de que. De temperamento. De interesse.* **IX.** Entra na formação de nomes próprios. *Luís de Camões. Rio de Janeiro.*



## ANEXO 7

AURÉLIO, (2001). *Novo dicionário Aurélio: dicionário eletrônico*.

**de**

[Do lat. *de*.]

Preposição. Partícula de larguíssimo emprego em português. Usa-se, além de noutros casos, nos seguintes:

1. Entre dois substantivos, indicando: a) relação atributiva possessiva que era expressa pelo genitivo latino:

*casa de João; a biblioteca de Murilo Mendes.* b) adjunto adnominal:

*jura de amor;*

"os bisonhos milicianos seriam transformados em bons elementos de combate, ao contacto da gente belígera de Pernambuco" (Elísio de Carvalho, *Brava Gente*, p. 43); "Não havia .... um problema tão grave quanto o da falta de meios de transporte." (Fausto Cunha, *Caminhos Reais, Viagens Imaginárias*, p. 81). c) a relação duma denominação especial:

*o alcaide de Santarém.* d) a de pertença, proveniência, origem:

*o paço do imperador; uma voz de moça.* e) a de natureza, qualidade, carácter, índole, pendor:

*curso de água;*

"O sol agora é de um fulgor compacto." (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 81); "eu era... maneira de corpo" (Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, p. 183). f) a de fim, destino, acomodação, uso, aplicação (equivalendo à prep. *para*):

*máquina de escrever; sala de recepção.* g) a de profissão, ocupação:

"Homens do mar!" (Castro Alves, *Obra Completa*, p. 278);

*moço do comércio.* h) a de tenção, disposição, propósito:

*homem de luta; atitude de provocação.* i) a de naturalidade, habitação, situação:

*negro da Abissínia; animais de países frios.* j) a de duração, idade, data:

*um trabalho de três meses; moça de 22 anos; as ocorrências de ontem.* l) a de formação, composição, participação, constituição, conteúdo:

*os senadores da oposição; um copo de leite.* m) a de matéria:

"Agora contarei a história do relógio de ouro." (Machado de Assis, *Histórias da Meia-Noite*, p. 199); "Boneca de pano dos olhos de conta, / vestido de chita, cabelo de fita." (Jorge de Lima, *Obra Completa*, I, p. 268). n) a de assunto, objeto (equivalendo às prep. *sobre, acerca de, a respeito de*):

*obra de crítica literária; um ensaio de economia.* o) a de forma:

*chapéu de dois bicos.* p) a de dimensão:

*um sofá de três metros.* q) a de valor:

*uma jóia de milhões.* r) a de quantidade, número:

"— Muito bem, .... um exército de sessenta mil homens entrará em Portugal e fará..." (Rebello da Silva, *Contos e Lendas*, p. 172). s) a de causa (equivalendo à prep. *por*):

*sofrimento de amor;*

"Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida." (Florabela Espanca, *Sonetos Completos*, p. 60).

t) a de primazia, quando posta entre um substantivo e este mesmo substantivo repetido no plural:

*o poeta dos poetas;*

*o rei dos reis.*

2. Introduz o complemento terminativo de alguns verbos, adjetivos e substantivos:

"Falas de amor" (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 43); "De cumprir meu voto ninguém poderá mover-me" (Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, II, p. 303);

*É incapaz de odiar.*

3. Com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e o infinitivo impessoal de outros, forma locuções perifrásticas do futuro:

*Hei de vencer;*

"Ah! Por todos os séculos vindouros / Há de travar-se essa batalha vã / Do dia de hoje contra o de amanhã" (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 115); "os membros seus inermes / Têm de ser fatalmente o pábulo dos vermes / Frios e roedores..." (Raimundo Correia, *Poesias*, p. 179).

4. Pospõe-se a certos verbos, quando seguidos de infinitivo:

"Começais hoje, solenemente, de pagar o vosso tributo." (Amadeu Amaral, *O Elogio da Mediocridade*, p. 86); "e se dignou de falar ao seu servo" (P.<sup>o</sup> Manuel Bernardes, *Vários Tratados*, I, p. 195);

*Deu de gritar; Principiou de rezar; Entrou de falar.*

5. Usa-se com numerosos verbos para designar o agente da passiva (equivalendo a *por*):

"De balas traspassado / — Duas, de lado a lado —, / Jaz morto, e arrefece." (Fernando Pessoa, *Poesias de Fernando Pessoa*, p. 219.)

6. Emprega-se no predicativo de verbos transobjetivos:

*Tacham-no de maluco;*

"Chamaram de 'mensagem' ao tomito precedente *Música e Pensamento*" (Fidelino de Figueiredo, *Um Homem na Sua Humanidade*, Prólogo);

*Apelidaram-no de Bolinha.*

7. Funciona como termo de ligação, no superlativo relativo dos adjetivos:

"Fi-los [estes versos] pensando em ti, fi-los pensando / Na mais pura de todas as mulheres." (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 49.)

8. Funciona, às vezes, como partitivo:

*Comeu do pão e bebeu do vinho.*

9. Contribui para formar inúmeras locuções prepositivas:

*perto de; longe de; de pé; a propósito de; à feição de; de acordo com; de concerto com.*

10. Entra na constituição de locuções conjuntivas, regendo o substantivo fundamental da expressão:

*de arte que; de sorte que; de maneira que.*

11. Auxilia a formação de numerosíssimos adjuntos adverbiais, que exprimem: a) a origem dum movimento; direção, proveniência:

*de Belo Horizonte a Maceió.* b) o tempo desde que, ou o tempo em que:

"de segunda-feira até domingo" (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 110); "De madrugada os galos cantam, a quinta acorda" (Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 215); "De manhã saio em Olhão deslumbrado." (Raul Brandão, *Pescadores*, p. 282).

c) modo ou maneira:

"Caio de joelhos, trêmulo..." (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 103);

*Vi-o de costas.* d) meio ou instrumento:

*Armou-se de rifle;*

"armado de arcabuz" (Augusto dos Anjos, *Eu*, p. 114). e) causa, razão, motivo:

"Ele chorou de covarde" (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, II, p. 30); "Por entre as penhas / de incultas brenhas / cansa-me a vista / de te buscar." (Alvarenga Peixoto, em M. Rodrigues Lapa, *Vida e Obra de Alvarenga Peixoto*, p. 21). f) estado, situação, condição; emprego, posto:

*Está de cama; Ficou de sentinela; Passou uma semana de dieta; Está de balconista numa grande loja.* g) conformidade:

*Estão todos de harmonia; Acham-se de acordo.*

12. Combina-se, não raro, com certas preposições, como, p. ex., *sobre, sob, entre a*:

*Baixou de sobre o telhado; Surgiu de sob a terra;*

"Começava a soltar, dentre o arvoredor, / Verdadeiras risadas de cristal" (Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*, p. 153); "ouvimos então a gritaria das mulheres, que tinham vindo de a pé" (Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, p. 148).

13. Entra como expletivo em certas frases:

*um pobre de um mendigo; o infeliz do homem;*

"o bom do padre cura" (Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*, p. 157); "O bom do velho ao sobressalto acorda" (Alexandre Herculano, *Poesias*, p. 117). [Cf. *d*, e *dê*, do v. *dar* e s. m.]

## ANEXO 8

HOUAISS (2001). *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua Portuguesa*.

850-866 cf. JM<sup>3</sup>

### Acepções

#### ■ preposição

**1** relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos:

**1.1** procedência, ponto de partida, origem

Ex.: <chegou de Minas Gerais> <veio da cozinha para a sala> <queijo de Minas>

**1.2** lugar onde está o agente da ação

Ex.: <do alto avista-se a cidade> <ele telefonou de casa>

**1.3** assunto de que se trata

Ex.: falou de você e não de mim

**1.4** matéria

Ex.: estátua feita de ouro

**1.5** meio

Ex.: vive de rendas

**1.6** causa

Ex.: <cego de tanta claridade> <desmaiou de fome>

**1.7** instrumento

Ex.: ferido de faca

**1.8** modo

Ex.: <olhar de soslaio> <sair de fininho>

**1.9** tempo

Ex.: de manhã

**2** ligando dois substantivos (ou equivalentes), diretamente ou com auxílio de verbos de ligação (ser, estar, parecer etc.), adquire os sentidos:

**2.1** possuidor

Ex.: a casa (é) dos pais

**2.2** o autor de uma obra

Ex.: Os Lusíadas de Camões

**2.3** aquilo de que é parte

Ex.: <mão de pilão> <maçaneta da porta>

**2.4** finalidade

Ex.: vestido de festa

**2.5** local

Ex.: o carnaval da Bahia

**2.6** continente ou conteúdo

Ex.: <copo de água> <a água do copo>

**2.7** inclusão numa classe

Ex.: <jararaca da espécie Bothrops neuwiedi> <sócio do clube>

**2.8** característica genérica ou particular

Ex.: <indivíduo de respeito> <homem de nariz grande>

**2.9** semelhança

Ex.: escada de caracol

**2.10** tempo, época em que acontece

Ex.: <chuvas de verão> <pão de hoje> <presente de aniversário>

**2.11** constituição

Ex.: <comissão de alunos> <conselho de ministros>

**2.12** dimensão

Ex.: torre de 20 m

**2.13** valor

Ex.: vestido de cem reais

**2.14** instrumento, órgão ou dispositivo de manejo de uma coisa

Ex.: <carrinho de mão> <instrumento de percussão>

**2.15** destino (equivalendo a *para*)

Ex.: trem de São Paulo

**2.16** o produto de algo

Ex.: bicho-da-seda

**2.17** o agente (na voz passiva)

Ex.: queimado do sol da Bahia

**3** introduzindo objeto direto preposicionado, indica, p.ex., uma parte de um todo (uso partitivo)

Ex.: <comerás do pão, beberás do vinho> <provou do meu macarrão?>

**4** precedido da interjeição *ai* e antes de palavras como *coitado*, *infeliz*, *pobre* etc., indica o objeto da lamentação

Ex.: <ai de mim> <infeliz de ti>

**5** entra na formação de determinadas formas perifrásticas com verbos como *ter*, *haver*, *parar*, *deixar* etc. e o infinitivo do verbo principal

Obs.: ver gram a seguir

Ex.: <hei de vencer> <parou de chorar>

**6** entra em construções comparativas

Ex.: <o maior de todos> <é menor do que o irmão>

### **Etimologia**

prep. lat. *de* 'procedente de, a partir de, depois de, à custa de, feito de, por causa de, acerca de etc.', valores contextuais da prep. que, como el. estruturador, precede um determinante (voc., snt., oração) e o relaciona a um determinado (voc., snt., oração), para definir, no espaço ou no tempo, o ponto de partida ou de origem da relação; fora do espaço ou do tempo, define entre os el. inter-relacionados noções de fonte, posse, dependência, causa; no lat. a prep. *de* rege abl.; com o desaparecimento das desin. de caso, passa a indicar relações de posse, antes expressas pelo gen.; f.hist. 850-866 *de*, sXIII *de*, sXIII *di*

## ANEXO 9

BORBA, (2002). *Dicionário de usos do português do Brasil*.

**De prep. 1.** indica origem: *Leva a vida toda para sair do quarto* (ESC); *Mas indagavam lá dos seus botões que história tinha sido aquela do começo* (ASS) **2.** indica inclusão: *Renascera do lodo* (BP); *Irrompiam-lhe do fundo da alma gritos terríveis* (DE) **3.** Indica lugar; em: *dor de barriga* (BO); *os acontecimentos do grotão, entretanto, o revoltaram* (GRO) **4.** indica tempo passado: *a casa parecia fechada de muito* (GRO) **5.** indica percurso, por: *O suor escorria-lhe do rosto* **6.** entre: *Na melhor das hipóteses* (BP); *É a aristocrata das águas-de-colônia* (CRU); *uma de vocês vai ganhar este colar* (BO) **7.** indica destinação ou finalidade; para: *creme de barbear* (CRU); *coisa de comer* (CE); *uma série grande de aparelhos de luta contra o frio* (B) **8.** indica delimitação; com referência a: *céu limpo de nuvens*; *Ele era cerimonioso, inteligente, fino de observações, malicioso de intenções e limpo de boca* (CF) **9.** indica causalidade; devido a: *dormi foi de sono, não de porre* (NU); *ficou inchado de orgulho* (PE) **10.** indica quantidade: *orquídeas de 50 cruzeiros um paredão de 30 m* (DE); *Penetrou na Bélgica com um exército de 124 mil homens* (GU); *oito pagamentos de Cr\$ 130, 00* (REA) **11** (Coloq) indica estado ou condição; com: *Ficou de cabelo branco* (PE); *Fui trabalhar de pajem* (FA); *um homem de uns 30 e poucos anos* (ARR) **12.** em forma de: *escada de caracol* (BB) **13.** indica meio ou instrumento; com: *Foi de caminhão para o hospital* (FO); *nos observavam de óculos* (BP); *homens encolhidos pelo frio e devorados de solidão* (ARR) **14** indica ponto de partida numa enumeração; desde: *entrou numa repartição, viu que ninguém (do chefe ao contínuo) estava fazendo nada* (CB) **15.** indica posse: *a chave do apartamento* (ESC); *o cachorro do meu patrão* (AC); *gaúchos de alma grande* (CG) **16.** indica conteúdo; com: *Canecões de cerveja* (BB); *bule de café* (CHA); *trazendo nas mãos uma lata de goiabada* (ARR) **17** próprio de: *um olhar de galã* (PCO); *dentes de artista de cinema* (BO) **18** indica matéria; feito de: *bolinhos de fubá* (SRO); *passou a mão no jarro de louça* (MC) **19.** indica assunto; sobre: *falar de miséria, de latifúndio, de exploração?* (F); *até contavam de um mascate que aí atolou-se* (CG) **20.** indica disposição ou propósito; para: *Conhece-se o crente dos milagres o crente dos milgares pela sua tendência em cruzar os braços, fugindo à sua missão de luta* (CRU) **21** introduz complemento: *Wilson gostava de ser escrupulosamente justo* (ASS); *O desânimo apossava-se de todos* (ARR); *escolhas felizes de pessoas desejosas de trabalhar* (ORM); *Descoberta do lança-perfume? – disse Otávio* (Q) [**adjetivo + ~ +nome**] **22.** usada para pôr em evidência o adjetivo: *Teria mais recursos para administrar a fortuna que lhe deixou o bom do Odilon* (SE); *pensas que este é o idiota do teu marido?* (TEG); *Já estava a boba da mamãe com pena da peste!* (ANA).